

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

ELISA BORGES
VALÉRIA GONTARCZYK

A Escravidão na América Portuguesa e a experiência de ensino de História

FLORIANÓPOLIS
2015

**ELISA BORGES
VALÉRIA GONTARCZYK**

RELATÓRIO DA PRÁTICA DOCENTE

Relatório de Estágio Supervisionado apresentado como requisito para conclusão da disciplina Estágio Supervisionado de História III do Curso de Licenciatura e Bacharelado em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof. Dra. Mônica Martins Silva

Co Orientador: Prof. Me. Fernando Leocino da Silva

Colégio de Aplicação - UFSC

FLORIANÓPOLIS

2015

RESUMO: O seguinte trabalho é o resultado das experiências e reflexões desenvolvidas durante o estágio supervisionado de história da Universidade Federal de Santa Catarina, que aconteceu nos semestres de 2014/2, 2015/1 e 2015/2, no Colégio de Aplicação da mesma Universidade. O presente relatório tem como intuito sistematizar nossas experiências em torno do Colégio de Aplicação da UFSC, desde a observação do cotidiano escolar, bem como o cotidiano da sala de aula, o processo de planejamento das aulas e do material didático e aplicação dos mesmos na prática da sala de aula.

PALAVRAS- CHAVES: Ensino de História; Trabalho escravo e análogo ao de escravo; História dos africanos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1- O Colégio de Aplicação da UFSC.....	8
1.1.Breve Histórico e Espaço Físico.....	8
1.2 O Projeto Político Pedagógico do CA – PPP.....	10
1.3 A proposta do Ensino de História no Colégio de Aplicação.....	11
1.4 Observação da prática pedagógica.....	14
1.4.1 A observação durante o Estágio I.....	14
1.4.2 Reflexão acerca da observação das aulas no Estágio I.....	27
1.4.3 Observação das aulas no Estágio II.....	29
2.0 Planejamento.....	32
2.1 O ensino de História, as leis 10.639/03 e 11.645/08 e a cultura afro-brasileira.	33
2.2 Inserção do tema na historiografia geral e brasileira.....	35
2.3 Eixos Temáticos.....	37
2.4 O processo avaliativo.....	48
3.0 Eixo a prática docente: O uso de fontes diversificadas.....	48
3.1 As diferentes Linguagens, elaboração de materiais didáticos e a abordagem na sala de aula.....	52
4.0 As experiências Pedagógicas.....	55
Elisa Borges.....	55
Valéria Gontarczyk.....	57
Considerações Finais.....	59
BIBLIOGRAFIA.....	60
ANEXOS.....	62
Anexo 1.....	62
Anexo 1.1.....	66
Anexo 1.2.....	71
Anexo 2.0.....	74
Anexo 2.1.....	77
Anexo 3.0.....	84
Anexo 3.1.....	90
Anexo 3.2.....	92
Anexo 3.3.....	97
Anexo 3.4.....	102
Anexo 4.0.....	108
Anexo 4.1.....	112
Anexo 4.2.....	116

Anexo 5.0.....119
 Anexo 5.1.....124
 Anexo 5.2.....126
 Anexo 5.3.....130
 Anexo 5.4.....134
Anexo 6.0.....136
Anexo 7.0.....158
Anexo 8.0.....207

INTRODUÇÃO

O presente relatório é fruto dos semestres de estágio obrigatório, previsto no currículo de História da Universidade Federal de Santa Catarina. São três disciplinas de estágio. Estágio I, que cursamos ao longo do semestre de 2014/2 e que consistia na observação do cotidiano escolar do Colégio de Aplicação, além de aulas presenciais de discussão, buscando com isso, subsídios teóricos e práticos para o exercício da docência. O estágio II, que cursamos no semestre de 2015/1 consistiu na observação do cotidiano escolar e de nova turma que não a mesma do estágio I e claro no exercício da prática docência que para ser realizada, nos foi necessário desenvolver um plano de ensino e planos de aula. O estágio III é destinado à análise dos estágios anteriores e o compartilhamento de nossas experiências com a prática docência, sistematizando assim, nossas experiências em torno desse um ano de contato com a docência. Nosso estágio foi realizado no Colégio de Aplicação - UFSC, observando a turma do 9°C em 2014/2 e 9ºB em 2015/1.

No espaço reservado a prática docência, durante o semestre de 2015/1, resolvemos dentro da abordagem da América Portuguesa¹, trabalhar com a escravidão no Brasil Colônia conjuntamente com "jogo de escalas"², numa perspectiva de passado – presente – passado, optando através do tema, abordar o trabalho análogo ao escravo, lembrando que não é algo restrito a estados do norte e nordeste do Brasil. Tentamos dar enfoque no trabalho análogo ao de escravo que aconteceram e acontecem em Santa Catarina, tentando com isso, dar enfoque a uma história local. Enfatizando também que o trabalho escravo colonial não aconteceu só no nordeste e sudeste do Brasil, mas também

1 Sendo este tema, uma escolha do professor.

2 Jacques Revel

em Santa Catarina. Nosso intuito também era de buscar a valorização da cultura dos africanos e afrodescendentes durante a América Portuguesa, buscando também mostrar as relações sociais e estratégias dos escravos, além das práticas laborais que frequentemente são associados.

O presente trabalho é a elaboração sucinta, da reflexão acerca de nossos três semestres de estágio. Será composto dos seguintes capítulos: 1)O Colégio de Aplicação da UFSC; 2) Planejamento; 3) Eixo a prática docente: O uso de fontes diversificadas; 4)As experiências pedagógicas. Os capítulos citados serão abordados de acordo com nossa vivência escolar no CA.

1- O Colégio de Aplicação da UFSC

1.1.Breve Histórico e Espaço Físico

O Colégio de Aplicação da UFSC foi criado em 1961, com o intuito de servir de campo de estágio à prática docente aos alunos matriculados na Faculdade Catarinense de Filosofia. Enquanto escola experimental, o Colégio tem proporcionado o desenvolvimento de experiências pedagógicas e estágios supervisionados para os cursos de Licenciatura e Educação, segundo as exigências da Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996 (LDBEN).

Atualmente, o Colégio de Aplicação está inserido ao Centro de Ciências de Educação da UFSC, sendo uma unidade escolar que atende a comunidade por meio de sorteio, para o ensino fundamental e médio. Funciona em espaço próprio dentro do Campus Universitário Trindade, no município de Florianópolis. Segue a mesma política educacional adotada pela Universidade, no modelo tripé de Ensino, Pesquisa e Extensão.³

3

Histórico do Colégio de Aplicação. Disponível em: <<http://www.ca.ufsc.br/historico-do-ca/>>.

O Colégio de Aplicação possui uma estrutura física composta de quatro blocos. No bloco A funciona o setor administrativo e os Anos Iniciais; no bloco B funciona a Biblioteca, a Brinquedoteca, salas de Recuperação de Estudos, salas de projetos; no bloco C, os Laboratórios de Química, Física, Biologia, salas de Matemática, Geografia e Ciências (piso térreo); Laboratórios de Informática e Línguas Estrangeiras; salas de aula de Inglês, Espanhol, Alemão e Francês (1º andar) e salas de estudos dos professores (2º andar). No bloco D, segmento dos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.⁴

O Colégio de Aplicação funciona atualmente em período semi-integral, conforme aprovado no 1º Congresso Temático do Projeto Político Pedagógico. No Colégio de Aplicação o Ensino Fundamental (Anos Iniciais) funciona em dois turnos, com uma carga horária de quatro horas e vinte minutos diários. O segmento dos Anos Finais funciona no período vespertino, com uma carga horária de quatro horas e vinte minutos diários. No período matutino são ministradas três horas/aula de Educação Física (5ª a 8ª série) e mais duas horas/aula de Arte (8ª série).

O segmento do Ensino Médio funciona no período matutino, com uma carga horária de quatro horas e quarenta e cinco minutos diários. No período vespertino são ministradas três horas/aula de Educação Física (1ª a 3ª série), uma hora/aula de Arte (1ª série) e uma hora/aula de Língua Portuguesa/Literatura (3ª série). Todos os segmentos de ensino do Colégio têm aulas de recuperação de estudos no período inverso.

Horários e turnos do Colégio de Aplicação:

Turno Matutino:

4º e 5º ano: das 07h30min às 11h50min

Ensino Médio:

2ª/4ª/6ª: 07h30min às 12h15min

3ª/5ª: 07h30min às 12h30min

Turno Vespertino:

4

Informações obtidas no Projeto Político Pedagógico do Colégio de Aplicação. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Colégio de Aplicação. Projeto político pedagógico (versão resumida). Florianópolis: UFSC - Colégio de Aplicação, 2012. 22p.

1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental das 13h30min às 17h50min
Anos Finais do Ensino Fundamental das 13h30min às 17h50min.⁵

1.2 O Projeto Político Pedagógico do CA – PPP

Uma das principais propostas da disciplina Estágio I era a de promover, por meio da investigação, a pesquisa acerca de temas que permeiam o cotidiano escolar, assim como promover a aproximação dos estagiários da cultura escolar do Colégio de Aplicação. A nossa investigação tinha como tema a **Disciplina de História no CA: Diretrizes, Concepções teórico-metodológicas e prática pedagógica**, o que num primeiro momento nos levou a pesquisar e analisar o documento oficial que representa cada instituição escolar, o Projeto Político Pedagógico (PPP).

As versões do PPP a que tivemos acesso foi a versão resumida de 2012 que de certa forma é a mesma que de 2007, que um dos professores do colégio nos explicou que ainda está em (re)construção. Esta versão foi iniciada em 2007 com:

[...] encontros de planejamento estratégico e congressos temáticos com a participação dos quatro segmentos da comunidade escolar (pais, alunos, professores e servidores técnico-administrativos). Este processo foi moroso em função do número de participantes e dos espaços a serem planejados no calendário escolar, que oportunizassem a realização da dinâmica exigida para a efetivação desse trabalho.⁶

O propósito é o de construir um PPP que dialogue com a demanda de novas políticas públicas e necessidades da comunidade escolar, como, por exemplo, a

5

Ibidem. p.20.

6

<http://www.ca.ufsc.br/files/2012/04/PPP-revisado-CA.pdf>

construção do PPP foi um espaço de densas discussões teórico-metodológicas, visando um bem comum que seria a consciência de se ter um Colégio de Aplicação voltado ao ensino público, democrático e de qualidade.

O Projeto Político-Pedagógico é o plano global da escola. Deve ser entendido como a sistematização, nunca definitiva de um processo de planejamento participativo, que se aperfeiçoa e se objetiva na caminhada, a partir de um posicionamento quanto à sua intencionalidade e de uma leitura da realidade. É um importante caminho para a construção da identidade da escola. É um instrumento teórico-metodológico que expressa as opções da escola, as propostas de ação para concretizar o que se propõe a partir do que vem sendo realizado e o que se quer colocar em prática do que foi projetado. (PPP CA, 2012. p-5)

Sendo assim, o PPP é um documento presente em todas as unidades escolares. Toda escola tem um projeto elaborado que deve ser de conhecimento de todos os profissionais da escola, tendo que estar disponível para toda a comunidade escolar, professores, pais e alunos. O Projeto Político Pedagógico é um dos documentos que melhor representa a escola de maneira "formal", seus objetivos, sua filosofia, seu papel na comunidade que está inserida.

1.3 A proposta do Ensino de História no Colégio de Aplicação

Nosso tema de pesquisa no Estágio Obrigatório de História I foi o ensino de história do CA, que buscamos nos inserir mediante o PPP da escola, através de seu "currículo formal". Tentamos compreender quais eram os eixos norteadores e propostas teórico metodológicas e pedagógicas que poderiam estar evidentes ou não nos planos de ensino de História presentes no PPP de 2007. O que constatamos com nossa pesquisa é que o ensino de história quase não se relaciona com o currículo formal, visto que cada

professor tem uma maneira de trabalhar em sala, e ensinar história.

Observamos alguns pontos, como conteúdos e objetivos destacados nos planos de ensino dos professores, referentes ao ano de 2014, que ministram a disciplina de história do CA, e também o PPP de 2007, mais especificamente a partir do item 8.2, que seria o antigo programa da disciplina, onde são apresentados os "planos de trabalho gerais" de acordo com as séries. Também com base também na entrevista concedida pelo professor Fernando percebemos alguns pontos de mudança nas abordagens do ensino, e outros aspectos relevantes que julgamos necessário apresentar, de acordo com as séries. Notamos que em relação ao antigo programa da disciplina, - para a 5ª série que hoje seria 6º ano – e o plano de ensino atual de 2014, houve a permanência da abordagem que já estavam sendo utilizadas em 2007, que seriam os conceitos de pré-história e história, as antigas civilizações (Egito, China, Índia, Mesopotâmia), o homem no tempo. Chamou-nos atenção no plano de ensino de 2014 do 7º e 8º ano, a redução do conteúdo referente a Idade Média (presente nos planos de 2007) para a inserção de História da África Antiga e Colonial. O que pode ser justificado com a lei 10639/03, sendo ela anterior ao PPP 2007 (lei que tornou obrigatório o ensino da História da África e dos afrodescendentes). Há também a problematização da questão agrária na Roma Antiga e no Brasil Contemporâneo. Foi possível notar nos planos atuais dos professores a opção em deixar o estudo do século XX, para o Ensino Médio. No 9º ano, é trabalhada especificamente, a América Portuguesa, fazendo pontes com a história atual brasileira.

Cada professor tem a autonomia sobre o uso do livro didático e a frequência que utilizará do mesmo. No 9º ano, por exemplo, não é usado o livro por uma questão de tema, pois os livros trabalham século XX e o professor trabalha América Portuguesa, aí quando se opta por utilizar o livro didático, se trabalha com os livros do 7º e 8º ano. Já o 8º ano, utiliza-se somente do livro do 7º ano; o 7º e 6º ano, utilizam-se do livro do sexto ano. Segundo o professor, os 2º e 3º anos do Ensino Médio, são mais voltados ao ensino através do livro didático, por opção dos professores que trabalham nessas séries. Seguindo essa mesma linha de análise, de autonomia do professor, o mesmo também tem autonomia sobre as formas de avaliação.

A reflexão que fizemos de acordo com nossa pesquisa no Estágio I, foi que

independente do currículo formal não estar concluído, a escola consegue seguir adiante. É muito provável que essa percepção venha do entendimento de que o CA possui uma cultura escolar própria, como toda escola - sendo a cultura escolar uma junção de culturas e relações sociais, que vão além dos muros da escola - onde a organização e ação dos sujeitos é pautada pelo apreço ao debate democrático.

Podemos dizer que existem inúmeras características que aproximam os comportamentos das escolas, bem como as investigações sobre ela, e há uma infinidade de outras que os/as diferenciam. No entanto, parece não haver inconvenientes em considerar a escola como uma instituição com cultura própria. Os principais elementos que desenhariam essa cultura seriam os atores (famílias, professores, gestores e alunos), os discursos e as linguagens (modos de conversação e comunicação), as instituições (organização escolar e o sistema educativo) e as práticas (pautas de comportamento que chegam a se consolidar durante um tempo). (SILVA. P.202. 2006)

Também devemos reconhecer que o fato de existir uma ementa com os eixos norteadores não significaria que existiria um alinhamento total na prática pedagógica dos professores, ou, poderia até engessar um pouco. E isso também não significa que o ensino de História no CA seria melhor caso tivesse as diretrizes claras, até porque, um documento formal não consegue acompanhar a dinâmica e realidade de uma escola.

Então, mesmo que houvesse a formalização dos eixos norteadores, as escolhas teórico metodológicas e pedagógicas, ainda sim teríamos que ouvir cada professor para compreender o currículo em ação. Senão, correríamos o risco de fazer uma análise superficial de documentos formais esquecendo-se dos sujeitos e suas escolhas no cotidiano escolar.

Relembrando a proposta da disciplina de Estágio I, que se propõe como teórico prática, essa investigação, que teve início com a ideia de comparar os documentos formais como meio de encontrar respostas, no fim acabou provocando mais questões, reflexões do que respostas. Assim, conseguimos perceber como essa investigação nos provoca principalmente, a postura reflexiva. Em vários pontos do trabalho poderíamos ter

tomado outros caminhos, mas só conseguimos perceber após esse período de construção. Poderíamos, então, pensar que seria impossível uma escola, uma disciplina sem eixos norteadores claros conseguir construir conhecimento histórico, por exemplo. Essa seria uma resposta aceitável se ignorássemos a cultura escolar, o protagonismo dos professores e sua capacidade de mobilizar os saberes docentes.

1.4 Observação da prática pedagógica

A observação da prática pedagógica no Colégio de Aplicação aconteceu em dois momentos. O primeiro deles aconteceu no Estágio I no semestre de 2014/2, observando as aulas de história do 9º ano C- nono ano do ensino fundamental - no período vespertino, nos meses de outubro e novembro. As aulas eram ministradas pelo Professor Fernando Leocino da Silva. O segundo momento aconteceu no semestre de 2015/1, observando as aulas de história do 9º ano B – nono ano do ensino fundamental – que eram ministradas pelo mesmo professor, durante os meses de abril e maio.

1.4.1 A observação durante o Estágio I

O Estágio Supervisionado em História I é o primeiro momento de inserção, que nós futuras professoras de história, participamos. Foi um momento de nos colocar a par da realidade escolar, conhecer o colégio, o seu espaço físico, cultura escolar, além de nos proporcionar uma visão crítica sobre o ensino de história.

Durante essa disciplina de caráter teórico prática, ministrada pela Professora Dra. Mônica Martins da Silva, discutimos acerca dos saberes docentes, da cultura escolar e do conhecimento histórico escolar, visando a nossa preparação para observação da prática escolar.

A primeira aproximação com o Colégio de Aplicação foi no dia 29 de agosto de 2014. Fomos recebidos no Colégio pelo coordenador da disciplina de História e também professor Fernando Leocino da Silva. Nessa reunião de apresentação do CA, ele

aproveitou para nos colocar a par de várias questões tanto administrativas e até mais subjetivas, mas que estão presentes no cotidiano escolar e fazem parte da cultura escolar do CA. Além de questões mais objetivas como o horário de funcionamento da escola e horário das aulas.

Na apresentação, o professor Fernando comentou que, no momento, o Colégio de Aplicação estava passando por um processo de transição na administração, se referindo a troca da direção. Gestado através de uma direção de ensino, subsidiado por coordenadores, onde todos que concorrem a direção, por eleições, devem ser professores. O trabalho de coordenação é difícil, pois é um trabalho direto com a família, por isso não tem muitos professores se elegendo aos cargos. Comentou sobre uma das finalidades do colégio, como ser um campo de prática para os estudantes das graduações em licenciatura, assim como o HU é o campo de prática dos estudantes de medicina.

A escola responde a nível federal, tem certa liberdade, só não pode ferir a LDB (Lei de Diretrizes e Bases). O professor comentou que os recursos federais são bons, mas também de certa forma existem especificidades que impõe dificuldades a instituição escolar, como por exemplo, são somente 17 colégios de aplicação em todo Brasil, ou seja, um grupo pequeno para lutar por visibilidade e demandas dos CAs do Brasil.

O professor também procurou nos informar a cerca de outros cargos que contribuem para a gestão escolar como o cargo de supervisor escolar. Quem ocupa esse cargo é um pedagogo, responsável por coordenar a organização didática dos professores, o que inclusive fica na teoria, visto que a atual supervisora escolar não consegue dar conta de todos os professores, ficando a cargo do professor interessado buscar sua orientação. Há também o orientador educacional, que são pedagogos, e exercem uma função mais próxima dos estudantes com dificuldade. São considerados a ponte entre os coordenares de disciplina, direção e família.

Tocou no assunto, atualmente mais polêmico e que tem demandado mais esforços para chegar em uma resolução. O NAE (Núcleo de Acessibilidade) grande polêmica: a escola funciona por sorteio, e desde 2007, 5% das vagas são destinadas a alunos com necessidades especiais. Por conta de uma ação do Ministério Público, a

escola foi obrigada a abrir o núcleo de acessibilidade com pedagogos, fonoaudiólogos e psicólogos para fazer o acompanhamento desses alunos. De acordo com o entrevistado, a realidade é que são poucos os servidores e o seu plano de carreira não permite que trabalhem em sala de aula, pois são técnicos. Enquanto a Universidade não pode contratar o segundo professor, recorreu-se a contratação de bolsistas em licenciaturas para acompanhar o aluno com necessidades especiais, o que pode resultar em dificuldades visto que a escola não pode cobrar uma postura pedagógica dos bolsistas. Esse é um dos pontos onde o professor Fernando comenta sobre a dificuldade em uma escola ser regida pela esfera federal, pois a regulamentação sobre a carreira desse segundo professor que deve acompanhar o aluno portador de necessidades especiais, não existe.

Diante da fala do professor Fernando, e ele mesmo teceu comentários sobre as demandas especiais como a da Inclusão, e reforma curricular que não consegue ser concluída, já vai ajudando a desconstruir a ideia do CA ser uma escola com uma realidade utópica e sim constituída de complexidades. Por exemplo, o sorteio de vagas resulta em um público de grupos sociais distintos. O professor propõe a reflexão, como pensar em uma aula que atinja e tenha significado para públicos tão diferentes? O professor coloca esse, como um dos maiores desafios do professor e do estagiário no Colégio de Aplicação. Como mobilizar saberes que atinjam diferentes públicos? Devido a essa complexidade, há um limite de 25 alunos por turma, uma tentativa de tornar a relação professor/aluno mais próxima, assim como o acompanhamento da orientação educacional e o acompanhamento e aproximação da escola e da família.

Na primeira aula que observamos (de 45 minutos), o professor Fernando estava dando continuidade ao conteúdo que ele já vinha trabalhando e que estava destacado em seu plano de ensino, a desconstrução do Herói Nacional, representado por Tiradentes. Entramos na sala, os alunos estavam fora dos seus lugares, alguns saindo da sala, conversando. Procuramos lugares para que pudéssemos observar, enquanto ele cobrava pelos textos, e os alunos perguntavam sobre o prazo de entrega de uma tarefa que eles acreditavam ser nesse dia. O professor fez a chamada, escreveu no quadro a data, o título do texto " A outra face do Alferes" do autor Paulo Costa e Silva. Avisou da nova data da SEPEX, e os alunos perguntaram quantas semanas ainda teriam de aula. Ele

respondeu 5 semanas, houve uma certa euforia, mas o professor lembrou que o prazo para os cadernos memoriais estava acabando também.

Para iniciar a aula, o professor começa retomando conteúdo das aulas anteriores através de perguntas, não perguntas isoladas, mas enquanto fala lança perguntas para a sala em geral. Começa perguntando "O que estamos estudando?", e os alunos respondem "Tiradentes", o professor lança nova pergunta "O que ele era?", e a primeira resposta "era herói". Depois disso alguns alunos participam, mas sem dar respostas muito elaboradas, alguns tentam responder no sentido de "tentativa e erro" insistindo até conseguir acertar. Independente disso, o professor consegue ouvir algumas respostas que correspondem a sua pergunta, quando está errado ele corrige ou complementa. Depois de estimular a memória dos alunos o professor relacionou o assunto abordado ao texto que eles leram "A outra face do Alferes", e faz questionamentos como "E o texto? ele trata do Tiradentes como herói?". A resposta dos alunos que falaram foi unânime "Não", "fala das coisas erradas", "fala da parte humana dele". Então, o professor compara o período que eles aprenderam de como Tiradentes havia sido divulgado como herói, com o texto que eles estavam tendo contato, com uma parte da vida particular do Tiradentes. Novamente lança a pergunta "mas por quê essas informações não faziam parte da sua história como herói? Herói mente para as pessoas? Herói deflora moças prometendo se casar com elas?". Os alunos respondiam que não, o professor então reforçou o conceito de construção de memória coletiva comentando que para se construir um herói não pode contar sobre coisas comuns, que todo ser humano comete erros, "Não somos só bons, ou só maus, temos os dois lados. Por exemplo: eu me acho um ótimo professor, mas vocês devem reclamar de mim o tempo todo dizendo que o professor Fernando é chato".

O professor aproveitou acontecimentos do presente para usar como exemplo de construção do herói usando a campanha eleitoral para presidência. "O PT constrói a Dilma Coração Valente, o PSDB constrói o Aécio da mudança, mas ao mesmo tempo desconstruem o oponente. E como eles fazem isso?", alguns alunos respondem "falando da vida do outro", e começam a imitar jargões das campanhas, ou palavras muito usadas nos debates, o que demonstra que boa parte dos alunos de alguma maneira estavam

acompanhando as eleições. Então, o professor comentou " mostra-se herói mas também ataca o oponente".

A partir dessa discussão o professor comenta como a História não se trata somente do passado, mas também de rupturas e continuidades como, por exemplo, o papel da mídia e do governo na construção do próprio Tiradentes, colocando seu nome em ruas, músicas, etc. Os momentos em que ele foi usado como herói, como na República e depois pelos militares, sendo que quando ele foi julgado ele era tido como um vilão pela Coroa Portuguesa. O Professor seguiu com texto, mas agora fazendo uma leitura coletiva com os alunos. Entre um parágrafo e outro pergunta se sabem o significado de uma palavra, chama a atenção para determinados pontos para conferir se estão entendendo o que estão lendo. Pede para grifarem alguns pontos do texto.

Nos minutos finais, o professor avisou que iriam fazer um seminário sobre esse texto, e que, diferente do outro seminário que já haviam feito, esse teria uma alteração. Antes eram 6 grupos, 2 como apresentadores do texto, 2 grupos como questionadores e outros dois grupos como avaliadores. Porém, dessa vez, seriam apenas 4 grupos, os apresentadores e questionadores, pois, segundo ele, os avaliadores foram muito passivos na atividade e nas avaliações, 4 equipes com 6 alunos cada, e não os deixou escolherem quem seriam apresentadores e questionadores, foi ele mesmo quem determinou isso. Explicou sobre como seria a avaliação do grupo e individual, que queria um resumo por parte dos apresentadores e 10 questões sobre o texto para os questionadores. Deu algumas orientações gerais sobre as questões que poderiam ser desenvolvidas, avisou que a tarefa que eles haviam perguntado era para ser entregue na próxima aula e que a aula seguinte seria sobre outro tema. Faltando mais ou menos 5 minutos para encerrar a aula os alunos já estavam se preparando para ir embora.

Nessa primeira aula conseguimos perceber as estratégias metodológicas do professor Fernando, principalmente quando se trata de provocar o aluno através de perguntas enquanto articula conteúdos já trabalhados relacionando com o que está abordando na aula. O que mais nos impactou, nesse dia, foi como ele articulou o presente e o passado, aproveitando o tema das eleições para exemplificar a construção da memória coletiva, herói e os agentes que colaboram para essa construção e seus interesses. A

resposta em forma de inquietação, risadas, e algumas respostas mais incisivas por parte dos alunos que sua escolha por articular com esse tema do presente conseguiu provocá-los e provavelmente aumentando a compreensão das relações, entre construção do herói, as escolhas que são feitas, por quem são feitas e por que?

Ainda pensando na gestão da matéria, o professor usou como estratégia a leitura coletiva, esclarecendo pontos do texto que talvez fossem mais difíceis para os alunos compreenderem e os ajudou a grifar algumas partes do texto. A mediação didática do professor nos ficou evidente ao não optar por textos elaborados para um livro didático, ele optou por textos de livros e textos publicados na Revista de História da Biblioteca Nacional, ou seja conteúdo mais próximo da produção acadêmica, mas não incompreensíveis para os alunos. As estratégias para que a discussão dos textos ganhe corpo em sala reside nas perguntas, questionamentos lançados para a turma e principalmente as atividades que ele elabora envolvendo os textos, que, no caso dessa aula, houve a leitura dialogada, articulação com o presente aumentando o significado do conteúdo para o aluno e um seminário que mobiliza não só a leitura, mas também a compreensão, escrita e exposição do que aprendeu ou entendeu sobre o conteúdo do texto.

Também percebemos que ao trazer esses textos ele consegue trabalhar conceitos caros à história como fonte, por meio do processo de Antônia Maria do Espírito Santo (concubina de Tiradentes). Ele não trouxe a fonte, mas o texto que o tempo todo trata sobre ela, sobre ausência de outras fontes que pudessem ajudar a reconstruir o passado do Tiradentes de forma mais completa. Consegue problematizar determinados temas que o texto aborda como valores de época propiciando a discussão sobre Tiradentes como um homem de seu tempo e inclusive que esses dados em nada o diminuem como ser histórico, mas revela um ser humano comum. Entendemos que dessa forma, usando a construção de um herói, o texto que analisa o processo e desconstrói o mito, o professor Fernando conseguiu explorar conceitos importantes para a História.

Segundo dia observação: aula faixa de 50 minutos (quarta-feira, duas primeiras aulas).

Professor entra na sala, os alunos estão até que tranquilos, faz a chamada e pergunta

quem está fazendo o memorial. Alunos tentam não responder diretamente, mas fica claro que ninguém tem trabalhado no caderno de memórias. Comenta que as orientações para o seminário poderão ocorrer no horário de recuperação e anuncia o tema da aula, revoltas. Começa perguntando "O Brasil é país... o país da diversidade?" a maioria dos alunos responde um claro "não", o professor continua " O Brasil então é o país da miscigenação? de várias culturas?", enquanto os alunos respondiam negativamente, um aluno negro fala mas não alto o suficiente " é racista". O professor continua com seus questionamentos, "aprendemos a respeitar essa diversidade?" Será que o brasileiro é preconceituoso?" a resposta dos alunos foi "muito", um aluno comentou " Sulista tem preconceito com nordestino, os gaúcho com catarinense...". O Professor então questiona " Onde está a diversidade?" e começa a projetar posts que ele recolheu das redes sociais. O posts que ele escolheu possuíam forte teor xenofóbico, racista e com muitos palavrões direcionados aos nordestinos referente ao resultado das urnas no primeiro turno onde Presidenta Dilma, teria ganhado mais votos. Ele lê para os alunos e expressa sua opinião principalmente de assombro e indignação pelos comentários. O impacto também foi grande nos alunos, mas muitos conheciam esse tipo de comentários da sua própria rede social.

O professor continua seus questionamentos a cerca dos comentários, "De onde vem esse preconceito? de onde vem essa memória?". Os alunos ficam em silêncio e o professor continua "Foi isso que estudamos sobre o Nordeste lá no início do ano? o Nordeste é o que eles dizem?", alguns alunos dão respostas negativas. O professor relaciona a realidade atual do nordeste com seu passado de exploração, "Nós vimos que essa região foi explorada por 300 anos", relacionou com questões geográficas, o projeto de exploração da coroa portuguesa, relacionou também com a atualidade da exploração política sobre os governos recentes.

Ao encerrar sua fala, o professor segue para a próxima etapa da aula e comentando sobre a próxima atividade estar relacionada ao texto. Os alunos recebem a notícia com ironia "Ah! só para variar". O professor questiona o título enquanto entrega os textos, "O que significa?". O título do texto: "Morte aos Impostos! Viva o Rei!" de Luciano Figueiredo. Então, o professor inicia a leitura dirigida com os alunos dos três primeiros parágrafos,

pede para que eles sublinhem uma palavra de cada parágrafo, de preferência que simbolize o parágrafo. Após a leitura dos primeiros parágrafos o professor os separa por números até seis, formando seis grupos, com mais ou menos cinco alunos, para que eles continuem a leitura discutindo entre eles e tirando dúvidas acerca do texto. Por fim, o professor relembra-os mais uma vez sobre o caderno memorial e que eles deveriam escolher dentro dos temas das aulas, relacionando com o atual e sendo o último trimestre eles deveriam utilizar de algum outro meio, como exemplo a mídia, os veículos de comunicação, que expressem a atualidade. Encerra a aula.

Análise

O Professor Fernando aborda como tema central de sua matéria no nono ano, o Nordeste Brasileiro, deu bastante enfoque para ele no início do ano, e com as eleições esse enfoque 'caiu muito bem' com a atualidade que vivenciamos principalmente, no mês de outubro. Vendo que a Xenofobia, o Racismo, estavam ganhando enfoque através do Povo Nordestino, o Professor achou pertinente rememorar e fazer os alunos 'avaliarem', tais situações que estavam se tornando recorrentes nos veículos de mídia. Ao fazer isso, o professor utiliza novamente, da oportunidade em lançar presente sobre passado sobre presente, como num jogo de espelhos, para que os alunos, com alguns questionamentos do professor consigam rememorar, refletir e desconstruir, essas colocações extremamente preconceituosas. Ele começa a aula indagando os alunos a respeito do Brasil ser o País da diversidade, sobre ser diverso e ao mesmo tempo preconceituoso. O professor demonstra, não somente através dessa abordagem, a dominação do tema, pondo em prática seus saberes plurais acerca de sua docência, desde seu saber profissional através de sua ideologia pedagógica à sua formação dentro das ciências da educação, como o saber disciplinar, quando aborda questões geográficas para melhor embasamento sobre sua argumentação; saber experiencial que ele adquiriu dentro e fora da sala de aula, mas que o servem para melhor argumentar; e de certo modo o saber curricular, que apesar de no colégio de aplicação não haver uma ementa geral da disciplina de história atualizada, acaba dando oportunidade através da "autonomia" de cada professor de no caso, optar por trabalhar América Portuguesa no nono ano, e dar mais ênfase ao Nordeste. Assim como nas outras abordagens praticadas pelo professor em sala de aula, notamos que ele

consegue tomar a atenção e participação da turma e dominar bem o conteúdo que está sendo trabalhado.

Terceiro dia observação: aula faixa de 50 minutos (quarta-feira, duas primeiras aulas).

A proposta para aula é um jogo como atividade. O professor escreveu no quadro:

Revoltas Nativistas: Guanabara; Salvador; Vila Rica; Maranhão

Revoltas Separatistas: Conjuração Mineira; Conjuração Baiana.

O professor começa a aula com a chamada e os alunos um pouco agitados, devido ao fato de ocorrer essa brincadeira, que já havia sido previamente avisada, teria sido dito para que estudassem um pouco, revissem as revoltas, pois não poderiam usufruir de seus materiais. O tema do Jogo já havia sido trabalhado anteriormente pelo professor, assim, essa proposta seria como uma revisão do conteúdo, através de uma brincadeira de descontração e aprendizagem ao mesmo tempo. A turma foi dividida do mesmo modo que já havia sido feito, distribuiu-se os alunos, de acordo com uma contagem até 5, todos que fossem sorteados com o número 1, seriam um grupo, e assim por diante. O jogo tinha cartilhas que ficavam com o professor, com perguntas enumeradas, cada cartilha se referia a uma revolta, ou personagem marcante de alguma revolta, como Tiradentes, ou até mesmo algum "objeto" como o imposto ou ouro. Assim, cada grupo escolhia um número da cartilha, que deveria dar-lhes um pista para encontrar a resposta. Quem acertasse ganhava uma figura simbólica de coroa. O jogo acabou estimulando a competitividade e a intenção de participar e acertar, o que deu muito certo, pois quase todos os grupos acabaram participando e empatando entre si. Passamos as duas aulas empenhados no jogo histórico.

Análise.

O saber experiencial fica claro sobre a abordagem que o Professor opta em fazer em sala de aula. Um conjunto de saberes, análises e práticas se modelam, para que se chegue à uma prática concreta, como o jogo histórico. O Professor consegue manter a boa participação, interação da turma diante dos questionamentos, demonstrando uma boa gestão de turma por parte do professor, que consegue a participação, ainda que não através de respostas concretas mas em tentativas, a atenção da turma. O Professor tem total domínio sobre sua matéria, e conseqüentemente, sobre os assuntos e problemáticas

que derivem de sua temática, o que acaba sendo de total importância, sendo que os alunos necessitam dessa certeza para que melhor possam se desenvolver de acordo com essa atuação de certeza, que os leva a acreditar, confiar e ouvir.

Aula dia 05/11 quarto dia observação: aula faixa de 50 minutos (quarta-feira, duas primeiras aulas).

Como de rotina o professor entra na sala, faz a chamada, há uma certa movimentação dos alunos na sala. Eles estão conversando entre si, andam de um lado para o outro carregando suas anotações e xerox. Uma das alunas fala para outra que está nervosa, a colega de grupo a acalma e fala que "é só dar sua opinião sobre o texto".

O professor comenta com alguns alunos que a terça-feira teve horário (no contra turno) de atendimento para tirar dúvidas sobre o seminário, mas ninguém compareceu. Ele desenha no quadro qual a configuração que as carteiras tem que ficar posicionadas. Escreve no quadro : Seminário " A outra face do Alferes" de Paulo Costa e Silva. Enquanto isso os alunos entregam cópias: os grupos que iriam apresentar o texto entregaram cópias dos resumos que haviam escrito e os questionadores entregaram as questões elaboradas por seus grupos, mas somente para nós e o professor.

Então quando todos estavam sentados com seus grupos, o professor entregou as fichinhas avaliativas que tanto ele como nós iríamos preencher, mas os grupos também iriam avaliar uns aos outros. O professor explicou os itens que constavam nas fichas, as regras do seminário e passou a palavra aos grupos A (apresentadores) para iniciarem a exposição do texto. A dinâmica foi interessante, no início parecia que havia um aluno como porta voz da apresentação, mas no decorrer da apresentação, os demais integrantes iam contribuindo com a fala do apresentador. Enquanto o professor ouvia a apresentação, ele disse que ia tentar não falar muito para deixar que eles dessem o ritmo da apresentação, pediu para notar como os alunos insistem em apresentar para nós e não para os grupos, mesmo que a confirmação dos lugares ocupados fossem diferentes do comum. Outra observação que ele fez as questões apresentadas pelos grupos B (questionadores) é que pelo fato de ter duas letras diferentes nas folhas significaria que provavelmente não construíram as questões em conjunto.

Questões interessantes que tanto o texto abordava quanto o professor chamara a atenção

nas suas aulas, foram expressas nas falas dos alunos como por exemplo: não era possível saber se Tiradentes era realmente assim (como o texto abordou) por que há falta de documentos para comprovar (o autor também ressaltou esse dado), ou ainda, que muitas coisas eram combinadas na base da palavra, que o Tiradentes era um homem de seu tempo e para um dos alunos, ele conseguia considerar o Tiradentes um herói, mas não quis entrar em detalhes. Porém havia muita contradição na própria fala deles, o que era de se esperar, pois ao mesmo tempo eles também não conseguiam separar seus valores das informações que leram no texto. Um exemplo disso é que em alguns momentos comparava a situação da concubina Antônia Maria dos Santos como uma situação de pedofilia nos tempos atuais, "ele seria considerado um pedófilo". Outros momentos eles afirmavam que Tiradentes era mesmo um mentiroso como havia afirmado a Maria, embora o texto não afirme que ela estava dizendo a verdade. O professor procurou interferir o mínimo possível, mas as vezes perguntava o por quê? quando a afirmação era uma certeza.

Após a apresentação, ele passou a vez para os questionadores. A ideia seria um grupo de questionadores faz uma de suas questões para um dos grupos de apresentadores, após a resposta o outro grupo de apresentadores pode responder, questionar ou complementar a resposta do outro grupo, depois o grupo de debatedores deve dizer se a resposta estava correta ou não e revelar sua própria resposta aos apresentadores. Foi interessante notar que algumas vezes eles se perdiam ao fazer a pergunta de forma diferente do que estava escrito, porém comentando com o professor, ele disse que isso demonstra que eles estão repensando a pergunta após a exposição do texto pelos colegas. Em momento algum a resposta foi certa e objetiva como os debatedores tinham respondido em seus questionários, mas no geral poderiam ser reconhecidas como corretas, ou incompletas. Foi interessante ver que algumas vezes os alunos questionavam a elaboração da pergunta, pois nem sempre o grupo de questionadores conseguia explicar melhor o que estavam perguntando.

No geral a dinâmica da atividade foi interessante, pois os alunos conseguiram se fazer ouvir e ouviram os demais, ouvimos até um "mas já acabou?". Alguns alunos não quiseram falar e por isso mesmo ao término da aula pediram ao professor que não fizesse

a avaliação na aula seguinte (11/11) pois não tinham participado " E como fica minha nota professor se eu não falei nada?". O professor Fernando não gosta da ideia de estender o seminário, fala que estão atrasados no cronograma mas cede ao pedido dos alunos.

Análise:

O professor Fernando havia nos informado que havia feito essa atividade somente uma vez, e ainda estava ajustando a atividade pois não tinha conseguido o que queria no primeiro seminário. A sua escolha pelo modelo de seminário apresentadores x questionadores foi interessante por ser uma outra proposta em lidar com a leitura e estudo de texto, ouvir as percepções que os alunos tem sobre o que foi estudado e como mobilizam o conhecimento para explicar seu raciocínio sobre o tema. Não negamos que foi uma surpresa a adesão de alunos comentando a cerca do que entenderam, inclusive eles se saíram melhor na fala do que na produção do resumo sobre o texto. Mas ainda a posição mais ativa nessa atividade é a dos grupos de apresentadores, os questionadores ainda ficam em uma posição mais confortável ouvindo o que os colegas tem para dizer.

Percebemos que mesmo com o nervosismo de alguns alunos durante a apresentação, estão acostumados com esse tipo de auto exposição. O professor atuou como mediador do seminário e algumas vezes questionando as certezas que os alunos traziam para argumentar sobre determinados aspectos, outra corrigindo e incentivando que eles comentassem mais determinados pontos.

Para nós também foi uma surpresa ele nos colocar na posição de avaliadoras, não esperávamos por isso e nem sabíamos ao certo como e o que avaliar, mas foi interessante como primeira experiência e também provocação, pois o fato de não sabermos o que exatamente deveríamos avaliar causou desconforto. Porém esse desconforto provoca a reflexão, não é fácil avaliar um aluno, compreender as limitações diante das hipóteses apresentadas pelo autor. A atividade também é rica na questão de podermos ouvir mais o aluno, claro que eles falaram sobre determinados conceitos que já vinham sendo trabalhados pelo professor como documentos, memória, herói, vida privada, pontos de vista e isso pudemos ouvir durante as respostas, mas a contradições também estavam nessas respostas como juízo de valor, certezas, etc. Essa atividade sem dúvida foi a mais

marcante durante a observação.

Aula dia 11/11 quinto dia observação: aula faixa de 50 minutos (quarta-feira, duas primeiras aulas).

Para não perdermos o encerramento da atividade de seminário, assistimos essa última aula antes da avaliação. Tanto nós quanto o professor Fernando estávamos na porta quando o sinal tocou porém a professora de português demorou para sair. Quando saiu disse que a turma ainda estava no clima da atividade de debate da aula dela. De fato ainda havia alunos sentados nos seus lugares conversando uns com os outros.

Devido ao tempo, o professor começa os informes após a chamada. Avisa sobre a avaliação que seria no dia seguinte, comenta os textos que devem estudar e pede para aproveitarem o seminário como uma forma de exercício para a prova.

Sentados no modelo do seminário, professor pede para que rememorem o que havia sido falado no seminário da semana passada. Mas os alunos estão agitados e provavelmente deve ser resultado do debate da aula anterior. Os alunos tem muita dificuldade em retomar o texto, na verdade alguns alunos não lembravam que teria o seminário.

A intervenção do professor teve que ser maior nesse dia, pois o debate não estava fluindo. Ele começou a perguntar para que servia esse texto no cotidiano escolar, e alguns alunos respondem para conhecer os dois lados. O professor pergunta novamente, " para que os dois lados do Tiradentes serva para a minha vida?", alunos tentam responder dizendo que ele era uma pessoa humana. Então o professor reafirma com outras palavras " Oras o professor Fernando não tem um lado só, só uma faceta, tem várias. As pessoas tem várias facetas e isso é normal". Ele pede para uma dos grupos dos questionadores fazer uma pergunta, mas ela tinha sido mal elaborada nem os apresentadores e nem nós entendíamos o que eles queriam perguntar. Nem o grupo que havia elaborado a pergunta conseguia entender o que estava perguntando. O professor falou " Perceberam? eles perderam o tempo do seminário, não lembram e era isso que eu tinha medo que acontecesse. É muito tempo entre uma aula e outra quase uma semana, eles perderam o tempo".

O professor procurou relacionar essa faceta que o texto abordava de Tiradentes para lembrá-los do processo que eles estudaram desde o início sobre a construção da memória do herói até esse momento de desconstrução. Pontua partes importantes do texto

principalmente no que se refere as afirmações sobre o que foi descoberto no processo que Maria Antônia do Espírito Santo ainda seriam uma versão pequena do passado de Tiradentes e que isso não o desqualificava como sujeito histórico e nem como herói.

Uma aluna que havia faltado no primeiro dia do seminário perguntou como ficaria sua nota sem o seminário. O professor pediu para que ela fizesse um resumo sobre o texto " A outra face do Alferes" de Paulo Costa e Silva. A aluna não gosta mas aceita e o professor pergunta " Você acha que de alguma forma eu estou te prejudicando? eu acho que não né? assim você acaba estudando para a avaliação de amanhã". A aluna continuou demonstrando insatisfação mas aceita. Nos últimos minutos, alguns alunos conferem os textos com o professor e ele os acalma quanto a avaliação.

Análise:

A diferença do rendimento dos alunos foi muito grande de uma semana para outra, eles realmente não estavam sintonizados com a discussão como estavam na semana anterior. Porém não dá para apenas responsabilizar o tempo, os alunos saíram de um debate da aula anterior e provavelmente eles haviam estudado para o debate assim como para o seminário, porém é inegável que parecia que muitos dos conceitos que eles haviam mobilizado durante a fala pareciam ter esquecido.

O professor Fernando percebeu que não foi uma boa opção estender a atividade, mas que é assim mesmo e também se aprende com os erros. Concordamos com isso, afinal ele mesmo está aprimorando o modelo de seminário e os erros ajudam ao processo de reflexão do próprio professor, caso ele esteja aberto a refletir sobre sua própria prática. Nesse sentido percebemos que o professor Fernando costuma refletir sobre suas escolhas de conteúdo e atividades e os resultados que elas geram ou não. Ele mesmo comentou que reconhece ter dificuldade de avaliar os alunos, por isso ele gosta de atividades como o seminário e o Caderno de Memórias, pois ele consegue ampliar as possibilidades de entrar em contato com a construção do conhecimento histórico do aluno.

1.4.2 Reflexão acerca da observação das aulas no Estágio I

Acreditamos que a boa impressão que tivemos dessa primeira observação se deve ao fato do professor da turma compartilhar da sua prática de formação tão abertamente. Isso ajudou muito a compreender as atividades, os objetivos do professor e a metodologia.

Ficamos impressionadas ao perceber que boa parte dos alunos liam os textos, mesmo que tivessem dificuldade em elaborar as respostas aos questionamentos lançados pelo professor.

Quanto ao professor Fernando, a fala dele sempre nos remetia a imagem do professor pesquisador, pois ele busca utilizar de outros materiais para abordar o conteúdo em sala, mas o faz através de estratégias muito diferentes como representar o próprio Tiradentes, não esquecendo de deixar claro que tratava de uma versão da história. Demonstrou ter preocupação tentando conversar com o presente do aluno, como na questão da construção do herói, partindo dos heróis do universo dos alunos. Também demonstrou uma prática bem reflexiva sobre seu próprio trabalho, e isso reflete na sua escolha das atividades como por exemplo os seminários e o caderno de memórias.

Por ter sido pouco tempo, não é fácil perceber exatamente os saberes docentes operados por ele, mas é possível perceber que ele não tem uma tendência de valorizar mais um saber do que outro. Ele mesmo concorda que saímos da Universidade com muitas dúvidas de como dar aula, como ensinar, e isso é normal. Através de suas escolhas metodológicas em trabalhar com textos da Revista de História da Biblioteca Nacional, ele atua como mediador desse conhecimento. Assim, não impõe, mas provoca o questionamento ao apresentar diversas versões sobre o sujeito histórico, os meios de construção dessa memória e relaciona ao universo dos alunos ao articular com a memória que os pais deles tem do herói, ou a construção dos heróis atuais como no caso das eleições.

Mesmo tendo dificuldades em analisar os saberes docentes mobilizados pelo professor, acreditamos que seria impossível passar por essa observação de maneira mais reflexiva se não fossemos preparados para isso. Observar e descrever pode ser uma prática muito simples, julgar a prática do outro a partir do seu ponto de vista também, pensar que uma aula consiste em expor o conteúdo e definir certas exigências também, é uma armadilha fácil. Perceber que o professor utiliza de diversas estratégias para mediar o conhecimento através de uma postura mais questionadora do que expositiva, formas diferenciadas para estimular o estudo do texto para além da leitura coletiva, relacionar o conteúdo com o presente de forma que tenha significado para o aluno, isso só para citar as escolhas mais

evidentes nesse pouco tempo de observação, nos parecem boas formas de contribuir para nossa formação. Assim como o professor, ao propor a atividade de seminário para os alunos com o objetivo de provocar a reflexão sobre as informações do texto, a observação amparada no estudo teórico prévio sobre as categorias saberes docentes, cultura escolar, gestão de classe e da matéria, nos sensibiliza o olhar para o cotidiano da sala de aula. A reflexão não é simples e nem por isso mesmo fácil de ser feita, mas é um processo que nos mostra que a prática docente é muito mais complexa do que a nossa memória escolar nos permite compreender.

1.4.3 Observação das aulas no Estágio II

Nesta segunda etapa observamos as aulas de história do 9º ano B, do Colégio de Aplicação com o mesmo professor responsável do Estágio I, Fernando Leocino da Silva. Observamos cerca de 8 aulas de história. Diferente da observação do estágio I que era voltado ao professor e sua prática, a observação no estágio II tinha como objetivo conhecer as dinâmicas das aulas de história bem como as características da turma que desenvolveríamos a regência, com finalidade em nos subsidiar para o planejamento de nossas aulas.

A turma era composta por vinte e cinco alunos (13 meninas e 12 meninos), com faixa etária de 13 – 15 anos, sendo alguns repetentes. A turma era agitada, repartida em grupinhos de afinidade, mas com bom envolvimento entre os demais grupos. No momento de entrada e troca de professores sempre havia bastante agito, a maioria deles saía da sala ou ficava na frente da porta conversando e interagindo com outros estudantes de outras turmas. Nas aulas em que observamos o conteúdo que estava sendo abordado era “a chegada dos portugueses ao Brasil e os nativos indígenas em meio a isso” e a “economia colonial e as *plantation*”. A aula de história do professor Fernando começava quando o professor entrava na sala, os alunos se acomodavam, quem ainda não estivesse acomodado se acomodava quando o professor ia até a porta e a fechava, logo fazia a chamada, que soava como um sinal de início da aula e em seguida escrevia no canto do quadro, “Aula de História, dia tal, professor Fernando” e ia utilizando o quadro na medida

em que buscava retomar a memória deles sobre o que estavam aprendendo naquele momento, através de indagações.

Não havia espelho de classe na turma, porém os lugares já eram demarcados pelos próprios alunos, que sempre sentavam perto de seu vínculo de afinidades e por conta disso, talvez, ultrapassassem as conversas paralelas em meio às aulas, sendo necessário às vezes, chamá-los a atenção. O professor buscava estabelecer certa disciplina em meio ao cotidiano das aulas a exemplo disso, tem o meio estabelecido por ele com a turma sobre as idas ao banheiro e bebedouro, que era estabelecida da seguinte maneira: em primeiro horário eles não podiam pedir para ir ao banheiro e beber água, tendo em vista que deveriam fazê-los no momento em que aguardavam o sinal para começo da aula; no segundo horário já podiam fazê-los, mas da seguinte forma, para evitar tumulto, cada aluno tinha a possibilidade de sair de sala para ir ao banheiro ou beber água desde que escrevesse seu nome no canto do quadro (sem centralizar pedidos no professor), sem precisar pedir autorização ao professor, mas cada um que fosse deveria observar se o colega que havia posto o nome por último já tinha retornado, só assim poderia ir; cada aluno tinha direito a sair de sala sob esses intuitos uma vez por aula. Em média poucos saíam, cerca de três a cinco alunos, sendo que vez ou outra estes que saíam levavam garrafas de água de colegas para encher.

Durante a observação podemos notar a forte interação entre professor-alunos de maneira verbal, num diálogo em que todos tinham a vez. Sendo possível identificar esse aspecto através do cotidiano da sala aula, a maneira como os alunos realizam as perguntas e o professor as responde; a forma como o professor expõe o conteúdo e como indaga aos alunos.

Não é incomum em face ao meio escolar, encontrarmos professores que expõem seu conteúdo através do quadro negro, para que os alunos copiem, focando a atenção deles para o ato de copiar ao mesmo tempo em que se escuta o professor expondo seu conhecimento, restando pouco tempo de interação e reflexão com os alunos. Diferente desse método, as aulas do professor Fernando eram muito voltadas ao diálogo, permeada de questionamentos que visavam o estímulo e envolvimento dos alunos para elaboração de respostas a fim de exprimir suas opiniões e envolve-los com as aulas e conteúdos,

levando em consideração os saberes prévios dos alunos. Através desse método conseguia desenvolver uma proximidade com os alunos, os encorajando a falar e expor mais seus conhecimentos. Questionar aos alunos e dar-lhes tempo de reflexão e de resposta torna o ambiente da sala de aula, um espaço de reflexão para ambos “os lados”. Tanto alunos, quanto professores, são sujeitos que desenvolvem certo protagonismo nas aulas.

Quanto ao uso de materiais didáticos, o professor opta por não utilizar o livro didático, até porque o conteúdo em que ele selecionou para os nonos anos não está contemplado nos manuais didáticos voltados ao nono ano. Acaba então, dando preferência em utilizar os materiais que ele mesmo elabora, ou adapta como textos que são retirados da Revista de História da Biblioteca Nacional. Utiliza de variados textos e os explora muito bem com os alunos, na maioria das vezes pedia aos alunos que lessem de maneira silenciosa e sublinhassem algumas informações que julgasse ser importantes ou informações que o próprio Fernando os pedia, em forma de perguntas escritas no quadro, em seguida lia em voz alta para e com a turma. Algumas vezes também seguia de outra estratégia, que era pedir a algum aluno que começasse a leitura em voz alta para toda a sala acompanhar. Não utilizava tão somente de textos, mas também de mídias, como filmes e animações que também tinham como intuito o aprendizado e reflexão dos alunos, sendo facilmente pausados pelo professor que levantava questionamentos aos alunos, ou aplicava uma ficha de questões para serem respondidas pelos estudantes em sala, sobre reflexões acerca do conteúdo que estava sendo exposto através destes recursos midiáticos. Podemos dizer que há todo um cuidado oriundo do Fernando em desenvolver habilidades de leitura e interpretação crítica e reflexiva sobre textos e conhecimentos históricos. Em meio às estratégias de reflexão que Fernando colocava aos alunos, seja pelas indagações de forma oral ou escrita e as leituras, os alunos interagem bem com as propostas e sempre se mostraram prestativos quando solicitados. A maneira como as fontes históricas foram trabalhadas pelo Fernando, possibilita ao aluno a imersão acerca do conhecimento histórico, as análises históricas, narrações e descrições sobre a construção de fatos históricos, que os coloca em dúvida e, por conseguinte os faz refletir e entender melhor a história e sua construção,

sendo capazes de entender o processo histórico, para além de um simples fato.⁷

2.0 Planejamento

O período de pesquisa e planejamento sobre a nossa temática se deu no início do estágio II. No primeiro momento pretendíamos trabalhar com a história de sujeitos africanos e afrodescendentes inspirada na obra "Visões de Liberdade" de Sidney Chalhoub, onde o autor, através da metodologia de micro história, procura compreender ao pesquisar em processos de liberdade, a concepção que africanos e afrodescendentes escravizados tinham de liberdade no século XIX.

No decorrer das discussões e pesquisas, o desafio inicial consistiu em fazer escolhas diante da vasta produção historiográfica acerca do tema escravidão de africanos e afrodescendentes na América Portuguesa. Diante de inúmeras possibilidades e a questão do tempo, optamos por trabalhar com eixos temáticos que consideramos fundamentais como, por exemplo, o eixo Diáspora e o eixo Trabalho e Resistências.

Ao nos debruçarmos nos planos de aula, surgiu o segundo desafio, pensar em como ensinar a História dos africanos e afrodescendentes escravizados para uma turma de adolescentes de 14 anos. Além das razões conhecidas e estimuladas pela Lei 10.639 e debatidas na noosfera acadêmica, o desafio consistia em como abordar esse tema em sala de aula?

Partimos do entendimento que estamos atuando em uma disciplina teórico prática, e que a construção do conhecimento histórico escolar não depende exclusivamente do conteúdo, mas sim da capacidade do professor buscar através da mediação didática a possibilidade de criar significados a partir de questões que estejam presentes no cotidiano do aluno relacionando-as com o seu presente e passado. Escolhemos o trabalho análogo a escravidão como uma das questões para iniciar o debate sobre uma prática contemporânea que remete ao trabalho escravo negro no período colonial e imperial do

7

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marilene. As fontes históricas e o ensino de história. In: *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004. P. 94.

Brasil que, esteve em debate nos campos político e de movimentos sociais nos últimos anos.

2.1 O ensino de História, as leis 10.639/03 e 11.645/08 e a cultura afro-brasileira

Ao escolhermos trabalhar com a história de sujeitos, conceitos de liberdade, de escravidão, e continuidades, procuramos considerar as Diretrizes da lei 10639/2003. As diretrizes curriculares surgem após a criação da lei 10.639 com a finalidade de orientar os educadores sobre como lidar com o estudo da história e cultura africana e afro-brasileira sob novas perspectivas que possibilitem: a compreensão da cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira; compreender o papel do negro como sujeito histórico; combater o racismo tão naturalizado em nossa sociedade. Assim, as diretrizes destacam a obrigatoriedade de não só discutir mas por em prática ações afirmativas e pedagógicas que devem perpassar todas as disciplinas escolares, mas principalmente Educação Artística, Língua Portuguesa e História, conforme indica a lei. Entende-se que é um dever da escola e dos sujeitos que a constituem, desenvolver ações afirmativas e positivas de forma a combater o racismo, de desconstruir o mito da democracia racial, contribuir para a construção de um processo de reeducação das relações étnico-raciais valorizando a História e Cultura afro-brasileira e africana.

Em termos culturais, a tendência do documento das “Diretrizes” é afirmar a existência de uma cultura negra e africana em oposição a um padrão cultural e estético branco e europeu. Persistiria no Brasil um “imaginário étnico-racial” que ignora ou pouco valoriza as raízes indígena, africana e asiática de nossa cultura (Brasil, 2004. P:14)

O documento reconhece que a escola não é a causadora do racismo e das desigualdades sociais advindas de muitas outras questões, mas é um dos espaços que possui grande potencial tanto para continuidades, mas também para rupturas se o mesmo estiver aberto para diálogo, autocrítica, reformulações e o exercício da reflexão sobre seu

papel na sociedade.

As “Diretrizes”, com essa perspectiva, acabam sugerindo e defendendo a existência das culturas europeia, africana e indígena, abrindo mão de pensar o quanto as identidades culturais são construções e campos de luta também historicamente datados, como a própria utilização dos termos que fazem referência ao conceito de raça. Os processos de troca cultural e hibridização das culturas não são mencionados como possibilidades reais de trabalho com cultura (ABREU, MATTOS, 2008. p.13)

Embora as diretrizes abordem uma série de questões sobre como devem ser repensadas as práticas pedagógicas assim como as abordagens dos temas, Abreu e Mattos (2008) relembram muito bem o quanto depende das escolhas da escola e do professor (tanto temas quanto as metodologias) de como serão trabalhadas essas questões. Nesse sentido, percebemos que embora exista a obrigatoriedade de trabalhar com esses temas, possuímos liberdade para decidir como fazê-lo. Mais importante ainda, é lembrarmos que embora seja de suma importância abordar as questões históricas culturais dos afro-brasileiros e da história africana em suas mais amplas dimensões - buscando desconstruir e problematizar a versão predominante da cultura e história eurocêntrica e seus sujeitos - também devemos considerar o cuidado ao lidar com a história dos sujeitos para não perder a capacidade de análise sobre os processos históricos que não são em nada fechados, mas sim complexos e cheios de significados.

Enxergamos na história dos sujeitos a possibilidade de sensibilização dos estudantes em relação a complexidade e protagonismo do sujeito escravo em uma sociedade em que cerceava sua existência nos mais variados níveis de exploração. Trabalhar a história por essa perspectiva permite esclarecer equívocos do escravo como objeto e a dicotomia entre passividade e agressividade, confusão de conceitos como escravidão praticada entre e os povos africanos (uma escravidão que lá independia de cor, assim como a escravidão antiga), e a escravidão para além do atlântico que passa a ser por cor. Possibilitar o entendimento sobre os diferentes modelos de escravidão que

perpassaram a história, suas continuidades e rupturas é fundamental para a compreensão do processo histórico ao qual o estudante também está inserido.

Nosso intuito, em trabalhar a escravidão por meio da abordagem dos escravizados como sujeitos que a compuseram é de estabelecer uma proximidade com os alunos, uma realidade próxima, através de documentos como inventários, processos entre outros, em que ficam evidentes os sentimentos, as contradições, as paixões e principalmente as dificuldades sentidas pelos escravos no decorrer de suas vidas. Além de trazê-los para uma realidade atual, que é o trabalho análogo à escravidão, que a todo momento nos é noticiado um caso, e que ao mesmo tempo nos é esquecido e talvez perdoado. Por que?

Através do "jogo de escalas" de Jacques Revel, pretendemos estabelecer uma história que aproxime da contemporaneidade e se volte ao passado. Nossa pretensão aqui é dialogar com algo que se aproxime mais com a realidade do estudante, fique mais próximo e fácil de comparar. Assim, acreditamos que o rendimento das atividades propostas será mais "positivo". Então, partindo da ideia de micro para macro é que pretendemos nos apoiar; através disso abordar e dialogar com a história de sujeitos singulares, na intenção de aproximar os alunos.

2.2 Inserção do tema na historiografia geral e brasileira

No Brasil a história da escravidão é frequentemente estudada e abordada. Diante deste fato entendemos a importância de estudá-la através de 'obras clássicas', a exemplo, utilizaremos da obra de Gilberto Freyre, Casa Grande & Senzala de 1933, que descreve um Brasil escravista brando, benevolente que também o é miscigenado, onde negros e brancos convivem de forma pacífica, e onde a cultura negra é aceita, um Brasil coberto de democracia racial. Hoje, sabemos que isto não condizia com a realidade brasileira e ainda não condiz. Não existe em pleno século XXI, de fato uma democracia racial.

Diante da colocação de Gilberto Freyre, nas décadas de 1960 - 70,

surge a Escola Paulista de Sociologia, que engloba alguns autores, como Florestan Fernandes, Otávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Emília Viotti da Costa. Trazem a tona, de certa maneira um "revisionismo histórico" acerca das colocações de Freyre, quebrando o conceito de democratização racial, e justificando através do escravo-coisa, o negro passivo, o que até pouco tempo atrás era um objeto que agia conforme o que lhe era exposto. Trouxeram para historiografia outro enfoque que seria o da resistência escrava, o escravo rebelde que não aceita mais, tudo que antes lhe era imposto.

A partir da década de 1980, surgem novas perspectivas historiográficas, que visam os escravos como sujeitos históricos e sociais, como seres com protagonismo, e é segundo essas perspectivas que nos debruçaremos mais, como Sidney Chalhoub, Robert Slenes e João José Reis abordam em seus trabalhos. Essa discussão historiográfica que surge na década de 1980, indo a uma perspectiva bem diferente do que a Escola Paulista de Sociologia colocava, visa um outro aspecto sobre a vida cotidiana do escravo, que era um escravo que não aceitava passivamente todas as atitudes que lhes eram impostas por seus senhores, sob um ponto de vista mais "humano", avaliando fontes, documentos jurídicos algumas vezes, se torna claro que não havia somente dois extremos, como era colocado na perspectiva da Escola Paulista, o de ser um escravo-coisa ou ser um escravo-coisa rebelde. Havia situações adversas que levavam o escravo a se rebelar e às vezes a liberdade não era querida, nem ponto de pauta de suas reivindicações. Por isso a preocupação com sujeitos constituindo sua história.

Além de estudos que abordam o protagonismo escravo utilizaremos de obras que tratam do tráfico de escravos, cativo e mobilidade, a exemplo de autores como Manolo Florentino, que em seu livro, *Em Costas Negras* de 1987, trata do tráfico de escravos entre África e Brasil, e a consolidação do sistema escravista, com mais enfoque no Rio de Janeiro, nos ajuda a entender o tráfico, o sistema de captura escrava e essa diáspora africana forçada. Luís Felipe de Alencastro, em *O Trato dos Viventes* (2000), traz em especial, o comércio transatlântico de escravos entre Angola e Brasil, uma breve história desse longo comércio, cujo qual foi a estrutura do base do Brasil Colonial e, por conseguinte, da América Portuguesa. O tráfico de escravos na América Latina,

principalmente no Brasil onde a escravidão perdurou até o século XIX e onde o tráfico ilegal continuou mesmo depois da lei de 1831 que ainda mais tarde foi reafirmada com nova lei em 1850, é frequentemente estudado por historiadores do mundo sobre diferentes perspectivas.

No processo de elaboração do Projeto de Ensino tínhamos o intuito de expor um pouco a historiografia tradicional, no que tange as ideias das décadas de 1960- 70, mais especificamente na figura de Gilberto Freyre e o mito da democracia racial - e do negro que gostava de ser servil e escravizado, que não se rebelava, de uma escravidão mais branda e suportável, uma sociedade onde brancos e negros eram iguais, respeitados e com as mesmas possibilidades e acesso - que ainda paira sobre o Brasil. Mas tínhamos em mente fazer uma abordagem mais próxima e que mostrasse os negros como sujeitos ativos, que muitas vezes buscavam por mobilidade, criavam suas estratégias.

Iniciamos nosso Projeto com outra ideia em mente, a de desconstruir essa ideia de uma África homogênea, de uma só cultura. Através dessa ideia, partimos para apresentação da África como um continente que engloba várias culturas e sua importância para formação do Brasil. A partir dessa breve apresentação da África como um continente rico em culturas, abordaríamos a diáspora forçada dos africanos, as condições em que vinham para a América, a maneira como a maioria das vezes eram tratados, expondo um pouco o que era ser escravo, para tornar esse conceito mais próximo, buscamos trabalhar com um tema mais presente em nosso cotidiano, que seria, o trabalho análogo ao de escravo, para então adentrar sobre o segundo eixo que trabalhamos que foi trabalho e resistência cativa, expondo de maneira mais geral era a vida de um escravo do meio rural e um do meio urbano, bem como suas estratégias e seus modos de resistir a essa realidade. Buscando também incorporar a temática das leis, 10.639/03 que depois é readaptada a 11.645/08, ao ensino obrigatório da cultura afro-brasileira (não somente, mas também a indígena) em meio ao universo escolar.

2.3 Eixos Temáticos

A nossa ideia principal era de trabalhar com a história da escravidão na América Portuguesa, sob um viés social, abordando a história dos sujeitos escravos, conjuntamente com uma abordagem mais atual que era o trabalho análogo ao escravo, que vivemos hoje. Em nossas reuniões de orientação e de grupo, percebemos que deveríamos pensar em como levar o tema escravidão na América Portuguesa para um ambiente tão específico como a escola. Aproveitando as discussões mais recentes sobre o ensino de história e a importância de partir, ou, ao menos relacionar os temas ao cotidiano do aluno, delimitamos então que abordaríamos primeiramente, o trabalho análogo ao escravo, como uma estratégia de aproximar os estudantes ao tema escravidão e uma forma de conhecer os saberes prévios deles. Além dos conhecimentos prévios, nos interessava também criar a oportunidade para problematizar o porquê de análogo e não trabalho escravo contemporâneo, na intenção de já ir pontuando as diferenças entre essas formas de trabalho na atualidade em relação ao trabalho escravo negro na América Portuguesa.

Nossa pesquisa sobre o trabalho análogo a escravo se baseou muito no material disponível no site da ONG Repórter Brasil, que possui um acervo atualizado de notícias sobre flagrantes do Ministério do Trabalho, andamento de processos, fotos, áreas dedicadas a explicação sobre o que é trabalho análogo ao escravo, as leis que proíbem tal prática e uma série de materiais didáticos produzidos pela ONG sobre esse e outros temas relacionados a questões a trabalho forçado e análogo ao de escravo. O material didático que nos ajudou e forneceu alguns depoimentos, gráficos e tabelas foi encontrado no livro digital Escravo nem pensar organizado e pela própria ONG Repórter Brasil.

Dessa proposta de partir do presente com o tema Trabalho análogo ao de escravo e nossa linguagem escolhida, elaboramos uma atividade com dez fontes imagéticas de períodos diferentes (ver box 1) para a primeira aula com a turma.



Mosaico romano de Dougga, Tunísia do século II.



Foto de flagrante de Haitianos e Bolivianos exercendo jornadas exaustivas de trabalho. São Paulo, 2014.



Escravos em terreiro de uma fazenda de café, Vale do Paraíba, 1882.

Para evidenciar os sujeitos que são forçados ao trabalho análogo ao de escravo, selecionamos o depoimento de Valdeni Medeiros da Silva (ver box 2) para ler com os alunos após a dinâmica. Essa estratégia de utilizar depoimentos, relatos, documentos que partiram dos sujeitos foi uma das maneiras que encontramos de tentar trazer outros pontos de vista sobre o tema, além de trazer outros tipos de fontes históricas para o trabalho em sala de aula. O depoimento de Valdeni Meiros da Silva possibilitava lançar questões sobre o perfil do trabalhador que é explorado nessa modalidade de trabalho ilegal na atualidade, as diferenças e possíveis semelhanças do contexto em que Valdeni se encontra em relação aos africanos e afrodescentes escravizados.

Como o trabalhador se torna escravo?

Valdeni Medeiros da Silva é um trabalhador do campo que já sentiu na pele o trabalho escravo. Leia um trecho de seu depoimento:

"Meu nome é Valdeni, nasci em Colinas, norte do estado do Tocantins. Só tive mãe, não conheci meu pai. Tenho oito irmãos. Morei na terra de um padrasto durante um bom tempo, até chegar uma idade de 18 a 20 anos. (...) Não tinha estudo, então comecei a trabalhar na juquira [limpeza de pasto] pra poder manter a despesa da cidade pois não tinha mais onde plantar. (...)

Rocei muita juquira, me desgastei, senti que não aguentava mais fazer o serviço adequado que os fazendeiros exigiam. Os patrões eram muito durões. (...) Eu fui trabalhar uma certa vez para um fazendeiro. Depois que eu tinha feito todo o serviço, me pagou menos da metade do prometido, ainda cobrando as passagens de ida e volta. E disse que não pagava mais, porque eu já tinha ganhado muito, e que não adiantaria eu ir procurar a Justiça ou advogado, porque advogado não ia advogar para gente pobre. Não tinha conhecimento dos meus direitos, recebi o pouco que ele quis pagar e fiquei quieto.

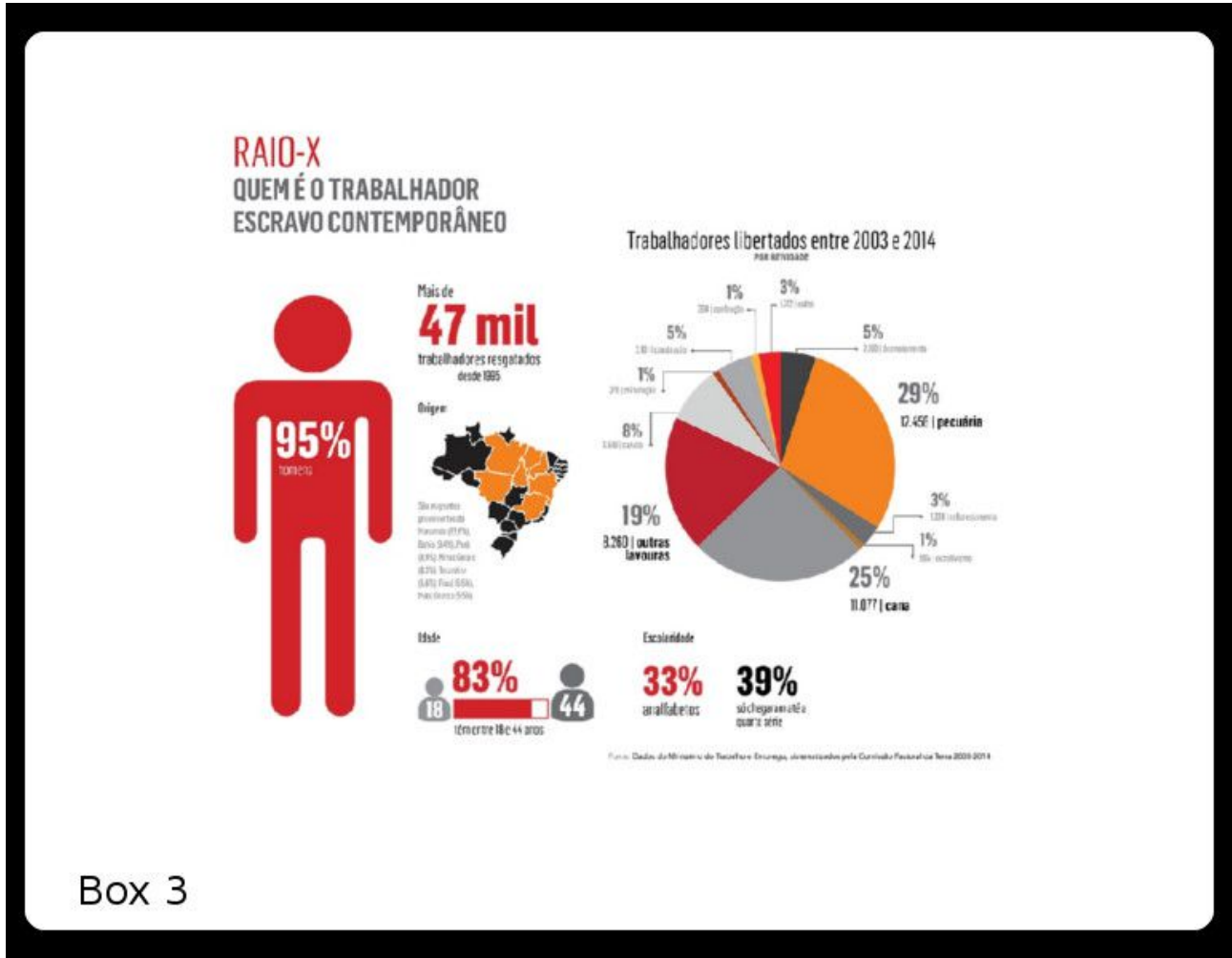
Eu simplesmente ficava calado. Sentia um pouco de raiva, mas não poderia fazer nada. Também tinha medo de falar mais sério pra ele. Falava algumas vezes para gente que peão era do jeito dele. Então, devido não ter conhecimento, terminava me humilhando e ficando quieto. Assim não foi só para um, mas para vários fazendeiros. Fui muito, muito escravizado na época. Mas eu não sabia. Para mim, viver naquele tipo era a maneira que tinha que viver mesmo, não tinha noção do trabalho escravo. Para mim, era normal viver aquilo."



Box 2: Depoimento retirado do livro digital "Escravo nem pensar", produzido pela ONG Repórter Brasil, 2014.

Após a mobilização dos conhecimentos prévios dos alunos, pensamos que para a segunda aula desse eixo, seria interessante trazer um texto que abordasse a partir da questão do trabalho análogo ao de escravo, as diferenças que existem entre ele e o trabalho escravo de africanos e afro descendentes na América Portuguesa no período colonial. Esse texto foi fruto de inúmeras leituras sobre ambos os temas e nele procuramos abordar as semelhanças e diferenças entre essas modalidades de trabalho, contextualizá-los no espaço tempo, e trazer para o debate outra questão atual que é a PEC do trabalho escravo que esteve em debate no primeiro semestre de 2015, e que corre o risco de ser alterada em favor dos que infligirem a leis que garantem direitos e dignidade ao trabalhador. Porém, um de nossos objetivos ao trazer a comparação de ambas as modalidades não era somente para demonstrar semelhanças e diferenças, mas também ao contextualizarmos as modalidades no seu espaço tempo, demonstraríamos que há um mal uso do conceito de escravidão na atualidade que, naturaliza a prática e não evidencia os sujeitos históricos e nem os movimentos que foram realizados para conquistar direitos que estão descritos na constituição brasileira. O texto também contou com um infográfico

produzido pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), onde poderíamos trabalhar os dados sobre a realidade do trabalhador forçado a condições análogas a de escravidão, inclusive problematizar o título do mesmo “Quem é o trabalhador escravo contemporâneo” (ver box 3).



Box 3

Ao final do texto didático construído por nós, apresentamos uma proposta de atividade de pesquisa na internet que pretendia colocar os alunos em contato com casos de flagrantes de trabalho análogo ao de escravo em Santa Catarina, ou seja, em escala regional. Os objetivos dessa atividade estão além do exercício da leitura e escrita, já que a

proposta da atividade pede a pesquisa na internet por uma notícia e a partir dela o aluno deveria produzir um texto. A intenção principal também reside em desmistificar que essa modalidade exploração ocorra unicamente em regiões como sudeste, norte e nordeste principalmente.

Em seguida, adentraríamos na escravidão na América Portuguesa, através de nosso primeiro eixo a ser abordado, Eixo Diáspora. Entende-se por diáspora a migração de povos, por motivos étnicos, políticos ou religiosos. No caso da diáspora africana ou negra, vale lembrar que significa a imigração forçada de sujeitos negros, para fins escravagistas. Há um vasto estudo sobre a diáspora negra e seus prejuízos ao povo negro em território africano e fora dele. Nossa ideia era mostrar a história dos sujeitos, desconstruindo a ideia de cativos passivos, nessa intenção vimos a necessidade de inserir a diáspora forçada dos africanos à América Portuguesa, mostrando de maneira breve suas culturas, que se diferiam muito entre eles, e claro, entre os brancos. Abordar que existia em África, alguns países que escravizavam, mas que essa era uma escravidão que independia de cor da pele, na maioria das vezes havia disputas entre etnias, guerras e alguns negros africanos que eram capturados como prisioneiros de guerra de uma tribo, frequentemente tornava-se escravo. Era uma maneira de escravizar diferente daquela que se insere no continente e se espalha pelo mundo, até o momento o escravo capturado não tinha um valor de mercado, não era tratado como mercadoria, a escravidão era significada de outras formas.

Para esse eixo selecionamos alguns mapas (ver anexo 3.2) do continente africano para levantar questionamentos quanto a diversidade étnica, as regiões onde se concentrava os portos de onde saíam os navios com os escravos, as rotas do tráfico transatlântico. Para complementar a aula com mapas, foi elaborado um pequeno texto adaptado de uma publicação de Alberto da Costa e Silva, na Revista De História da Biblioteca Nacional, onde problematiza a questão das múltiplas etnias dos africanos escravizados em relação ao não reconhecimento delas por parte dos traficantes de escravos, ou seja, uma negação do outro, que agrava ainda mais a coisificação do negro escravizado, tornando invisível as diversas culturas e sujeitos que chegavam na América Portuguesa de África. Nesse mesmo texto, selecionamos e inserimos algumas imagens

para colaborar com a problematização proposta no texto (ver box 4).

As várias Áfricas na formação do Brasil

De que África teria saudades um africano no Brasil? De sua aldeia, certamente, ou do bairro da cidade onde passou sua infância. No Brasil, deixará de ser conhecido por sua terra natal, pelo seu clã, pelo nome que o seu povo dava a si mesmo ou recebia dos vizinhos. Exceto para ele e para os conterrâneos ou vizinhos que encontrava no exílio, não era mais um iacá, aquiri ou guri; passara a ser chamado de angolá, nagô ou mina, ou africano, e negro. Na fazenda ou na cidade onde penava, podia haver quem falasse o seu idioma ou outro próximo, e até quem fosse de seu vilarejo e seu makungo, ou companheiro de barco na travessia do Atlântico. Por toda parte, porém, encontrava gente estranha, de outras Áfricas que não a sua, com tradições, crenças, valores, costumes, saberes e técnicas diferentes.



Imagens 1 e 2: Diferentes etnias do grupo banto: à esquerda (1), habitante de Luanda, ao norte da foz do rio Congo; à direita (2) imbangala, da região ao sul de Luanda. Fonte: SOUZA, 2007, p. 23.

Os vários grupos korubás e, ainda mais, os umbundos (também conhecidos como umbundos), tiveram grande importância na formação do Brasil. Mas foram apenas parte de um grande coro, composto de gente de quase toda a África subsaariana. De certas regiões vieram números enormes; de outras,

pouquíssimos. Houve quem fosse obrigado a longuíssimas viagens do centro do continente até os portos litorâneos, e se conhecem casos de cativos feitos a oeste do Rio Cuanza e embarcados em Moçambique. Havia ligações especiais entre os portos brasileiros e africanos. O Rio de Janeiro, por exemplo, vinculava-se sobretudo aos portos de Angola, Congo e Moçambique, e recebia, por isso, não só pessoas dos diferentes grupos umbundos, mas também, entre muitos outros, congos, sossos, iacás, vilis, huambos, lubas, galangues, bailundos, luenas, macuas e tongas.



Imagem 3: negros identificados como moçambiques, nome do porto no qual foram embarcados. As tatuagens no rosto mostram que pertenciam a diferentes etnias. SOUZA, 2007, p. 107.

Salvador comerciava intensamente com o golfo do Benim, e embarcavam fons, korubás, mahis, ibos, ijós e efiques, além de indivíduos das savanas mais ao norte, hauçás, nupes (ou tapas), baribas e bornus. De São Luís do Maranhão, ia-se com facilidade à Alta Guiné, e de Cacheu e Bissau lhe chegaram mandingas, banhuns, pepéis, felupes, balantas, nalis e bijagós. Para o Brasil foram trazidos africanos de mais de uma centena de povos diferentes." Alberto Costa e Silva.

Referências:
Silva, Alberto da Costa e. *Um Brasil muitas Áfricas*. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro. Ano 7, n 78, p. 16-21, mar. 2012.

Box 4

Durante o período em que estávamos em sala de aula, continuávamos em busca de uma fonte que pudesse contemplar o eixo Diáspora, pesquisando na internet encontramos com a tradução feita pela historiadora Sílvia Hunold Lara. O relato publicado em 1854, trata sobre a trajetória de um ex-escravo chamado Mahommah Gardo Baquaqua, desde sua captura na África (1845), sua vida como escravo no Brasil até como alcançou sua liberdade nos Estados Unidos. Embora tivéssemos escolhido como linguagem o trabalho com fontes imagéticas, ao nos depararmos essa fonte escrita a inserimos no nosso planejamento devido ao enorme potencial que ela possui. Primeiramente, ao trazermos uma fonte primária do tipo relato biográfico, poderíamos mostrar explorar com os alunos questões sobre produção da fonte, autoria, contexto em

que ela foi criada, a forma em que foi produzida. Outro potencial que atenderia nossos anseios iniciais do projeto é o fato de poder trabalhar com a história dos sujeitos, pois, no relato Baquaqua comenta sua trajetória na região que vivia, suas raízes étnicas, seu espanto e choque com a nova cultura, os horrores que vivenciou no navio, como foi sua experiência como escravo no Brasil e o trabalho que exercia, como era a relação com os senhores que teve e tantos outros detalhes que somente quem vivenciou pode compartilhar com os demais.

Para ampliar o potencial de contato com fontes históricas, a atividade (ver Anexo 4.1) elaborada para fechar o eixo diáspora contou com trechos selecionados do relato de Mahommah Gardo Baquaqua e a litografia de Johann Moritz Rugendas, conhecida como “Navio Negreiro” (1827-1835) que ilustra inúmeros livros didáticos e também aparece facilmente em buscas nas ferramentas de pesquisa on-line quando o tema se refere a escravidão no Brasil, ou, escravidão negra. A proposta dessa atividade tinha como objetivo apresentar tanto relato quanto imagem o seu potencial como fonte histórica, que deve ser lida de diferentes formas conforme sua natureza e feitas perguntas que levem para o caminho da problematização demonstrando que nenhuma fonte é neutra e imparcial. Por exemplo o relato de Baquaqua foi feito ao jornalista Samuel Downing Moore, publicado em Detroit, o que significa que uma possível intervenção de outra pessoa que não o próprio Baquaqua. Ainda há de se pensar o para qual público se destinava a publicação desse relato, o contexto da época, o local e muitos outros detalhes. A leitura da imagem possui metodologia própria que necessita um refinamento do olhar para a imagem, sair do senso comum de testemunhar a verdade, pois uma imagem pode ser pensada, trabalhada para passar uma mensagem específica também. A litografia de Rugendas também pode ser desconstruída desde a influência do traço do artista, suas intenções, produção, contexto, o processo que uma litografia passa até chegar no resultado desejado que implica alterações na imagem.

O segundo e último eixo que abordamos foi o Eixo Trabalho e Resistência, continuando na perspectiva dos sujeitos, suas inserções ao sistema escravista colonial, e conseqüentemente suas estratégias de mobilidade, ascensão social, melhores condições de trabalho. Existiram algumas formas de resistência e criações de estratégias que

ajudaram aos escravizados na sua luta por melhor condição de vida à aquisição de liberdade. Algumas estratégias, porém, foram mais comuns no espaço urbano, como o caso de processos de escravos a senhores reivindicando melhores condições de trabalho, com processos pedindo menos agressões e formas mais brandas.

Outras estratégias de resistência partiam da aproximação dos escravos aos senhores, com intuito de conseguirem trabalhos domésticos, ou práticas familiares, como compadrios, batismos. Essas práticas davam mais espaço na maioria das vezes, aos escravos se aproximarem e conseguirem melhores lugares para viver, viver próximo aos senhores e às vezes a garantia de ter seus filhos libertos, era também uma estratégia de ascensão. Os casamentos entre escravizados também era algo que passou a acontecer, a quem diga que favorecia aos senhores, mas que também era uma estratégia dos escravizados. Do ponto de vista dos senhores, valia a pena deixar que escravos casassem para procriar e assim aumentar o número de cativos e para que eles se mantivessem mais “sossegados” tranquilos, sem rebelar-se. Do ponto de vista dos escravos, o casamento era uma maneira de resistir com a sua cultura e uma maneira que amenizava suas vidas, tornando-as mais brandas.

Sendo a resistência proveniente de uma relação de subordinação, nos faz necessário sua abordagem juntamente com o tema trabalho na América Portuguesa, sendo abrangido o trabalho rural e urbano, bem como suas características. Em primeiro momento, com a interiorização da metrópole, o meio rural é onde se encontram maior número de cativos da América Portuguesa, diante das monoculturas e plantations, referentes a produção de açúcar e não só. Em 1800 começa-se a ter maior visibilidade os escravos urbanos, que trabalham em meio a cidade e são escravos de ganho, entre outros. Tentamos significar o trabalho escravo nesses dois ambientes, caracterizando-os e os contrapondo (se possível). Bem como apresentando a formas de resistência e estratégias escravas para que alcançassem a alforria, situações mais dignas de trabalho ou que no mínimo pudessem exercer de suas culturas nativas, sem serem acusados, perseguidos ou castigados por tal ato. Muitas situações lhes são impostas e é necessário reagirem à elas, seja através de quilombos, fugindo de seus senhores buscando se estabelecerem em comunidade junto com seus iguais. Seja por rodas de capoeiras exercitando a mente e o

corpo, fugindo para quilombos, ou seja, por relações familiares buscando alguma ascensão social, ou uma simples liberdade de ir e vir, ou ainda a busca por condições mais humanas de sobrevivência sobre esse regime escravista.

Fomos delimitando os eixos temáticos à medida em que nos reuníamos para orientação. Assim, o eixo trabalho e resistência, na verdade, era para ter sido dividido em eixo trabalho e outro resistência mas, devido a realidade do cotidiano escolar e a extensão de algumas aulas, tivemos que readaptar este eixo, transformando-o em um só.

À medida que íamos elaborando e pensando sobre nossas aulas e a estrutura que elas teriam dentro dos eixos, fomos pensando em planos de aula, sob orientação de nossa professora, Mônica Martins. Foi ela quem nos apresentou o site do “Projeto Detetives do Passado: escravidão no século XIX”, realizado pelo Núcleo de Documentação, História e Memória (NUMEM), da Escola de História da UNIRIO. Esse projeto possibilita que o professor trabalhe o tema escravidão, principalmente no século XIX, através de uma metodologia no formato de oficinas. Essas oficinas foram elaboradas de tal forma que conseguem oferecer ao professor um material que dialoga com a nova historiografia e trabalha com o que é de mais valioso para o historiador, as fontes.

A oficina que pensamos se encaixar bem ao eixo trabalho e resistência era o caso 01 do site, que trata sobre uma rebelião de escravos do Engenho de Santana na Bahia (1789). Porém, da oficina só nos apropriamos de alguns dados fornecidos pelo site e da carta escrita pelos escravos ao seu senhor, onde faziam reivindicações, denúncias, por direito a produzir e revender parte de sua produção de alimentos mas não por alforrias. Diante dessa fonte primária, vimos o potencial de trabalhar através da própria voz desses escravos o conceito de liberdade que eles tinham naquele contexto, que não eram sujeitos passivos e sim protagonistas de sua própria história, que as relações embora assimétricas do ponto de vista senhor x escravo, existia tensões que vinham de ambos os lados. Elaboramos uma aula onde os alunos leriam em voz alta e seriam lançadas questões sobre as intenções dos escravos, bem como o que o documento revela sobre as suas condições de vida naquele engenho e porque não estavam querendo a liberdade.

Para a atividade final, optamos por uma atividade de Imaginação Histórica, em que a proposta visava um esforço da parte deles de rememorem o que havíamos trazido

para sala de aula e escrevessem uma historia onde, eles se colocariam no papel de um escravo, traficados da África ou nascidos na América Portuguesa.

2.4 O processo avaliativo

Em momento algum pensamos o uso de provas como ferramenta avaliativa, apesar de termos tido a liberdade de usar ou não a prova, mas devido ao período de observação no estágio I e II, percebemos que poderíamos usar as próprias atividades que elaboramos para cada eixo como uma ferramenta de avaliação. Por esse motivo, pensamos em muitas atividades que necessitavam de leitura, reflexão, pesquisa e produção escrita.

3.0 Eixo a prática docente: O uso de fontes diversificadas

Nosso processo de planejamento, em sua maioria se desenvolveu junto à prática, tivemos de reajustar planos, que já havíamos feito, elaborar outros à medida que nossa prática ia acontecendo. Como em todo o espaço escolar, existem demandas que emanam fora de nossos planejamentos. Por conta de uma viagem da turma e do feriado de *corpus Christie*, tivemos de transferir as três aulas da semana, para semana seguinte, o que aconteceu em mais duas aulas devido ao calendário escolar, que estava marcando atividade da escola e dos professores, sem dia letivo aos alunos. Também tivemos pequenos contratempos com relação a paralisação de ônibus, neste dia tivemos poucos alunos presentes, e por conta disso adiamos a entrega de um pequeno trabalho; Em meio a nossa prática ocorreu também uma greve estudantil no Colégio, que foi uma situação inusitada aconteceu em nossa penúltima aula e tivemos cerca de 6 alunos presentes, mas ainda assim demos continuidade ao nosso planejamento.

Em nossa prática, procurando manter o ritmo que a turma já tinha junto ao professor Fernando, e levando em consideração a faixa etária dos estudantes, resolvemos

trabalhar com diferentes recursos didáticos, além dos textos didáticos que frequentemente são utilizados no ensino de história.

Utilizamos de recursos didáticos variados, começamos nossas aulas com o uso de imagens diversas, pinturas e fotografias que retratavam o trabalho escravo na Antiguidade, na América Portuguesa e imagens atuais que retratavam trabalho análogo ao escravo, analisando e problematizando em conjunto com os alunos. Utilizamos de textos didáticos que adaptamos para trabalharmos em sala nas aulas seguintes e na maioria das aulas; trabalhamos com os tablets como recurso para os alunos visualizarem e analisarem melhor a pintura de Rugendas; utilizamos o relato de um escravo que escreveu sobre sua captura e vida escrava na América Portuguesa até que consegue sua liberdade na América do Norte e também trabalhamos com o site detetives do passado, com uma carta de escravos reivindicando melhores condições de trabalho e sobrevivência.

A opção em trabalhar com eixos temáticos de certa forma nos deu a impressão que o leque para se trabalhar os temas eram amplos demais. Para tentar organizar nosso trabalho, escolhemos a iconografia como a linguagem principal e de grande potencial a ser trabalhada no ensino de história. Conforme foram surgindo as ideias e o planejamento foi tomando forma, optamos pelo uso de fotos, pinturas, litografias que em diferentes momentos foram utilizadas para discutir conhecimentos prévios, análise de imagem e comparação entre fontes de diferentes linguagens.

Embora haja um consenso tanto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) quanto de autores que pesquisam a categoria Ensino de História sobre a importância e o grande potencial do uso de fontes em sala de aula, nossos objetivos em trazer múltiplas fontes para o nosso projeto era o de tentar criar estratégias para promover a aproximação de uma fração dos tipos de documentos que o historiador analisa para construir o conhecimento histórico, sensibilizar o olhar e resignificar o que pode ter um significado estabelecido.

Ao optarmos por fontes imagéticas, acreditamos que esse tipo de estratégia - uso de fontes em sala de aula - seria um exercício interessante uma vez que o acesso constante a imagens, o consumo e a produção das mesmas, reconhecidamente fazem parte de práticas da sociedade contemporânea. Por

esse mesmo motivo, não as usamos unicamente como ilustrações, mas a cada uso de imagem havia um proposta de análise que procurava apresentar aos alunos uma proposta de idas e vindas a essa fonte através de questões que propunham uma leitura de imagem.

Outra estratégia para o uso de fontes em sala de aula que acreditamos ter um potencial interessante foi a comparação entre fontes. Para complementar o eixo Diáspora e adentrar o eixo Trabalho e Resistência, escolhemos uma fonte de natureza escrita, o relato de Mahommah Gardo Baquaqua, um africano escravizado que conseguira a liberdade em 1854 nos EUA. Essa fonte contemplava nossa ideia inicial que era de trabalhar com a história dos sujeitos como forma de dar visibilidade aos africanos e afro descendentes escravizados como sujeitos de sua história, contemplando a nova historiografia acerca da escravidão. Naquele momento, o fato de se tratar o único relato conhecido de um africano que passou pelo processo de desenraizamento de seu território e cultura, desde a captura, choque de culturas, viagem, trabalho escravo, violência e estratégias de adaptação para sua sobrevivência até como alcançou a sua liberdade (ver box5).

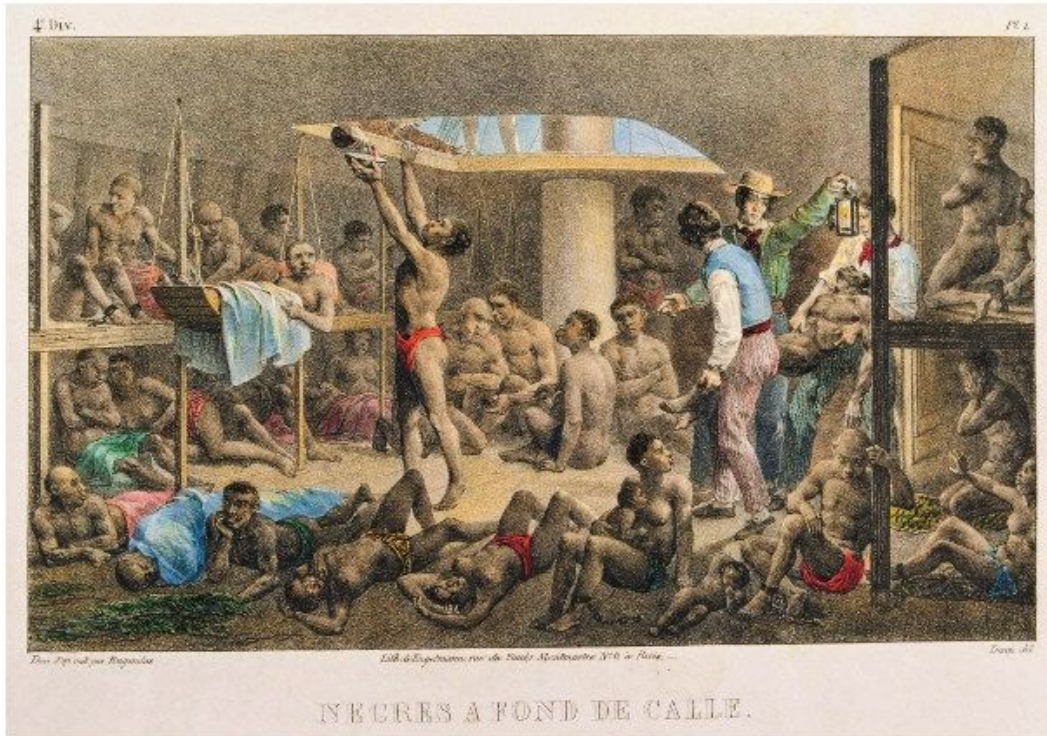
A única comida que tivemos durante a viagem foi milho velho cozido. Não posso dizer quanto tempo ficamos confinados assim, mas pareceu ser muito tempo. Sofríamos muito por falta de água, que nos era negada na medida de nossas necessidades. Um quartilho por dia era tudo que nos permitiam e nada mais. Muitos escravos morreram no percurso. Houve um pobre companheiro que ficou tão desesperado pela sede que tentou apanhar a faca do homem que nos trazia água. Foi levado ao convés e eu nunca mais soube o que lhe aconteceu. Suponho que foi jogado ao mar.

Box 5: trecho do relato de Mahommah Gardo Baquaqua sobre sua experiência em um navio negroiro.

Escolhemos a litografia de Rugendas (ver box 6) conhecida como Navio Negreiro para propor em uma atividade tanto a análise do relato de Baquaqua quanto uma leitura de imagem da litografia. A escolha por essa iconografia em específico se deu por motivos diversos, como é uma das iconografias mais usadas para ilustrar livros didáticos, aparecem facilmente nos resultados quando assuntos referentes a escravidão no Brasil são digitados em ferramentas de pesquisa on-line e a mais importante delas é que existe no relato de Baquaqua uma passagem justamente sobre o período em que passou no porão do navio negreiro. Para trabalhar essa comparação de fontes foi elaborado por nós com orientações da professora Mônica Martins uma atividade que será abordada no próximo tópico.

Box 06

Imagem 1:



Pintura de Johann Moritz Rugendas, "Negres a fond de calle", pertence ao livro com mais de 100 imagens *Voyage pittoresque dans le Brésil*. Paris: Engelmann, 1835.
Disponível em: <http://collections.rmg.co.uk/collections/objects/254986.html>. Acesso em 10/06/2015.

Quem foi Johann Moritz Rugendas?

3.1 As diferentes Linguagens, elaboração de materiais didáticos e a abordagem na sala de aula

Para o primeiro dia de aula (aulas faixa) com a turma 9ºB, elaboramos uma atividade com fotos com o objetivo de iniciar o debate sobre escravidão, porém, partimos de uma questão do presente, o Trabalho Análogo ao de escravo. Naquele momento, entendíamos que abordar essa questão, primeiro nos permitiria abrir o debate sobre o que caracteriza trabalho escravo, o trabalho escravo nas diferentes temporalidades e contextos, as rupturas e continuidades de práticas escravistas no Brasil contemporâneo, e

finalmente através da análise das imagens os alunos poderiam expor e refletir o próprio conceito prévio que possuem de escravidão. Nós selecionamos 10 imagens (Anexo 1.1), dentre elas fotos de negros escravizados do século XIX do acervo do Instituto Moreira Sales. Também selecionamos fotos de trabalhadores em situação de trabalho forçado e/ou análogo ao de escravo retiradas de sites de notícia e do site da ONG Brasil Repórter , e a imagem de um mosaico Romano situado na Tunísia que data do século II d.C. Para melhor perceber seus conhecimentos prévios, lhes foram entregues fichas de identificação e descrição do documento (Anexo 1.2). Propusemos à turma que esta atividade seria de reflexão em dupla e que depois de todos terminarem, cada dupla e eventualmente um trio, deveria ir até a frente da sala e expor a reflexão e suas respostas para a turma. A maioria dos alunos analisou e identificou na imagem o ato de trabalhar, mas não ousaram em dizer que era trabalho escravo. Nesse primeiro momento, como professoras da turma, pudemos notar que os alunos já estavam adaptados a nossa presença em sala, o que os fez ficarem desinibidos e até um pouco agitados, tivemos que chamar a atenção deles várias vezes, mas de modo geral acompanharam bem a aula e o que estava sendo proposto, participando bastante quando começamos a expor as imagens e apresenta-las. Neste momento podemos perceber bem os saberes prévios que eles tinham acerca do tema, principalmente do trabalho análogo ao escravo que queríamos começar a adentrar, pois tinham recém estudado o tema nas aulas de geografia, sob outra abordagem, mas que contribuiu bastante para a aproximação e interesse da turma.

Nossa segunda aula, foi em uma terça com uma aula de 50 minutos, que tiramos para falar e problematizar mais o trabalho análogo ao escravo através de um texto didático que foi readaptado por nós em sua maior parte, (Anexo 2.1) era um texto cheio de dados com uma proposta de atividade ao fim que seria a de fazer uma pesquisa de notícia sobre trabalho análogo em Santa Catarina, de preferência, e elaborar um texto crítico. Esse planejamento se estendeu por mais uma aula devido a paralisação de ônibus e aos poucos alunos que estavam presentes. Durante os percalços que citamos acima, paralisação de ônibus, viagem de estudos, atividades escolares sem dia letivo aos alunos e greve estudantil, acabamos nos estendendo bastante no eixo diáspora, o que nos deixou

com pouco tempo hábil para abordar o eixo trabalho e resistência e que diante disso acabou não sendo explorado da maneira que gostaríamos.

Nossas quarta e quinta aulas (que se prolongaram depois para mais duas, sexta e sétima aulas), foram em uma sexta, dia de aula faixa. Nessa aula começamos a adentrar o eixo diáspora preparamos slides com mapa da África e também mapa étnico (Anexo 3.2) e figuras que retratam as etnias (Anexo3.4), para melhor abordar com os alunos essa África multicultural. Readaptamos um artigo em texto, intitulado “As várias Áfricas” e também trabalhamos com ele em sala (Anexo 3.1), acabamos enfatizando mais nos povos africanos que frequentemente eram trazidos para Desterro, Congos, Minas, Bantu e Iorubás. Um de nossos objetivos era também aproxima-los da história da Desterro, como uma cidade escravocrata. Adentramos bem em África, problematizamos um pouco a escravidão existente lá e a diferenciamos da que passou a existir no mundo. Para fechar o eixo diáspora trabalhamos com uma fonte diferente do que os alunos estavam acostumados, um relato de Mahommah Gardo Baquaqua, no intuito de aproximá-los ainda mais sobre o que significava a escravidão na perspectiva dos escravos, nessa ideia acabamos separando trechos do relato de Baquaqua onde é retratada sua captura, a saída de África, o trajeto até a América Portuguesa e suas experiências com o trabalho escravo (Anexo 3.3). Problematizamos a fonte, perguntamos se já conheciam se achavam que se tratava de uma ficção ou uma história real, entre outras questões que achamos pertinentes fazer. Em seguida aplicamos uma atividade avaliativa que elaboramos junto a nossa orientadora, Mônica Martins da Silva, que envolvia o relato do Baquaqua, mais um texto suporte sobre o mesmo (Anexo 4.1), junto à pintura de Rugendas, intitulada “O Navio Negreiro”, nessa atividade além de refletirem sobre as fontes de maneira individual, tinha uma parte da atividade em que deveriam correlacionar texto e imagem.

4.0 As experiências Pedagógicas

Elisa Borges

Sem dúvidas essa experiência é um marco, muito grande na vida de qualquer acadêmico de História, tanto por marcar a reta final do curso, mas também por todo o aprendizado adquirido, principalmente, nesse trajeto de um ano e meio de Estágio Supervisionado. O Estágio chega aos nossos ouvidos muito antes de refletirmos sobre ele, e até mesmo pensar em sua existência, é sempre temido e falado nos corredores. Ouvimos muitos relatos de experiências, tanto ruins como boas, de acadêmicos até, que não conhecíamos. Penso que na maioria das vezes, os acadêmicos acabam chegando até este momento um pouco apreensivos e receosos, com pré-conceitos já tecidos. Com certa frequência nos chegam aos ouvidos de que o Estágio é um ponto fora do eixo, que não corresponde à realidade e de que por isso, não nos será útil. E acredito que isto influencia, até certo ponto nessa trajetória.

Difícil depois de tantas considerações, em suas maiorias ruins, seguir com o estágio sem momentos de apreensão. Depois que passamos por ele, é que teremos embasamento para de fato pensá-lo sob nosso ponto de vista e experiência. Não nego a necessidade de se passar por esta experiência, que para alguns não é real, mas para mim o foi. É claro que nem todas as escolas são iguais ao Colégio de Aplicação, ainda que o mesmo seja real e com características peculiares como os demais, não se pode negar as diferenças entre escolas regidas por municípios, estado e governo federal, bem como as remunerações pagas a seus servidores (que muitos atribuem a isto, uma falta de incentivo). Mas durante meu estágio o CA – UFSC, foi real, com alunos reais, dificuldades reais e estrutura real, talvez em uma escola da rede pública municipal eu encontrasse outros tipos de dificuldades, ou as mesmas.

Este é o último ano de estágio dividido em três semestres, em 2016 ele será realizado em dois semestres, um ano. Acredito ser algo bom. Durante esse período de um ano e meio, pude refletir de maneira individual cada semestre, e a conclusão é que o estágio I era uma experiência à parte, acontecia ali nosso primeiro contato com o Colégio,

sua organização, professores e sala de aula. Nele adentrávamos na observação da sala de aula e seus agentes, principalmente o professor. O fato de não haver uma continuidade do estágio I com os demais deve-ser ao fato de acontecer ao fim do ano, com uma turma que não será a mesma de nossa prática docente. Já durante o estágio II, escolhíamos nova turma, sendo ou não acompanhada pelo mesmo professor de história e com isso iniciava todo o processo de observação novamente e em mesma medida o planejamento e preparação para a prática, elaborando aulas e materiais didáticos. O que acabava tornando essa experiência acelerada e sem relação com a anterior. Mas de modo geral o Estágio II, foi um momento único na minha graduação, o momento de realmente sentir o que a licenciatura em História me proporcionará, ainda que em tão pouco tempo. Pouco tempo esse, que vivi intensamente e de fato me senti como professora, a correria, o planejamento que fugiu do planejado, a aula que se estendeu em mais duas, greve estudantil, paralisação de ônibus, cobrança de correção dos alunos e todos os fatores que professores estão expostos no dia-a-dia. O Estágio II, o período da docência, me proporcionou vivências e experiências bem significativas que me fizeram refletir bastante sobre o exercício da docência além de me proporcionar aprendizados para a vida.

Durante todo o processo que antecedeu a prática pedagógica em si, tanto eu como minha dupla percebemos o quão necessário é conhecer o ambiente que iremos frequentar, conhecer a turma, como eles interagem entre si e com o professor, e como isso é útil para pensarmos as aulas. De igual maneira as orientações que recebemos em todo este momento também nos foram adequadas, nos sentimos de fato orientadas e supervisionadas, sabendo a quem recorrer em todo o momento de planejamento e de prática. Em meio a tudo isso, havia também os alunos e as relações que estabelecemos, que foram agradáveis e positivas. Foi uma relação bem tranquila, de modo geral, onde eles se sentiam a vontade para participar das aulas, questionar e nos incentivar.

Claro que quando chegou o momento da prática me senti muito apreensiva, nervosa e envergonhada, foi preciso um exercício mental muito grande para controlar, mas ainda assim em todas as aulas ainda sentia o mesmo frio na barriga, como se fosse a primeira. Acredito ainda não ter superado a timidez a ponto de entrar e sair de uma sala de aula, no papel de professora, sem sentir nada. Mesmo com todos os desconfortos,

consegui dar aulas e superar alguns “traumas” – como minha relação com o quadro negro – e essa experiência foi com certeza o momento em que percebi que eu podia me tornar professora e que eu quero isso.

Valéria Gontarczyk

O estágio foi um momento muito esperado por mim, principalmente porque ao final do primeiro semestre da graduação eu já havia decidido em seguir a carreira docente, mas muitas vezes a por inúmeras variáveis as expectativas não são correspondidas.

Independente de questões que aconteceram simultaneamente ao estágio III, o aprendizado foi realmente muito significativo para mim. O aprendizado não é só na questão mais técnica como por exemplo: como fazer um planejamento, como fazer uma chamada, como elaborar uma atividade ou enfrentar o quadro. Durante as minhas reflexões mais recentes, percebi que o estágio é também um processo de autoconhecimento, eu descobri minhas falhas e meus pontos fortes, que tipo de professora consegui ser naquele momento e acredito que sei o que quero mudar na minha prática. Nunca lembrei tanto das aulas de Seminário e Metodologia do Ensino de História em que a professora Andréa Delgado comentava que era comum repetirmos os exemplos que tivemos durante nossa trajetória escolar.

Rememorando a minha trajetória escolar, 99.9% dos meus professores davam aulas expositivas e pouco dialogadas. Dinâmicas, atividades mais criativas, fontes, nunca tive contato, ao menos não da forma que aprendemos nas disciplinas de Metodologia e Estágio (I, II, III). O único professor que me marcou muito positivamente por sua aula ser mais dinâmica, a prova era desafiadora por ser muito diferente do que estava acostumada, foi um professor de Geografia no ensino médio, mas analisando o que eu me lembro, suas aulas eram expositivas sim, porém, aulas show como as dos cursinhos pré vestibulares. O que é muito válido também e funciona, mas me pergunto, qualquer um consegue ser esse tipo de professor?

Tenho refletido muito sobre que tipo de professora eu fui em sala de aula, pois, me incomodou muito ter feito aulas expositivas demais, ter levado textos demais para a sala de aula, e eu fiz isso porque não conseguia deixar de achar importante ter um texto para que complementasse aquela aula. Mas no momento eu não conseguia dosar porque me parecia a opção mais segura pra mim, ou seja, eu estava buscando o caminho que me dava a sensação de segurança.

O planejamento acabou sendo em boa parte feito durante o período em que já estávamos em sala de aula, claro que esse momento de planejar acabou sendo um pouco mais conturbado, mas ao mesmo tempo nos deu uma boa dose de realidade, afinal, pelo que percebi durante a minha trajetória como bolsista no PIBID, as condições de trabalho do professor não são nada favoráveis para planejamentos específicos e detalhados. Independente de corresponder ou não a realidade da prática docente no ensino público, o planejamento é uma metodologia não só para organizar os objetivos, mas um tempo para você aprender mais sobre o tema, rever sua própria prática e avaliar o que funciona ou não, a possibilidade de mudar com segurança o que foi planejado.

A primeira aula, a aula que fizemos uma dinâmica sobre conhecimentos prévios, foi o momento em que fiquei mais nervosa, afinal seria a nossa primeira aula, mas lá pela metade já estava me sentindo bem. Depois, o outro desafio da prática pedagógica foi perder o medo do uso do quadro, a sensação de vulnerabilidade diante dos alunos é enorme e os motivos nem são tão sérios assim, no final parece ser uma questão de costume mesmo. Outra questão que me deixou numa zona desconfortável foi a avaliação dos alunos. Existem coisas que são difíceis de avaliar quando não são pontuais, as nossas avaliações foram até que bem claras no que pedia, mas ao mesmo tempo existe uma linha tênue da subjetividade de cada um que é difícil de avaliar. Por exemplo, havia três alunos daquela turma, que participavam bastante, algumas vezes lançavam respostas erradas, mas estavam ali tentando interagir com a gente e com o tema que estávamos levando, mas por algum motivo não correspondiam o esperado.

Embora eu tenha escrito que estágio não é só uma oportunidade para aprender a prática docente, ainda acho que esse período foi muito pouco para que eu, agora na

posição de estudante, compreendesse a dimensão do ensino de história escolar. Percebi isso por justamente sair com mais dúvidas do que certeza dessa disciplina, afinal qual o modelo de aula pode atingir os alunos a ponto de você como professor conseguir que o que você está levando para sala de aula crie significados? Como perceber que deu certo? O que tem maiores chances de dar certo? Eu já sei que não existe resposta, mas tenho que manter essas perguntas vivas para continuar buscando o aperfeiçoamento. Acredito que essa experiência do estágio não define que professora sou, mas me ajudou a enxergar como quero ser, e essa etapa de autoconhecimento foi importante para perceber que como futura docente preciso ter uma sede, não só de conhecimento e conteúdo histórico, mas de outras fontes que estimulem minha criatividade, me mostrem outras alternativas para que possa levar para sala de aula.

Considerações Finais

No decorrer deste relatório buscamos sistematizar nossas experiências do Estágio Supervisionado em História, incluindo nossos momentos de observação e conhecimento do Colégio de Aplicação – UFSC bem como o planejamento e a prática docência. Procuramos descrever todos esses momentos, preparação, planejamento, a sala de aula e seus desafios, e a reflexão acerca deste processo.

Trabalhar com escravidão através da perspectiva dos sujeitos e conseqüentemente da história dos povos africanos e afrodescendentes, dialogando com as leis 10.639/03 e 11.645/08 foram fundamentais para desenvolver nossa prática e para nossa formação.

O processo do estágio foi um caminho árduo, com alguns percalços, mas que conseguimos levar adiante e que nos proporcionou uma série de aprendizados, experiências e relações, não só com os professores que nos orientaram, mas com os alunos e demais servidores do Colégio de Aplicação.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Martha, MATTOS, Hebe. Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”: uma conversa com historiadores. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.21, nº 41, janeiro-junho de 2008, p. 5-20.

ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira [et al]. *Cidades negras: africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX*. São Paulo: Alameda, 2006.

CARVALHO, Flávia Maria de. Diáspora africana: travessia atlântica e identidades recriadas nos espaços coloniais. *Mneme - Revista de Humanidades*, Rio Grande do Norte, v. 11, n. 27, p.14-24, 2010. Semestral.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DE MELLO, Marina et al. *África e Brasil africano*. Editora Ática, 2006.
Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana
Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>>

FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro: séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FLORENTINO, Manolo (Org.). *Tráfico, cativo e liberdade (Rio de Janeiro, séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LARA, Silvia Hunold. Biografia de Mahommah Gardo Baquaqua. *Revista Brasileira de História*.

MESGRAVIS, Laima. A sociedade brasileira e a historiografia colonial. *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, p. 39-56, 1998.

QUEIRÓZ, Suely Robles Reis de. Escravidão negra em debate. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, p. 103-117, 1998.

<http://reporterbrasil.org.br>

<http://www.ca.ufsc.br/files/2012/04/PPP-revisado-CA.pdf>

RIOS, Ana Lugão; DE CASTRO, Hebe Maria Mattos. *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Editora Record, 2005.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marilene. *As fontes históricas e o ensino de história*. In: *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, F. C. T. *Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa*. *Educar*, Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006. Editora UFPR.

SILVA, Alberto da Costa e. *O escravo negro na Antiguidade*. In: _____ *A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

ANEXOS

Anexo 1

Plano de Aula 1 e 2 Aula faixa 100 minutos

Eixo Diáspora

1. Tema da aula: A prática escravista em diferentes períodos.

2. Conteúdos: A construção da prática escravista por meio do trabalho, com foco principal no trabalho análogo ao escravo no período contemporâneo.

3. Objetivos: - Identificar diferentes tipos e formas de trabalho e trabalhadores por meio de imagens;

Promover um debate sobre as diferentes referências que os alunos podem ter acerca dos diferentes modos de trabalho;

Perceber qual acúmulo eles tem sobre tipos e formas de trabalho e sua relação com escravidão.

4. Metodologia:

- Analisar as diferentes formas de trabalho, que porventura se denominam escravidão, em diferentes temporalidades por meio do trabalho com as imagens.

5. Estratégias:

1º Bloco:

- Nossa apresentação (cerca de 5 minutos)
- Chamada (cerca de 5 minutos)

2º Bloco:

- Dividir a turma em duplas, distribuindo imagens junto a uma ficha descritiva; orientá-los sobre a atividade, que eles devem analisar a imagem e preencher as fichas, dizendo também que eles deverão depois apresentar suas análises a turma, dupla por dupla. (10 minutos)
- Auxiliaremos as duplas em todas as dúvidas que forem surgindo.
- Elaboração da atividade pelos alunos (cerca de 30 minutos)

3º Bloco:

- Apresentação das imagens pelas duplas (cerca de 25 minutos)

4º Bloco:

- Exibir as imagens e comentá-las (cerca de 25 minutos)
- Iremos fazer indagações se eles acham que todas as imagens abordam o trabalho. E que tipo de trabalho eles pensam ser, livre ou forçado?
- Debater conjuntamente com os alunos as apresentações por meio das imagens, que serão exibidas em slides. Contextualizando-as melhor e falando que todas as imagens, na verdade abordam um tipo de trabalho, na verdade um tipo em específico, sendo tratado em diferentes contextos, o trabalho escravo.
- Utilizando da colaboração deles através de suas apresentações, pediremos à eles que tentem contextualizar as imagens, dentro dos possíveis tempos que elas estão inseridas.
- Quando chegarmos nas fotos que retratam trabalho análogo, os indagaremos sobre qual período eles pensam ser, se retrata trabalho, se é forçado ou livre, aí falaremos que se trata de trabalho análogo ao de escravo. Então, perguntaremos se alguém poderia nos ajudar e tentar nos dizer o que pensa ser análogo, qual as possíveis diferenças entre este tipo de trabalho para os demais? porque mesmo depois da pior escravidão de todos os tempos - a negra, ainda utilizamos de mão de obra que prejudicam tantos seres humanos? quem são, em sua maioria, estes sujeitos que compõem esse modo de trabalho? São pessoas com condições, que tem noção de seus direitos? São profissionais qualificados? Possuem alguma formação? Discutir, de modo geral, os dilemas que cerceiam o trabalho análogo ao escravo.

5. Quadro negro: Será utilizado para escrevermos “Aula de História – Estagiárias: Elisa e Valéria”.

6. Material e Recursos didáticos: Data Show, para exibir as imagens.

7. Avaliação: Será realizada de forma participativa.

8. Bibliografia: Vidrovitch, Catherine Coquery. O postulado da superioridade branca e da inferioridade negra. In: Ferro, Marc (Org). O Livro Negro do Colonialismo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

Silva, Alberto da Costa e. O escravo negro na Antiguidade. In: _____ A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

9. Anexos: Anexo 1.1, imagens; Anexo 1.2, ficha de identificação.

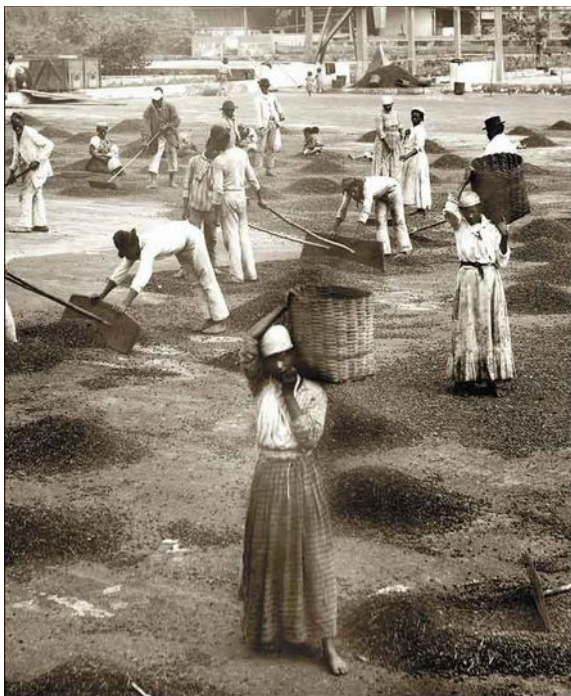
Anexo 1.1



Doze haitianos e dois bolivianos foram resgatados de condições análogas às de escravos em uma oficina têxtil na região central de São Paulo em maio de 2014. Vítimas cumpriam jornadas de mais de 15 horas sentadas em cadeiras de plástico inadequadas. Fotos: SRTE/SP Disponível em: <http://reporterbrasil.org.br/2014/08/fiscalizacao-resgata-haitianos-escravizados-em-oficina-de-costura-em-sao-paulo/>



Mosaico romano de Dougga, Tunísia (século II): os dois escravos carregando jarras de vinho usam vestimenta típica de escravos e amuleto contra mau-olhado no pescoço. O jovem escravo à esquerda carrega água e toalhas, e o da direita carrega um cesto de flores¹. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Escravid%C3%A3o_na_Roma_Antiga#/media/Ficheiro:Mosaique_echansons_Bardo.jpg



Escravos em terreiro de uma fazenda de café, Vale do Paraíba, 1882. Fotógrafo: Marc Ferrez/ Coleção Gilberto Ferrez/ Acervo Instituto Moreira Salles. Disponível em: <http://www.blogdoims.com.br/ims/emancipacao-por-lilia-schwarcz-maria-helena-machado-e-sergio-burgi>



Fazendas do ES, são atuadas por trabalho análogo a escravidão. Disponível em: <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2014/06/fazendas-de-cafe-sao-denunciadas-por-trabalho-analogo-ao-escravo-no-es.html>



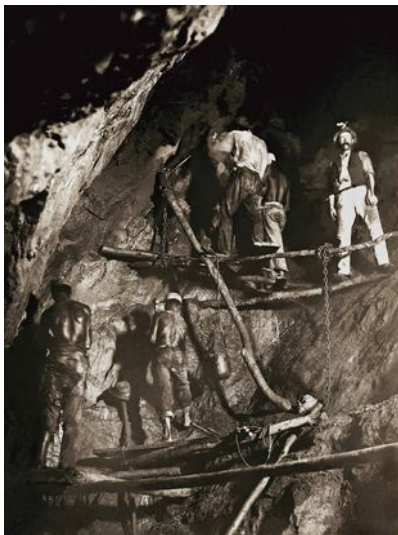
Lavagem do ouro, Minas Gerais 1880. Disponível em: <http://www.historiailustrada.com.br/2014/04/raras-fotografias-escravos-brasileiros.html#.VU1XbvIViko> >>>
Acessado em 07/05



Escravos na colheita do café, Vale do Paraíba 1882. Disponível em: <http://www.historiailustrada.com.br/2014/04/raras-fotografias-escravos-brasileiros.html#.VU1XbvIViko>



Escravos na colheita do café, Rio de Janeiro, 1882. Disponível em: <http://www.historiaillustrada.com.br/2014/04/raras-fotografias-escravos-brasileiros.html#.VU1XbvIViko>



**Primeira foto de escravos feita no interior de uma mina, em Minas Gerais, 1888
Fotógrafo: Marc Ferrez/ Coleção Gilberto Ferrez/ Acervo Instituto Moreira Salles. Disponível em: <http://www.historiaillustrada.com.br/2014/04/raras-fotografias-escravos-brasileiros.html#.VU1XbvIViko>**



**Carregadores de tijolos no regime de trabalho análogo, no Nepal.
Disponível em: <http://www.lisakristine.com/portfolio/carriers-nepal/>**



Em Ribeirão Preto - SP, migrantes são “contratados” para corte de cana em condições precárias, sendo considerado trabalho análogo a escravidão.

Disponível em: <http://www.ecodebate.com.br/2010/06/21/ribeirao-preto-sp-migrantes-contratados-para-corte-de-cana-de-acucar-sao-submetidos-a-condicoes-de-trabalho-arcaicas-e-precarias/>



Construção civil também é alvo de trabalho análogo ao de escravo.

Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/04/150331_lista_trabalho_escravo_cc



Trabalho análogo a escravidão em minas de carvão. Disponível em:

<http://www.apublica.org/amazoniapublica/corrída-do-ferro/sujos-de-carvao/>

Anexo 1.2

Colégio de Aplicação - UFSC

Disciplina: **História**

Professor: **Fernando Leocino da Silva**

Estagiárias: **Elisa Borges e Valéria Gontarczyk**

Alunos (as): _____

Série: **9ºB**

Data: _____

Ficha de Identificação e Descrição do Documento

Em dupla, observe a imagem/foto que foi entregue a vocês. Troque ideias com seu (a) colega e responda as questões a seguir. Não se preocupem com respostas certas ou erradas. Você pode marcar mais de uma alternativa.

1- Descrição da Imagem

Tipo de imagem

desenho pintura fotografia

Quantas pessoas estão representadas nessa imagem

1 pessoa 2 a 3 pessoas Mais de 3 pessoas

Essa imagem representa

Uma atividade pública Uma atividade privada

A ação representada ocorre em que tipo de espaço

Espaço rural Espaço urbano

A ação representada ocorre em que temporalidade

No presente atual Há mais de 50 anos Há mais de 100 anos Há mais de 1000 anos Há mais de 2000 anos

Qual a ação principal está representada na imagem

Uma situação de trabalho Uma situação de lazer

Anexo 2.0

Plano de Aula 3 (Aula de 50 minutos)

1. Tema da aula: Escravidão – entre conceitos e comércio.

2. Conteúdos: A escravidão através de ideias e conceitos pré concebidos (estabelecidos) e o início do comércio de escravos no final do período moderno.

3. Objetivos: Apresentar e problematizar o conceito de escravidão do senso comum; e em segundo momento historicizar o conceito de escravidão.

4. Metodologia: Pequeno resgate de memória sobre a primeira aula, através da construção da prática escravista em diferentes tempos usando texto didático e um depoimento;

Compreender, problematizar e historicizar o conceito de escravidão;

Problematizar a escravidão por meio do comércio escravo, no fim do período moderno.

5. Estratégias:

1º Bloco

- Chamada (5 minutos)
- Fazer questionamentos acerca do trabalho escravo, trazendo resgates da aula passada. Vimos na aula passada que a concepção de trabalho escravo muda com o tempo, alguém pode me ajudar a lembrar qual era a principal característica do trabalho escravo na antiguidade, na modernidade e no mundo atual? (15 minutos todas as indagações e discussões)
- O que é um escravo, de modo geral?
- Trabalho escravo pode ser considerado trabalho?
- Todo trabalho escravo foi e é igual? (interligada com a resposta da anterior)
- Qual significado o dicionário dá a palavra escravidão e escravo? (pediremos aleatoriamente para alguém pesquisar e ler)

2º Bloco (cerca de 30 minutos)

- Projetaremos o depoimento de Valdeni medeiros da Silva, pediremos para um ou mais alunos lerem e faremos algumas questões para os alunos como: No que Valdeni trabalhava? Que tipo de trabalho era esse? Leve, intelectual, braçal? Ele recebia o combinado pelo

serviço prestado? Ele conhecia os seus direitos de trabalhador? Como ele se sentia?

- Agora vamos iniciar a leitura do texto didático.
- Quais as características do trabalho análogo a escravidão? Quem é esse trabalhador que acaba sendo aliciado para esse tipo de trabalho?
- Qual a principal característica de diferenciação entre a escravidão antiga e moderna? O que vocês acham que seria? Já na modernidade ela passa a ser mercadoria, e não é hereditária há uma maneira de se tornar livre mas é difícil alcançar a liberdade. (mas não vamos falar sobre isso agora).
- Será que em algum momento em meio a esse comércio, os comerciantes pensaram nesses sujeitos? (já nos remetendo a escravidão negra)
- Eles eram vistos como humanos? Com sentimentos? Com toda uma história de vida? Com família, amigos...
- Podemos dizer que a escravidão contemporânea é igual a escravidão moderna?

5. Quadro negro: Utilizaremos para escrever “escravidão” e colocar o significado ao longo da aula.

6. Material e Recursos didáticos: Aula dialogada com uso de dicionários e eventualmente o quadro negro para listar diferenças e semelhanças entre escravidão contemporânea e moderna.

7. Avaliação: Participativa

8. Bibliografia:

Vidrovitch, Catherine Coquery. O postulado da superioridade branca e da inferioridade negra. In: Ferro, Marc (Org). **O Livro Negro do Colonialismo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

Livro digital, Escravo nem pensar. Disponível em: <http://escravonempensar.org.br/livro/>

Anexo 2.1

Escravidão contemporânea ou escravidão moderna, não é tudo a mesma coisa?

Será que você já ouviu alguém dizer “ Trabalho como um escravo todos os dias!”? Se você já ouviu algo parecido, saiba que é uma expressão muito comum, utilizada principalmente por adultos já inseridos no mercado de trabalho e que a utilizam ao se referir ao seu cotidiano de trabalhadores. Mas por que será que alguém faria um tipo de afirmação como essa? Seria uma forma de brincar com a situação? Quem diz isso se sente explorado como uma pessoa escravizada? Porque o excesso ou condições precárias de trabalho, muitas vezes, são associados à escravidão? Haveria alguma explicação para essa associação?

Para começar, não podemos confundir o trabalho assalariado com trabalho escravo ou análogo ao escravo. No Brasil, existe uma norma legislativa específica para regulamentar os direitos e deveres do trabalhador e do empresário. Esse conjunto de leis, conhecido como CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), abrange tanto o trabalhador urbano quanto o trabalhador rural. Dentre as leis tratadas pela CLT a carteira de trabalho, o estabelecimento de jornada de trabalho específica evitando as jornadas

exaustivas, direito a férias, licença por questões de saúde, Previdência Social, direitos das mulheres no mundo do Trabalho, são alguns dos muitos direitos regulamentados e assegurados para o trabalhador através da CLT.

O escravo, ou melhor, a pessoa escravizada, em princípio, não possui direitos, pois, ela é propriedade de outra pessoa, como um objeto, um animal, um pedaço de terra, que em teoria não tem permissão para ter vontade própria, não tem liberdade de ir e vir, a não ser que seu dono ou senhor permita. Ao contrário do trabalhador livre, que possui uma gama de direitos que o protege e permite que ele venda a sua força de trabalho em troca de uma quantia em dinheiro. Dentro de um conjunto de regras, o escravo é obrigado a fornecer sua força de trabalho. Não é incomum que a promessa de punição seja uma das formas de conseguir que o escravo cumpra seu trabalho.

O fato é que, historicamente, o trabalho escravo, ou melhor, o ato de forçar seres humanos a trabalhar de forma **compulsória** esteve presente em grande parte das civilizações passadas e por

mais difícil que pareça, ainda hoje existem trabalhadores em algumas regiões do Brasil que são encontrados trabalhando em condições análogas a escravidão.

Os escravos contemporâneos invisíveis

Comentamos em parágrafos anteriores que, no Brasil, existe uma legislação, a CLT (1947), que protege e garante os direitos do trabalhador. Além disso, a Constituição Brasileira (1988) entre os artigos 5º ao 7º garante diversos direitos individuais e sociais como, por exemplo:

- ninguém será submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante;
- são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;
- a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais;
- os direitos e garantias expressos nesta Constituição não excluem outros decorrentes do regime e dos princípios por ela adotados, ou dos tratados internacionais em que a República Federativa do Brasil seja parte;
- direito ao salário mínimo, fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender a suas necessidades vitais básicas e às de sua família;
- direito a proteção do salário na forma da lei, constituindo crime sua retenção dolosa;
- duração do trabalho normal não superior a oito horas diárias e quarenta e quatro semanais;

Mas, mesmo com um conjunto de leis que são claras acerca das condições de trabalho que são aceitas no país, ainda existe exploração de mão de obra escrava no Brasil em pleno século XXI? Sim, existe. Porém, não é exatamente igual a forma de escravização que ocorreu na América Portuguesa e mesmo no século XIX após a independência do Brasil.

O Brasil reconheceu a existência da prática de trabalho escravo

análogo à escravidão em 1995 quando também assinou um tratado internacional da Organização Internacional do Trabalho (OIT) reconhecendo oficialmente a existência desse problema em nosso território. Segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego (2003-2014), desde 1995 até 2014, foram libertados 47 mil trabalhadores que eram mantidos em situação análoga à escravidão. Mas o que caracteriza a escravidão contemporânea?

Existem elementos que caracterizam o trabalho em condições análogas a escravidão, são eles:

× **Condição degradante de trabalho**, a condição degradante retira do trabalhador sua dignidade e expõe a riscos sua saúde e segurança física e mental;

× **Jornada exaustiva**, extrapola o período de horas que um trabalhador consegue exercer seu trabalho com qualidade e o leva ao limite de suas forças;

× **Forma de cerceamento de liberdade**, reter os documentos do trabalhador, a servidão por dívida, cobrando por alimentação e alojamento por valores acima do pago pelo trabalho, ameaças de medidas violentas e isolamento geográfico são formas comuns de manter o trabalhador com medo e no trabalho.

Mas quem são esses trabalhadores? Veja o Quadro a seguir:

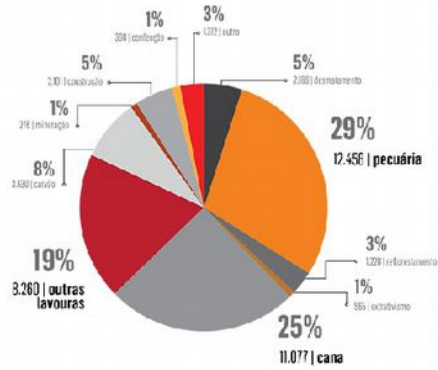
RAIO-X QUEM É O TRABALHADOR ESCRAVO CONTEMPORÂNEO



Mais de **47 mil** trabalhadores resgatados desde 1985



Trabalhadores libertados entre 2003 e 2014
POR AFIVIDADE



Fonte: Dados do Ministério do Trabalho e Emprego, sistematizados pela Comissão Pastoral da Terra 2003-2014

atingissem uma idade em que pudessem trabalhar. Também havia trabalhos para as negras escravizadas, além de contribuir para aumentar a “produção” de escravos, podiam trabalhar em ofícios de produção, assim como no trabalho doméstico e urbano.

Na América Portuguesa, o fim oficial da escravidão se concretizou muito tarde, somente em 1888 com a lei Áurea que decretou o fim da escravidão em território brasileiro, totalizando um período de aproximadamente de 300 anos de comércio e sujeição de negros à condição de escravos. A sociedade colonial concordava com a prática escravista e não só isso, dependia muito desse tipo de mão de obra para gerar suas riquezas. Por isso mesmo a escravidão ocorria dentro de um sistema que a considerava legal.

Os caminhos do direito do trabalhador:

PEC do Trabalho Escravo x PL 432/2013

A existência do trabalho análogo à escravidão foi reconhecido pelo Governo Federal brasileiro ao assinar o tratado internacional da Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 1995. Porém, mesmo constando no Código Penal nacional o artigo 149 que proíbe reduzir uma pessoa a condição análoga à de escravo, e prevê uma série de punições como multa e prisão de dois a oito anos, os dados sobre a quantidade de pessoas resgatadas pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) ainda são alarmantes. De acordo com dados oficiais do MTE, desde 1995 até

2014, mais de 47 mil pessoas foram libertadas dessas condições pelo Estado brasileiro. Mas o que isso significa? Significa que embora exista um conjunto de leis para regulamentar o trabalho livre, coibir o trabalho análogo à escravidão, ainda existem empresários que cometem crimes contra o direito à dignidade e a liberdade do trabalhador.

A Emenda Constitucional 57A/1999, mais conhecida como PEC do Trabalho Escravo teve sua tramitação iniciada em 1999 para alterar o artigo 243 da Constituição Federal inserindo a expropriação de imóvel rural ou urbano quando for detectada produção de psicotrópicos e a exploração de trabalho análogo à escravo na forma da lei. Esses imóveis serão destinados à reforma agrária e a programas de habitação popular e os proprietários não receberão indenização além de estarem sujeitos às sanções já previstas pelo Código Penal.

Embora a PEC do Trabalho Escravo ao longo de vinte anos tenha entrado e saído diversas vezes da pauta, levando em 2008 protestos contra a lentidão da aprovação, dois anos mais tarde um abaixo-assinado contendo mais de 280 mil assinaturas entregues ao então presidente da Câmara e hoje vice-presidente da República Michel Temer, foi em janeiro de 2012 que a PEC do Trabalho Escravo foi colocada como prioridade legislativa para o governo federal pela Presidente Dilma.

Além da definição de trabalho análogo à escravo já estar mencionado no código penal 149, é possível encontrar um maior

detalhamento na instrução normativa 91/2011 da secretaria do Trabalho que servem como elementos que devem ser considerados pelos Auditores -Fiscais do Trabalho quando estão em campo, como:

“(i) trabalhos forçados, (ii) jornada exaustiva, (iii) condições degradantes de trabalho; (iv) restrição de locomoção do trabalhador; (v) cerceamento do uso de qualquer meio de transporte com o objetivo de reter o trabalhador; (vi) vigilância ostensiva no local de trabalho; (vii) posse de documentos ou objetos pessoais do trabalhador nas fiscalizações a serem realizadas para erradicação desse tipo de trabalho.”

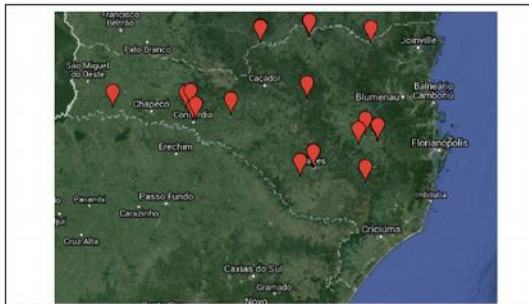
(INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº. 91, DE 05 DE OUTUBRO 2011.)

Independente da PEC 57A/1999 ter um impacto positivo na punição de empresários responsáveis por exploração de trabalho análogo à escravidão, a PEC encontra-se paralisada por uma questão da discussão do conceito de “trabalho escravo” empregado no texto da PEC. Essa discussão acabou se tomando em 2013 em um Projeto de Lei mais conhecido como a PL 432/2013, proposto pelo Senador Romero Jucá (PMDB-RR), que vai de encontro aos interesses de grupos ligados ao agronegócio, mais conhecido popularmente de bancada ruralista que atua no Senado Federal. A proposta da PL mais polêmica é a que discute o conceito de “trabalho escravo” e “condições análogas à escravidão”. Essa proposta coloca em risco o que o Código Penal no artigo 149 descreve e reconhece como trabalho análogo à escravo, propondo retirar do texto do artigo as definições de trabalho degradante e jornada exaustiva.

Ao evitar que se reconheça as condições degradantes de trabalho e jornadas exaustivas além do permitido por lei como parte das condições que configuram o trabalho análogo à escravidão, a PL 432/2013 acaba evitando que a punição que a PEC do Trabalho Escravo propõe (a expropriação de bens rurais ou urbanos de empresários que explorem mão de obra análoga à escrava) seja aplicada quando fiscais do Ministério do Trabalho encontrarem trabalhadores em situação de trabalho degradantes e/ou sendo forçados a cumprir jornadas exaustivas de trabalho.. Um exemplo de retrocesso que a proposta da PL 432/2013 pode proporcionar, é sob a exploração de trabalho análogo ao escravo nos meios urbanos, onde os setores têxtil e da construção civil acumulam inúmeros casos de abuso contra imigrantes que chegam às grandes cidades em busca de oportunidades de trabalho, mas acabam sendo vítimas de “contratos” de trabalho absolutamente precarizados. No caso desses trabalhadores, o problema é principalmente a soma de jornada exaustiva (com casos registrados de até 16 horas de trabalho por dia) e condições degradantes, condições ausentes da proposta da PL 432/2013.

Atividade de Pesquisa

Observe o mapa abaixo, reconhece o Estado representado nele?



Trabalho escravo em Santa Catarina. Disponível em: https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=z5pTLSqF9Th.kzTie9P_C38s

O trabalho análogo à escravidão não é uma exclusividade de estados do Norte e Nordeste do Brasil como muitos podem pensar, Santa Catarina também possui empregadores na “lista suja” que semestralmente é divulgada pelo Ministério do Trabalho em Emprego (MTE).

A proposta da próxima atividade lhes convida a pesquisar na internet casos de resgate de trabalhadores mantidos sob condições análogas à escravidão em Santa Catarina. Dê preferência às notícias que tenham o maior número possível de informações como, quantidade de trabalhadores resgatados, que tipo de trabalho exerciam, se era rural ou urbano, setor ao qual pertencia a atividade, se pecuária, agricultura, setor têxtil, setor da construção civil, cidade, empresa envolvida, quais as condições que se encontravam os trabalhadores para configurar trabalho análogo ao escravo e ano. Nem sempre a notícia possui

todas essas informações, mas é possível pesquisar o caso escolhido novamente em outros sites em busca por informações complementares.

Com a notícia, as informações mencionadas acima e a partir do debate em sala de aula sobre o trabalho livre, escravo e o análogo ao escravo, escreva em dupla um texto crítico expressando sua opinião sobre a notícia escolhida, analisando como é apresentado o conceito de trabalho análogo à escravidão. Como foi usado o conceito? Houve falhas no uso do conceito? Como? Quais eram as condições dos trabalhadores? Dentre as condições listadas pela notícia foi citado condições degradantes e/ou jornada exaustiva de trabalho também? Pensando na PL 432/2013, o caso da sua notícia ainda seria configurado como trabalho análogo à escravidão sem os itens jornada exaustiva de trabalho e condição de trabalho degradante?

Referências:

INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº. 91, DE 05 DE OUTUBRO 2011. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C812D32DC09BB0132DFD134F77441/in_20111005_91.pdf> Acesso em: 25/05/2015.

GOMES, Ângela Maria de Castro. Trabalho análogo a de escravo: construindo um problema. História Oral, v. 11, n. 1-2, p. 11-41, jan.-dez. 2008.

PELLEGRINI, Marcelo. Sem alarde, comissão da Câmara atende à bancada ruralista e abranda a definição de trabalho escravo. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/comissao-abranda-definicao-de-trabalho-escravo-1589.html>> Acesso em: 24/05/2015

Disponível em: <<http://www.trabalhoescravo.org.br/conteudo/por-que-apmvat-pec-438>> Acesso em: 23/05/2015

PINSKY, Jaime. A escravidão no Brasil. São Paulo: Contexto, 1993.

SAKAMOTO, Leonardo. Confisco de imóveis flagrados com escravos é aprovado pelo Congresso. Disponível em: <<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2014/05/27/confisco-de-imoveis-flagrados-com-escravos-e-apmvpelo-congresso/>> Acesso em: 23/05/2015

Anexo 3.0

Anexo 3

Plano de Aula 3 (Aula faixa de 100 minutos)

Aulas 4 e 5

1. Tema da aula: Nações Africanas e Diáspora

2. Conteúdos: Mostrar a África através de suas culturas; adentrando no enfoque da escravidão atlântica, os principais portos, o choque da imigração desses sujeitos.

Mostrar a vinda dos escravizados, dentro de navio negreiro, à América Portuguesa. Utilizando para isso, recortes de texto autobiográfico produzido por escravizado no século XIX.

3. Objetivos: Apresentar a África como continente que engloba diferentes culturas e problematizar a escravidão e diáspora africanas.

- Compreender os africanos como sujeitos comuns, com especificidades culturais;
- Apresentar a escravidão dentro do continente africano, problematizando-a;
- Apresentar e problematizar o tráfico de escravos no Atlântico;
- Inserir e fazer perceber – aos alunos- um pouco desse famigerado sistema escravista;
- Problematizar a escravidão, por meio de um relato tão raro, que seria o texto autobiográfico de Mahommah Gardo Baquaqua;
- Aproximar os alunos deste fato histórico, que permaneceu no mundo por séculos e que envolveu tantos sujeitos, através da diáspora africana, que pode ser visível no texto do Baquaqua.

4. Metodologia: Apresentar a África através de mapas, da época e atuais. Mostrando suas culturas, suas línguas; Aula expositiva dialogada com o uso de texto e quadro. Leitura silenciosa e depois conjunta dos textos.

Problematizar o recorte textual referente ao Baquaqua, como fonte histórica, do século XIX e discutir com os alunos o que isso pode significar para o contexto da época;

Utilizar desses recortes para analisarmos essa vinda até a América Portuguesa, sob uma outra perspectiva que não é de viajantes brancos, ou escritores da época, mas sim alguém que viveu de fato aquilo, que sentiu na pele, porque não havia ninguém o contando, mas sim ele vivenciando aquele momento, já sendo cativo e privado de 'N' coisas por cerca de dois meses e meio.

5. Estratégias:

Chamada (5 minutos)

1º Bloco: (30 minutos)

- Apresentar a África, que África é essa?
- Alguém saberia me dizer quais etnias, em sua maioria vieram para o Brasil por meio do trabalho escravo?
- Lembrando que entendemos por etnia, um “**grupo biológico e culturalmente homogêneo**. Do grego *ethnos*, povo que tem o mesmo *ethos*, costume, incluindo língua, raça, religião etc. O termo não é sinônimo de raça, pois a palavra raça tem um sentido exclusivamente biológico.” (Referência no fim do plano).
- Apresentar mapas, um da época (século XVI ou XVII) e outro atual para mostrar as regiões. Servirão para melhor inserir - e localizar- os alunos durante a aula. Colocando, por exemplo, que a maior parte dos povos escravizados foram de origem da África subsaariana, mostrando onde é considerado a África subsaariana. Servindo, mais adiante pra mostrar os principais portos. E expor, sem exata precisão, os lugares de origem dos povos escravizados que foram trazidos

para a América Portuguesa.

- Iremos questioná-los se alguém já ouviu falar nos povos abaixo citados, se eles saberiam nos dizer, talvez, de que parte da África eles são.
- Através dos mapas, que serão divididos por etnias, iremos evidenciar com a participação dos alunos, essa África Iorubá, Nagô, Hauçá, Fula, Mina, Bantu, Ashanti, M'ubundu, Malê, Congo...entre outras etnias que nem sequer temos conhecimento. Iremos questioná-los se alguém já ouviu falar nos povos acima citados, se eles saberiam nos dizer, talvez de que parte da África eles são, utilizando para isso a leitura dos mapas.
- Ler texto didático: “As várias Áfricas”, primeiramente pedirei que leiam silenciosamente, sublinhando uma frase que mais expresse o conteúdo do texto, em seguida pedirei que leiam em voz alta novamente, fazendo algumas indagações se necessário. O texto escolhido é um texto da Revista de História da Biblioteca Nacional, que na verdade seriam trechos resumidos de um artigo, que fala mais especificamente das diferentes culturas e suas especificidades de trabalho e manuseio.

2º Bloco: (30 minutos)

- Abordar oralmente a escravidão no continente africano; apresentar e problematizar que ela já existia, só que de outra maneira, mais próxima da escravidão antiga.
- Abordar as formas de imposição do sistema escravista como mercadoria em África. (falar sobre a quebra de cultura africana, para poder desestabilizar, impor cultura branca, fazer guerras entre etnias para capturas de escravos).
- Quem são mesmo, esses escravizados? De onde vêm a maioria dos escravizados trazidos para a América Portuguesa? Em especial para a então, Desterro.
- Falar mais especificamente dos povos acima citados. (Enfatizando nos povos Bantu,- Congos, Minas, Iorubás).

3º Bloco : (30 minutos)

- Discutiremos brevemente a captura dos escravizados, ressaltar que não era só colocar o navio atracado na costa da África e capturar quantos puder.
 - Aí, distribuiremos os xerox com os recortes da autobiografia do Baquaqua, iremos pedir que eles leiam silenciosamente e sublinhem a frase que os chamou mais a atenção. Depois iremos ler conjuntamente e possivelmente as frases que eles sublinharam aparecerão, na discussão do texto.
 - Os indagaremos sobre o que se trata o texto, o que eles percebem nesse texto. Seria um relato de um viajante? Será uma ficção? Qual o palpite de vocês? Falaremos que esse texto é um relato de um escravizado, que esse mesmo relato é único, não existem outros que abordem a escravidão em primeira pessoa, o que torna bem difícil o trabalho com a escravidão, visto que a maior parte dos estudos sobre esse sistema são fontes de terceira pessoa, são estudos sobre outros pontos de vista.
 - Falaremos brevemente sobre a história do Baquaqua, da onde ele vem, o que fazia antes de ser capturado, para quais lugares ele foi levado sendo escravizado, falar do momento em que o relato foi escrito, e onde, sobre a conjuntura do local na época. Tem – se conhecimento de Baquaqua e sua história até determinado período, sabe-se que foi para Inglaterra, mas não se obteve maiores informações de seu paradeiro. Era conhecido que seu desejo era retornar à África, mas não se sabe se ele conseguiu isso.
 - O Tráfico de pessoas submetidas a escravização, em grande quantidade partiu da costa da África, do Litoral, mas existiu também muitas capturas no interior da África, em distâncias relevantes da Costa Africana.
 - No navio negreiro, sob quais condições essas pessoas vinham para a América? (o que o relato do Baquaqua nos diz sobre?)
 - Passavam às vezes meses em alto mar. Qual impacto desse sistema na vida dessas pessoas, singulares? (o que o relato do Baquaqua nos diz sobre?)
 - Mostrar mapa das principais rotas escravistas que vinham para a América Portuguesa.

Vocês teriam alguma ideia de como funcionava o tráfico, quem capturava os escravizados? Quem os trazia a América Portuguesa? Eram as mesmas pessoas? Quais interesses sob esses cativos? Em princípio quais funções os escravizados exerceriam na América Portuguesa?

5. Quadro negro: Será utilizado no decorrer da aula, sistematizando as ideias.

6. Material e Recursos didáticos: Textos paradidáticos.

7. Avaliação: Participação

8. Bibliografia:

<http://reporterbrasil.org.br/trabalho-escravo/comparacao-entre-a-nova-escravidao-e-o-antigo-sistema/>

Silva, Alberto da Costa e. O escravo negro na Antiguidade. In: ____ A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

Lara, Silvia Hunold. Biografia de Mahommah Gardo Baquaqua. Revista Brasileira de História.

9. Anexos:

Anexo 3.1 texto paradidático;

Anexo 3.2 Mapas;

Anexo 3.3 texto paradidático do Baquaqua.

Anexo 3.4 Desenhos que retratam as etnias.

Anexo 3.1

As várias Áfricas na formação do Brasil

De que África teria saudades um africano no Brasil? De sua aldeia, certamente, ou do bairro da cidade onde passou sua infância. No Brasil, deixará de ser conhecido por sua terra natal, pelo seu dã, pelo nome que o seu povo dava a si mesmo ou recebia dos vizinhos. Exceto para ele e para os conterrâneos ou vizinhos que encontrava no exílio, não era mais um iaca, aouri ou gun: passara a ser chamado de angola, nagô ou mina, ou africano, e negro. Na fazenda ou na cidade onde penava, podia haver quem falasse o seu idioma ou outro próximo, e até quem fosse de seu vilarejo e seu malungo, ou companheiro de barco na travessia do Atlântico. Por toda parte, porém, encontrava gente estranha, de outras Áfricas que não a sua, com tradições, crenças, valores, costumes, saberes e técnicas diferentes.



Imagens 1 e 2: Diferentes etnias do grupo **banto**: à esquerda (1), habitante de Loango, ao norte da foz do rio Congo; à direita (2) imbangala, da região ao sul de Luanda. Fonte: SOUZA, 2007, p 23.

Os vários grupos iorubás e, ainda mais, os ambundos (também conhecidos como umbundos), tiveram grande importância na formação do Brasil. Mas foram apenas parte de um grande coro, composto de gente de quase toda a África subsaariana. De certas regiões vieram números enormes; de outras,

pouquíssimos. Houve quem fosse obrigado a longuíssimas viagens do centro do continente até os portos litorâneos, e se conhecem casos de cativos feitos a oeste do Rio Cuanza e embarcados em Moçambique. Havia ligações especiais entre os portos brasileiros e africanos. O Rio de Janeiro, por exemplo, vinculava-se sobretudo aos portos de Angola, Congo e Moçambique, e recebia, por isso, não só pessoas dos diferentes grupos ambundos, mas também, entre muitos outros, congos, sossos, iacas, villis, huambos, lubas, galangues, bailundos, luenas, macuas e tongas.



Imagem 3: negros

identificados como **moçambiques**, nome do porto no qual foram embarcados. As tatuagens no rosto mostram que pertenciam a diferentes etnias. SOUZA, 2007, p 107.

Salvador comerciava intensamente com o golfo do Benim, e embarcavam fons, iorubás, mahis, ibos, ijós e efiques, além de indivíduos das savanas mais ao norte, hauçás, nupes (ou tapas), baribas e bornus. De São Luís do Maranhão, ia-se com facilidade à Alta Guiné, e de Cacheu e Bissau lhe chegaram mandingas, banhuns, pepels, felupes, balantas, nalus e bijagós. Para o Brasil foram trazidos africanos de mais de uma centena de povos diferentes." Alberto Costa e Silva.

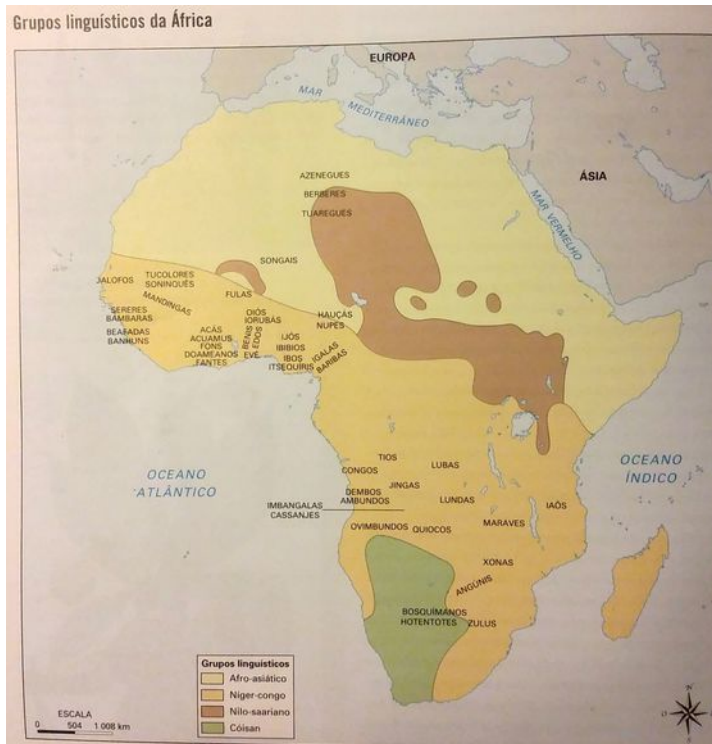
Referências:

Silva, Alberto da Costa e. *Um Brasil muitas Áfricas. Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro. Ano 7, n 78, p. 16-21, mar. 2012.

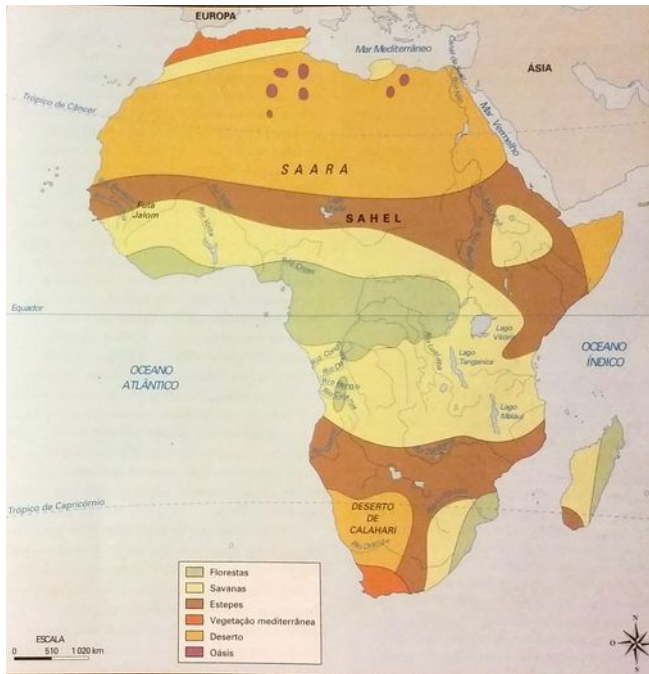
Anexo 3.2

Anexo 3.2

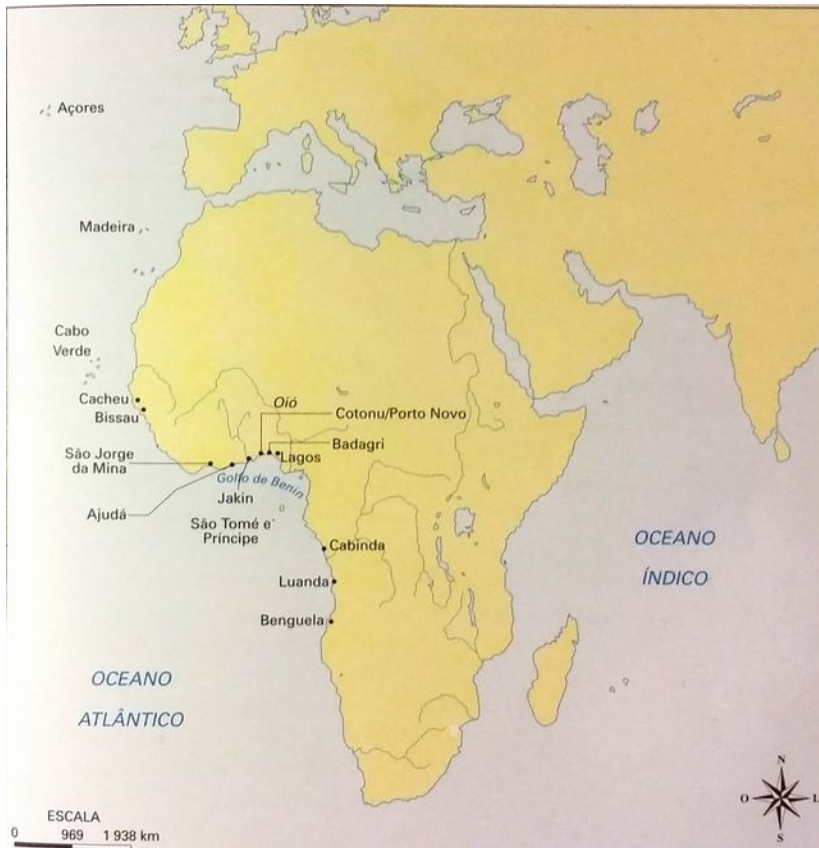
Power Point



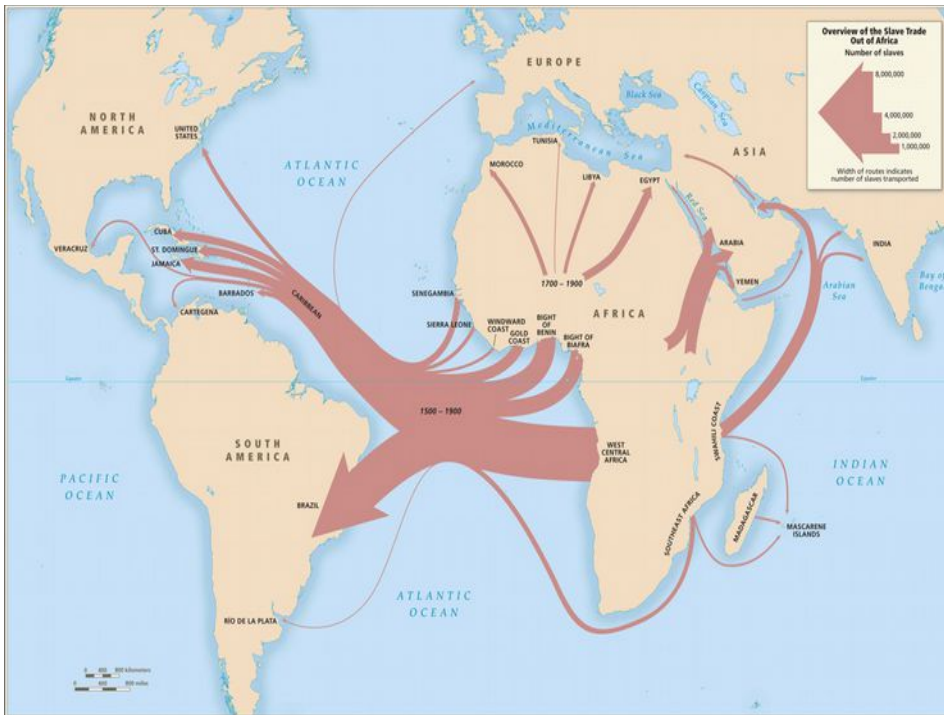
Grupos linguísticos da África: Localização aproximada dos grupos étnicos mencionados no texto. de Mello, Marina. *África e Brasil africano*. Editora Ática, 2006.



Mapa Físico da África: neste mapa foram destacados os tipos de cobertura vegetal. de Mello, Marina. *África e Brasil africano*. Editora Ática, 2006, p.13.



Portos da Costa Africana. de Mello, Marina. **África e Brasil africano**. Editora Ática, 2006, p 20.



Overview of the slave trade out of Africa, 1500-1900. David Eltis and David Richardson, Atlas of the Transatlantic Slave Trade (New Haven, 2010). Acessado em: <http://www.un.org/en/events/africandescentdecade/slave-trade.shtml>

Anexo 3.3

Aula 6

Anexo I

Mahommah Gardo Baquaqua

“(…) Em Gra-fe vi o primeiro homem branco o que , pode ter certeza, chamou-me muito a atenção. As janelas das casas também pareciam estranhas, pois era a primeira vez em minha vida que via casas com janelas. Levaram-me à casa de um homem branco, onde permanecemos até a manhã seguinte, quando me trouxeram o café da manhã. E, imagine minha surpresa quando vi que a pessoa que trazia a minha comida era um velho conhecido, um conterrâneo. Ele não me reconheceu a princípio, mas quando me pergunto se meu nome era Gardo, e eu lhe disse que sim, o pobre homem encheu-se de alegria e tomou minhas mão e me sacudiu violentamente, tão contente estava em me rever. Seu nome era Woo-roo, vinha de Zoogoo, se eu viera de lá recentemente, olhou para minha cabeça e observou que meus cabelos estavam cortados do mesmo jeito como quando estávamos juntos em Zoogoo e eu concordei.”[...]

“[...] Woo-roo parecia muito ansioso para que eu permanecesse em Gra-fe mas meu destino era outro. Esta vila situava-se à margem de um grande rio. Depois do café da manhã levaram-me ao rio e colocaram-me em um barco. O rio era muito largo e bifurcava em duas direções antes de desembocar no mar. O barco em que os escravos foram colocados era grande e impulsionado por remos, embora também tivessem velas. No entanto, como o vento não era suficientemente forte, tinha-se que usar também os remos. Estávamos há duas noites e um dia nesse rio, quando chegamos a um lugar muito bonito, cujo nome não me lembro, Não ficamos ali por muito tempo, tão logo os escravos foram reunidos e o navio estava pronto para velejar, fizemo-nos ao mar. Enquanto estivemos nesse lugar, os escravos foram enjaulados, colocaram-nos de costas para a fogueira e deram ordens para não olharmos à nossa volta. Para assegurar de nossa obediência, um homem se postou à nossa frente com um chicote na mão pronto para açoitar o primeiro que ousasse desobedecer, outro homem circulava com um ferro quente e nos marcava como a tampas de barril ou a qualquer outro bem ou mercadoria inanimada.

Quando estávamos prontos para embarcar, fomos acorrentados uns aos outros e amarrados

com cordas pelo pescoço e assim arrastados para a beira-mar. O navio estava a alguma distância da praia. Nunca havia visto um navio antes e pensei que fosse algum objeto de adoração do homem branco. Imaginei que seríamos todos massacrados e que estávamos sendo conduzidos para lá com essa intenção. Temia por minha segurança e o desalento se apossou quase inteiramente de mim.

Uma espécie de festa foi realizada aquele em terra firme naquele dia. Aqueles que remaram os barcos foram fartamente regalados com uísque e, aos escravos, serviam arroz e outras coisas gostosas em abundância. Não estava ciente de que esta seria minha última festa na África. Não sabia do meu destino. Feliz de mim que não sabia. Sabia apenas que era um escravo. Acorrentado pelo pescoço, e devia submeter-me prontamente e de boa vontade, acontecesse o que acontecesse. Isso era tudo quanto eu achava que tinha direito de saber.

Por fim, quando chegamos à praia, e estávamos em pé na areia, oh! Como desejei que a areia se abrisse e me engolisse. Não sou capaz de descrever minha desolação. O leitor pode imaginar, mas qualquer coisa parecida com um esboço de meus sentimentos não seria, nem de longe, um retrato fiel. Escravos vindo de todas as partes do território estavam ali e foram embarcados. O primeiro barco alcançou o navio em segurança, apesar do vento forte e o mar agitado; o próximo a se aventura, porém, emborcou e todos se afogaram, com exceção de um homem. Ao todo, trinta pessoas morreram. O homem que se salvou era muito corpulento e estava em pé na proa. Ele tinha uma corrente na mão, que agarrava com muita força. Procurando equilibrar o barco. Quando o barco virou, ele foi lançado ao mar com os outros. Mas, subindo à superfície de algum jeito embaixo do barco, ele conseguiu revirá-lo. Assim, salvou-se saltando para dentro do barco quando este se endireitou. Isso exigiu muita força, e o fato de ser um homem vigoroso lhe deu vantagem sobre os demais. Fui colocado no próximo barco que seguiu rumo ao navio. Mas Deus houve de me poupar, talvez por alguma boa razão; Fui colocado no mais horrível de todos os lugares,

Navio Negroiro

Seus horrores, ah! Quem pode descrever? Ninguém pode retratar seus horrores tão fielmente como o pobre desventurado, o miserável desgraçado que tenha sido confinado em seus portais. Oh! Amigos da humanidade, tenham piedade do pobre africano, alijado e afastado de seus amigos e de seu lar, ao ver sentido e depositado no porão de um navio negroiro, para aguardar ainda mais horrores e misérias em uma terra distante, entre religiosos e benevolentes. Sim, até mesmo entre eles. Mas, vamos ao navio! Fomos arremessados, nus, porão adentro, os homens apinhados de um lado e as mulheres de outro. O porão era tão baixo que não podíamos ficar em pé, éramos obrigados a nos agachar ou a sentar no chão. Noite e dia eram iguais para nós, o sono nos sendo negados

devido ao confinamento de nossos corpos. Ficamos desesperados com o sofrimento e a fadiga.

Oh! a repugnância e a imundície daquele lugar horrível nunca serão apagadas de minha memória. Não: enquanto a memória mantiver seu posto nesse cérebro distraído, lembrarei daquilo. Meu coração até hoje adoce ao pensar nisto.

Que aqueles *indivíduos humanitários*, que são a favor da escravidão, coloquem-se no lugar do escravo no porão barulhento de um navio negreiro, apenas por uma viagem da África à América, sem sequer experimentarem mais que isso dos horrores da escravidão; se não saírem abolicionistas convictos, então não tenho mais nada a dizer a favor da abolição. Acho, no entanto, que suas opiniões e sentimentos relativos à escravidão se modificariam de algum modo. Se não, deixem-nos prosseguir no curso da escravidão, e cumprir seu tempo trabalhando em um campo de algodão, arroz, ou outra plantação. Se não disserem pare, basta! Acho que devem ser feitos de ferro, sequer possuindo corações ou almas. Imagino que, em toda criação, haja apenas um lugar mais horrível que o porão do navio negreiro, e esse lugar é aquele onde os donos de escravos e seus lacaios muito provavelmente se encontrarão algum dia quando, ai de mim, será tarde demais, tarde demais!

A única comida que tivemos durante a viagem foi milho velho cosido. Não posso dizer quanto tempo ficamos confinados assim, mas pareceu ser muito tempo. Sofríamos muito por falta de água, que nos era negada na medida de nossas necessidades. Um quartilho por dia era tudo que nos permitiam e nada mais. Muitos escravos morreram no percurso. Houve um pobre companheiro que ficou tão desesperado pela sede que tentou apanhar a faca do homem que nos trazia água. Foi levado ao convés e eu nunca mais soube o que lhe aconteceu. Suponho que foi jogado ao mar.

Quando qualquer um de nós se tornava rebelde, sua carne era cortada com uma faca e o corte esfregado com pimenta e vinagre para torná-lo pacífico (1). Como os demais, fiquei muito mareado de início, mas nosso sofrimento não causou preocupação alguma aos nossos brutais donos. Nosso sofrimento era da nossa conta, não tínhamos ninguém com quem pudéssemos compartilhá-lo, ninguém para cuidar de nós ou até mesmo nos dizer alguma palavra de conforto. Alguns foram jogados ao mar antes do último suspiro exalasse de seus corpos; quando supunham que alguém não iria sobreviver, era assim que se livravam dele. Apenas duas vezes durante a viagem nos permitiram subir ao convés para que pudéssemos nos lavar – uma vez enquanto estávamos em alto mar, e outra pouco antes de entrarmos no porto.

Chegamos em Pernambuco, América do Sul, de manhã cedo e o navio ficou zanzando durante o dia, sem lançar âncora. Ficamos sem comida e sem bebida o dia inteiro, e nos dado a entender que deveríamos permanecer em silêncio absoluto, sem clamor algum, senão nossas vidas estariam em perigo. Mas quando “anoite lançou seu manto de trevas sobre a terra e o mar”, deitaram ferros e nos permitiram ir ao convés para sermos vistos e manuseados por nossos futuros

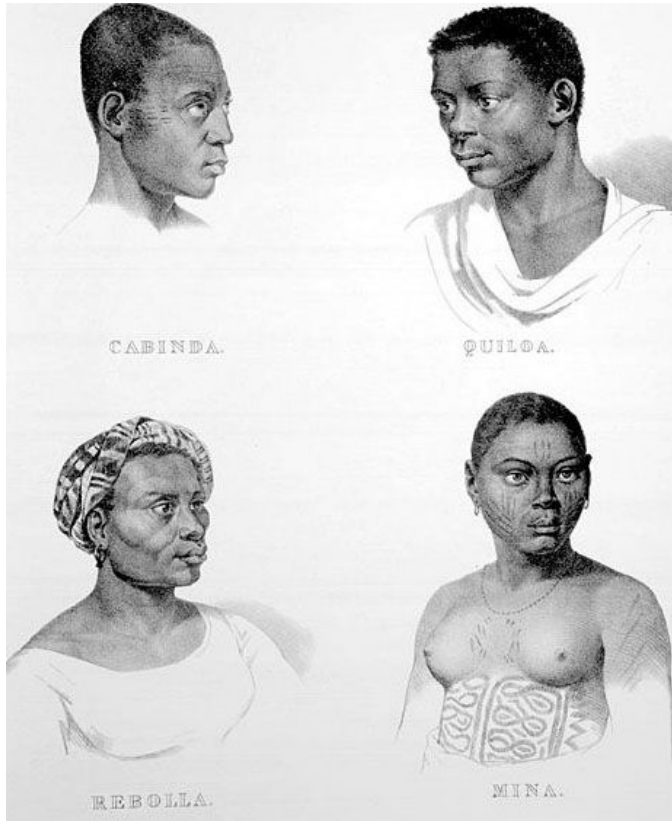
senhores, que vieram da cidade. Desembarcamos a alguma milhas da cidade, na casa de um fazendeiro, que era usada como uma espécie de mercado de escravos. O fazendeiro tinha uma grande quantidade de escravos e não demorou muito para que eu o presenciasse empregando livremente seu chicote contra um rapaz. Essa cena causou-me uma impressão profunda pois, é claro, imaginei que em breve este seria o meu destino. E oh! Não tardou, ai de mim, para que meus temores se realizassem.” [...]

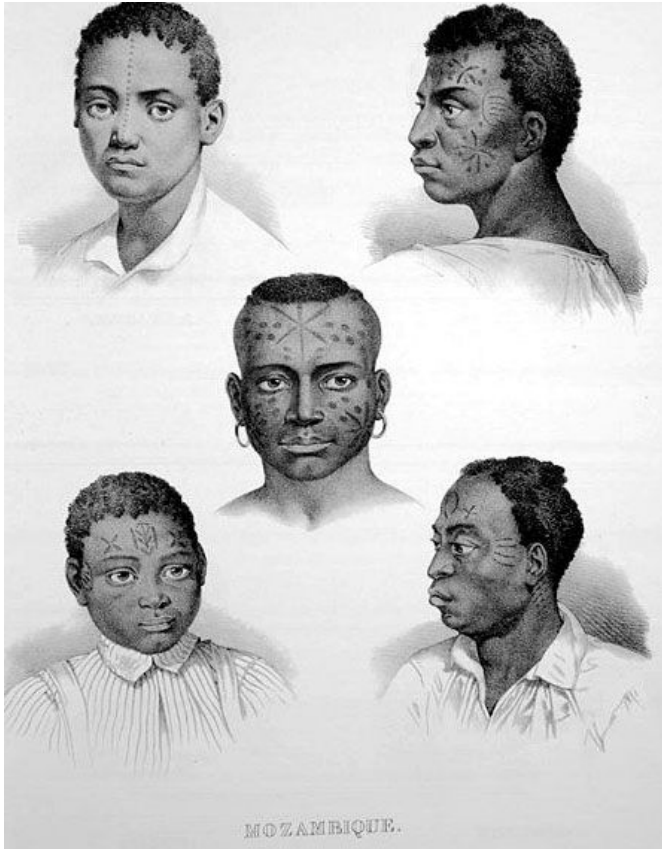
Referência:

Lara, Sílvia Hunold. Biografia de Mahommah G. Baquaqua. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH / Marco Zero, v. 8, n. 16, mar/ago, 1988, p. 269-284.

Anexo 3.4

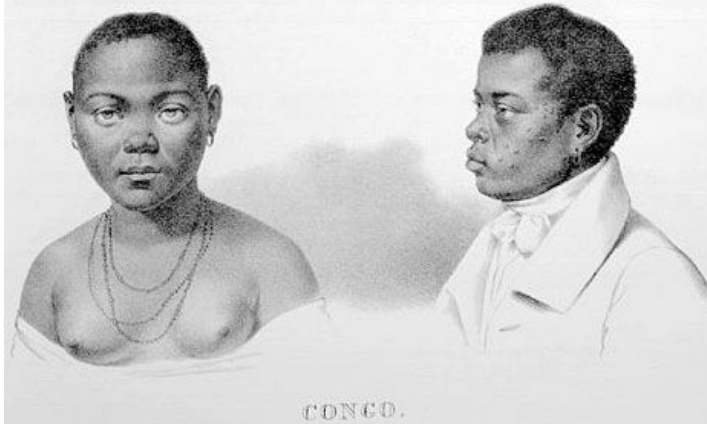
Anexo 3.4



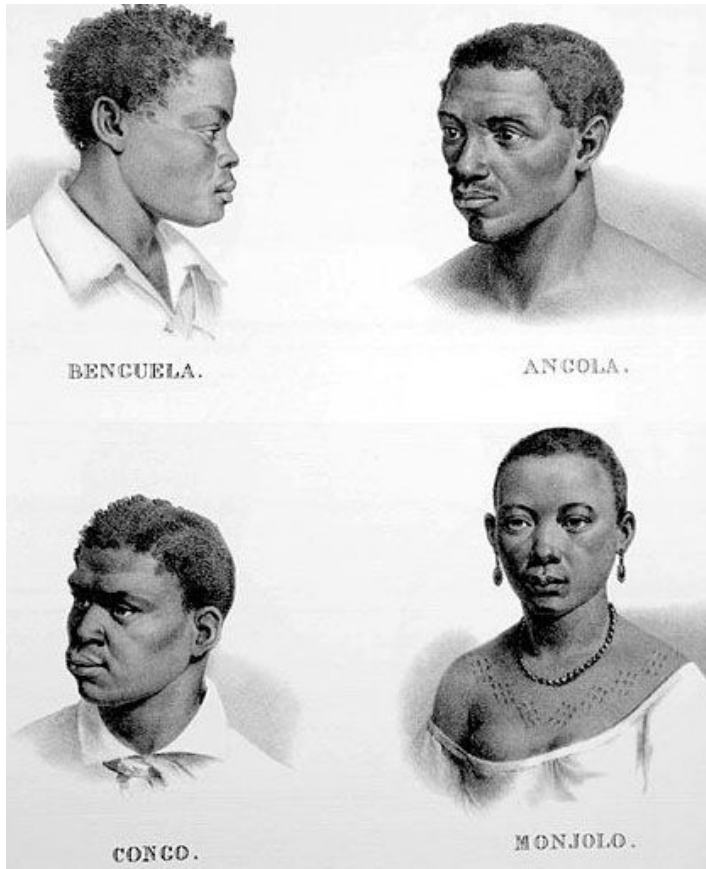




BENGUELA.



CONGO.



Referência: Johann Moritz Rugendas, 1820. Retirado do site:
http://sesi.webensino.com.br/sistema/webensino/aulas/repository_data/SESIeduca/ENS_FUN/ENS_FUN_F07_HIS/349_HIS_ENS_FUN_F07_01/leitura_de_mundo.html

Anexo 4.0

Anexo 4.0

Plano de Aula 6 (Aulas 6 e 7) 100 min.

1. Tema da aula: Problematizando a atividade

2. Conteúdos:

Apresentar problematizando os documentos que foram abordados na atividade com os alunos, sendo a pintura do Rugendas, sua breve biografia e os recortes biográficos traduzidos de Mahommah Gardo Baquaqua.

3. Objetivos:

Apresentar Johann Moritz Rugendas;

Problematizar a pintura como fonte histórica;

Problematizar a biografia de Mahommah G. Baquaqua através dos recortes selecionados;

Apresentar a “fonte histórica”. (o que seria?)

4. Metodologia: Retomar a atividade passada, buscando a compreensão dos alunos acerca do conceito de fonte histórica.

5. Estratégias:

Chamada (5 minutos)

Projetar a imagem “O navio negreiro no datashow” analisa-lá conjuntamente com os alunos, descrevendo a cena. (10 minutos)

Que pessoas estão sendo retratadas? Como estão sendo retratadas? Há só negros? Há crianças?

Pedir aos alunos que leiam o documento de biografia do Rugendas. E pedi que

eles digam o que mais lhes chamou a atenção, do que está escrito.

Problematizar, a medida que vão expondo, a pintura e ela como documento/fonte histórica.

Problematizar o fato de Rugendas vir de uma família de pintores, ser branco e ter pintado o navio negreiro sem ter entrado em um.

Trazer outro viés aos alunos, pois quase sempre a imagem serve como retratação/prova do real, sendo testemunha de que aquele fato ocorreu mesmo. Mas no trabalho com imagens, pode ser percebido, algumas vezes, pré-seleções, do pintor, ou fotógrafo etc. Ou seja, seleções que tornam a imagem mais “aceita”, assim como sorrimos para câmera, mesmo sem estar contente para tirar foto, ou escolhemos um outro fundo, uma outra roupa...o cenário é arrumado e projetado de acordo com o quê o autor da imagem quer mostrar.

Rugendas pinta “*Negres a fond de calle*”, de acordo com relatos de viajantes da época, assim como faz a maioria dos pintores, nota-se com isso, que a representação parte da imaginação com base em relatos e por isso não pode ser vista como prova da realidade. Não deixando de ser fonte histórica, pois pode ser problematizada. (15 minutos)

A biografia do Baquaqua é também fonte histórica, mas precisamos analisa-lá, assim como fizemos com a imagem. É necessário enfatizar mais uma vez, o quão difícil e raro é um documento como esse, uma biografia de ex-escravo.

Diante do fato da biografia ter sido publicada e editada por uma pessoa com orientação religiosa cristã, Samuel Moore em 1854. Podemos notar claramente a interferência deste, na escrita que o foi ditada em certa parte, por Baquaqua. Devendo também ser muito bem problematizada a fins de compreensão, tendo em vista que existem maneiras diferentes de escrita, que podem ficar claras diante das manifestações à Deus, durante o texto.

As fontes históricas não devem ser vistas como provas verdadeiras de um fato histórico. Pois em momentos distintos são constantemente analisadas e problematizadas. (15 minutos)

5. Quadro negro: Utilizado para escrever palavras-chave que serão utilizadas na aula.

6. Material e Recursos didáticos: Datashow, quadro e materiais didáticos da aula anterior.

7. Avaliação: Participativa.

Anexo 4.1

ATIVIDADE 3

Análise de Documento: Mahommah Gardo Baquaqua

1) Identificação da fonte

- a) Que tipo de fonte é essa?
- b) Quem é o autor?
- c) Em que ano é publicado?
- d) Onde foi publicado?

2) No início do trecho selecionado, Baquaqua narra o seu encontro com Woo-roo e Gra-fe, mas explica que ele não poderia permanecer naquele lugar. Interprete, porque Baquaqua deveria seguir em viagem? Como ele descreve essa viagem?

3) Leia o trecho: “Que aqueles *indivíduos humanitários*, que são a favor da escravidão, coloquem-se no lugar do escravo no porão barulhento de um navio negreiro, apenas por uma viagem da África à América, sem sequer experimentarem mais que isso dos horrores da escravidão” E aponte,

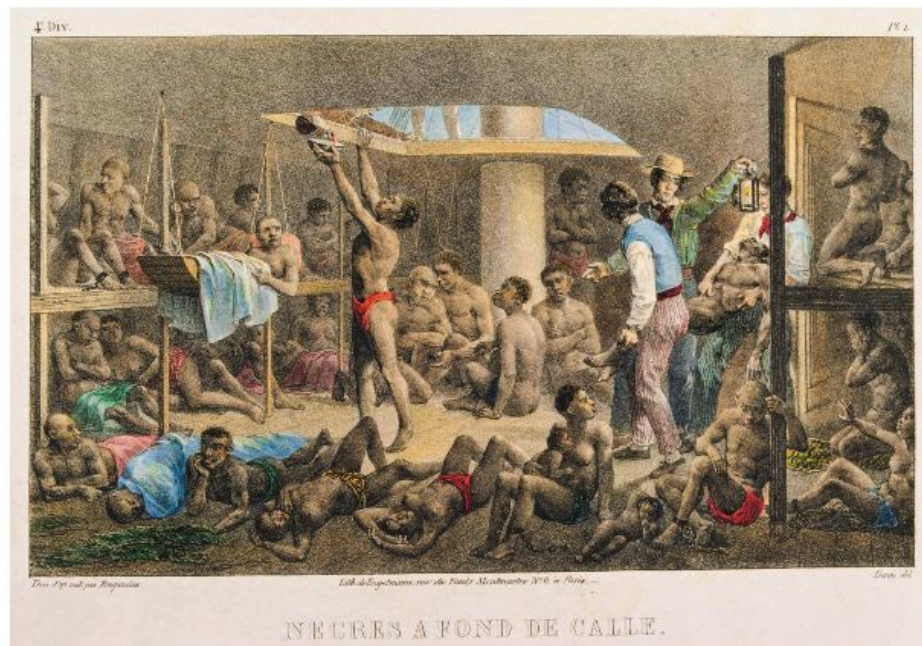
- a) Quem seriam os indivíduos humanitários a quem se refere?
- b) O que ele sugere para esses indivíduos? Porquê?

4) No trecho selecionado para a leitura, Baquaqua descreve como seria um navio negreiro. Selecione frases do texto que melhor expressem, segundo o autor, as características desse tipo de lugar, quanto a:

- a) características do navio negreiro
- b) alimentação
- c) condições de saúde e sobrevivência
- d) o que era permitido e proibido

5) Como Baquaqua narra a sua chegada ao Brasil?

Imagem 1:



Pintura de Johann Moritz Rugendas, "Negres a fond de calle", pertence ao livro com mais de 100 imagens Voyage pittoresque dans le Brésil. Paris: Engelmann, 1835.

Disponível em: <http://collections.mg.co.uk/collections/objects/254986.html>. Acesso em 10/06/2015.

Quem foi Johann Moritz Rugendas?

Rugendas, como ficou conhecido, nasceu em Augsburg, Alemanha em 1802 e faleceu em Weillheim, Alemanha em 1858.

Pintor, desenhista, gravador. Johann Moritz Rugendas pertence à sétima geração de uma família de desenhistas, pintores, gravadores e impressores. É iniciado na atividade artística por seu pai, Johann Lorenz Rugendas II (1775 - 1826), diretor e professor da escola de desenho de Augsburg, ainda criança. A influência do ensino acadêmico será permanente em toda a produção do artista, que tende a valorizar o desenho em suas composições e a representação dos temas segundo a reelaboração ideal e universal da observação do particular.

Cem litografias com base em desenhos brasileiros de Rugendas foram publicadas no volume *Voyage Pittoresque dans le Brésil* (edição bilíngüe francês-alemão, 1827/1835). Até hoje o livro é considerado um dos mais importantes documentos iconográficos sobre o Brasil do século XIX. Dentre uma grande variedade de temas, são nas cenas da vida cotidiana da população brasileira da época e nos retratos etnográficos que percebemos o artista empenhado em criar imagens idealizadas, mais programáticas do que reais. Os corpos de negros e índios são representados em estilo clássico, os traços suavizados e europeizados, bem como é amenizada a situação dos escravos. Já na época de sua publicação, *Voyage Pittoresque* recebe críticas por seu caráter pouco documental. Apesar de serem um importante registro histórico, elas não são suficientes para representar a vida dos escravizados e, muito menos, o papel deles e de seus descendentes na

construção da história nacional.

Texto adaptado de: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa707/rugendas>

Análise de Imagem:

1) Qual o nome do pintor da imagem acima e quando ela foi produzida?

2) Descreva a cena representada na imagem acima:

- a) Local onde estão representadas (características, objetos, organização)
- b) As pessoas (características, expressões faciais, gestual, se há mais mulheres ou homens e preste atenção a determinadas ações que estão ocorrendo, descrevendo quais você julga como as mais significativas na cena)
- c) Quem seriam as pessoas representadas na imagem?

3) Relação entre texto e imagem:

Levando em consideração que tanto a imagem, quanto o relato são fontes do século XIX, responda as questões a seguir:

- a) Qual é o tema abordado tanto pelo relato, quanto pela imagem? Existe alguma relação entre eles? Qual?
- b) Escolha e descreva uma passagem do relato de Mahomma Gardo Baquaqua que melhor se relacione à cena produzida por Johann Moritz Rugendas.
- c) Aponte as principais diferenças entre o texto e a imagem.
- d) Em sua opinião, as intenções de Baquaqua foram as mesmas de Rugendas na produção do seu relato? Quais teriam sido as intenções de Rugendas quando produziu a sua pintura? Analise as diferenças.
- e) Em sua opinião é possível afirmar que uma dessas fontes é mais importante que outra? Se sim, qual? Por quê?

Anexo 4.2

Quem foi Mahommah Gardo Baquaqua?

Mahommah Gardo Baquaqua nasceu em Djougou (atual Benim) entre 1820 e 1830, segundo Lovejoy (LOVEJOY, 2002; p. 17), em uma **família muçulmana** de proeminência local. Frequentou por algum tempo a **escola corânica**, mas abandonou os estudos e trabalhou como ajudante do tio, ferreiro do rei de Djougou.

Ainda adolescente participou das guerras de sucessão em Daboya como carregador, junto com o irmão, onde foi capturado e em seguida resgatado.

De volta para Djougou tornou-se **serviçal** de um funcionário local, talvez o chefe de Soubroukou, que ele chama de rei. **Seu status** neste período é **ambíguo**, e será analisado nos próximos tópicos. Os excessos cometidos neste período o tornaram **alvo de uma emboscada**, onde foi **aprimado**; **transportado para o Daomé**, teria sido embarcado num navio negreiro em 1845, e levado para Pernambuco, no Brasil.

Baquaqua esteve em Pernambuco por cerca de dois anos; aprendeu o português e chegou a exercer funções como **"escravo de tabuleiro"**, vendedor externo, função normalmente reservada a escravos de confiança e inteligentes. A dureza do tratamento que recebia fez com que voltasse ao

vício do álcool e até que tentasse o suicídio.

Levado para o Rio de Janeiro foi incorporado à tripulação do navio *Lembrança*, que fazia transporte de mercadorias com as províncias do sul do Brasil. Uma remessa de café para os Estados Unidos, em 1847, foi seu passaporte para a liberdade. O navio, que chegou a Nova Iorque em junho, foi abordado por **aboliconistas** locais, que o incentivaram a fugir do navio. Após a fuga, no entanto, foi preso na cadeia local, e apenas a colaboração dos abolicionistas (que facilitaram a fuga da prisão) impediu que fosse restituído ao navio. Foi então enviado ao Haiti, onde passou a viver com o reverendo Judd, um missionário batista.

Convertido e batizado, em 1848, Baquaqua retornou aos Estados Unidos devido à instabilidade política que o Haiti vivia então; estudou no New York Central College, em McGrawville, por quase três anos; em **1854** foi para o Canadá; sua **biografia** foi publicada no mesmo ano por Samuel Downing Moore em Detroit.

Não sabemos o que aconteceu com Baquaqua depois de 1857; ele estava então na Inglaterra, e havia recorrido à **Sociedade da Missão Livre Batista Americana para ser enviado como missionário à África**.

Texto disponível em:

http://historiaeautoconhecimento.blogspot.com.br/2010/10/vida-de-baquaqua_29.html

O que é um relato?

Um relato pode tratar basicamente sobre qualquer tema. Pode ser um relato de viagem, onde o viajante descreve o que vivenciou durante o período de sua viagem, pode ser também sobre a trajetória de toda uma vida ou de uma vivência de curta duração.

Existem características importantes da narrativa na forma de relato, geralmente é narrado em 1ª pessoa, no qual os verbos se encontram no presente ou no pretérito, e a linguagem pode variar, podendo ser tanto formal quanto informal. Tudo dependerá do grau de intimidade que existe entre narrador e seus interlocutores.

É importante ter em mente que mesmo que um relato tenha caráter descritivo sobre as experiências de alguém, quem o faz, seleciona o que quer contar. Pensando nisso, é bom refletir sobre o relato de Mahommah Gardo Baquaqua, quais seriam as motivações de Baquaqua em contar sua trajetória de vida? O que ele selecionou para ser contado? Quais as influências externas em seu relato? Qual o público que provavelmente teria contato com seu relato? O seu relato seria diferente caso Baquaqua não tivesse sido convertido ao cristianismo? Ele seria publicado?

Texto adaptado de:

<https://mundodalinguaportuguesa.wordpress.com/2010/11/25/caracteristicas-de-um-texto-no-formato-de-relato-pessoal-%E2%88%9E/>

Anexo 5.0

Eixo Trabalho e Resistência

Plano de Aula: 7 e 8 – 100 minutos(Data: 26/06/15)

Tema:

Escravidão negra, latifúndio, monocultura, resistências no espaço rural.

Conteúdo:

Implantação da produção açucareira, produção do açúcar, o trabalho livre e escravo no engenho, “brecha camponesa” e resistências no meio rural.

Objetivos:

-Relembrar questões importantes sobre o texto “ A arte de Colonizar” relembrando-os do quatro ingredientes fundamentais para o sucesso da Colônia: monocultura, latifúndio, trabalho escravo e exportação.

- Debater questões do presente a cerca da divisão desproporcional de terras da atualidade, usando a caricatura “ Agronegócio” e o mapa “ Distribuição de terras no Brasil”.

- Abordar a sociedade colonial a partir da estrutura econômica colonial e suas principais características.

-Compreender as razões da implantação da produção açucareira no Brasil.

-Identificar outras formas da organização econômica colonial destinada ao mercado interno brasileiro.

-Discutir as razões que levaram a opção pelo uso da mão-de-obra escrava indígena e africana, e a predominância desta última na economia açucareira.

-Compreender o funcionamento da estrutura dos engenhos e os diferentes tipos de trabalho.

-Compreender as estratégias de negociação dos escravos e suas relações com os senhores, através da noção de “brecha camponesa”, uma das poucas possibilidades de melhorias de vida no espaço rural.

- Apresentar um vídeo (apresentado no Fantástico 21/06/2015), que trata sobre a biografia de Marinalva Dantas, auditora fiscal, que trabalhou muitos anos na equipe móvel do Ministério do Trabalho em Emprego. Promovendo a possibilidade de concretizar e rememorar o que foi previamente estudado das condições do trabalho análogo à escravo e comparar com as reivindicações do tratado de paz proposta pelos escravos do Engenho de Santana.

Disponível em: <http://globo.com/fantastico/noticia/2015/06/brasileira-liberta-mais-de-23-mil-trabalhadores-da-escravidao-pelo-pais.html>

- Promover o estudo das condições de trabalho dos escravos e o espaço de negociação entre eles e os senhores na sociedade açucareira colonial, por meio de um documento histórico: o Tratado proposto a Manuel da Silva Ferreira pelos seus escravos durante o tempo em que se rebelaram (1789).

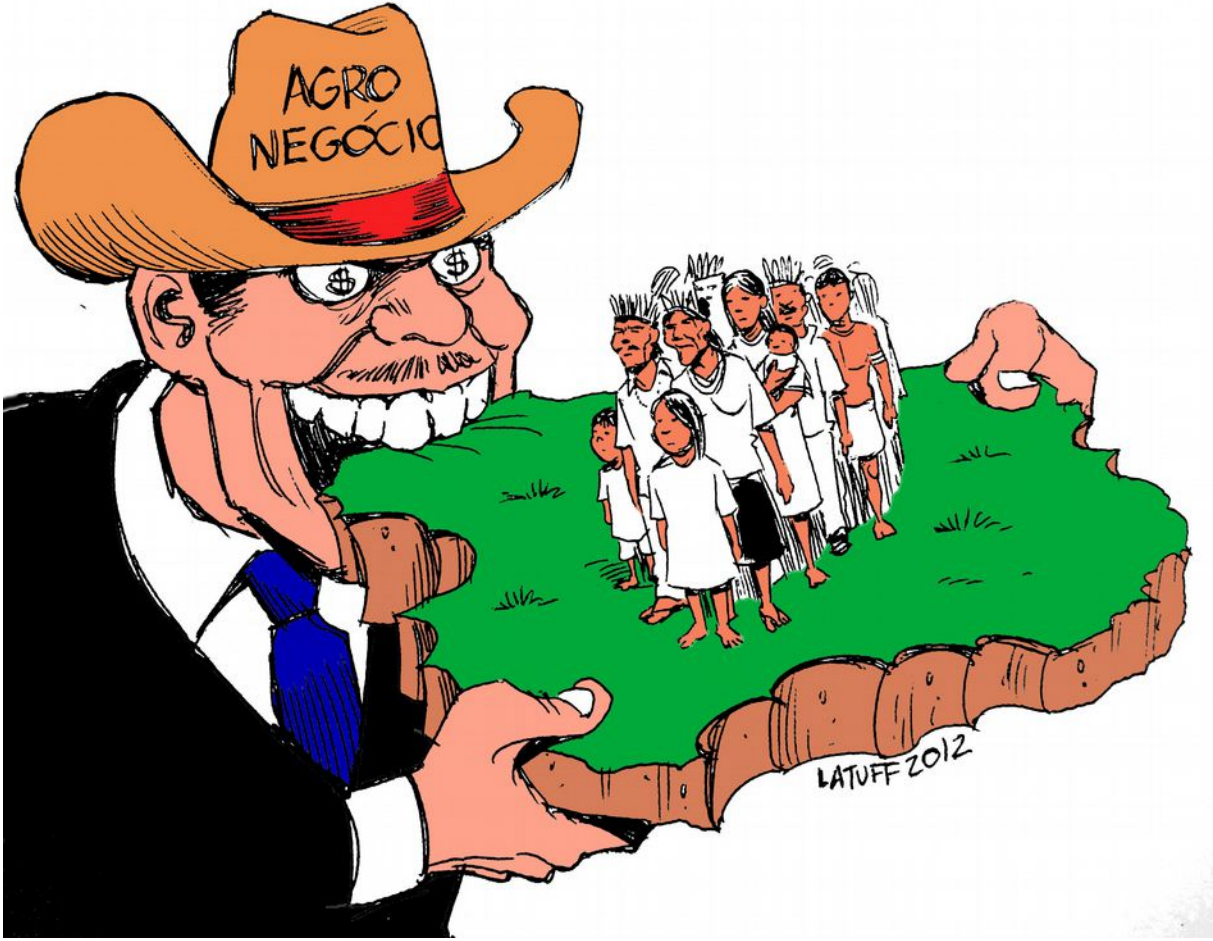
Metodologia e estratégias:

Estratégias	
Chamada e momento para rememorar o que já foi trabalhado pelo professor Fernando e seus textos através de perguntas: (5 minutos)	<p>Vocês lembram o que dizia o texto: “ A arte de Colonizar”?</p> <p>Não? Era algo sobre uma receita para alcançar o sucesso econômico nas colônias, alguém lembra da receita que os autores mencionavam?</p> <p>Eram quatro ingredientes necessários para a tal receita dar certo: escreveremos no quadro com a ajuda dos alunos monocultura, latifúndio, exportação e o mais importante de todos, a mão de obra escrava.</p> <p>Vocês sabem o que é monocultura e latifúndio não?</p> <p>E ao pensarmos em monocultura e latifúndio no período colonial qual o produto que vem em mente?</p> <p>Bom, o açúcar foi o primeiro grande empreendimento da coroa portuguesa nessas terras, como era a estrutura dessa sociedade? Como era a hierarquia? Onde se produzia esse açúcar? Quem produzia esse açúcar?</p> <p>Os índios foram escravizados também?</p> <p>- Partiremos então para estruturar esses dados de classe senhorial, mão de obra escrava, traremos ao e exportação com a finalidade de chegar na questão do mercado interno.</p> <p>Vamos pensar um pouquinho, como se alimentavam senhores e escravos? De onde vinha essa comida? Não existia mais ninguém além de europeus e africanos escravizados? E a população livre e pobre, mestiça, libertos?</p>
Projeção da agricultura do Agronegócio e mapa “Distribuição de terras no Brasil”(10 min) (Anexos 1 e 2)	<p>Projetaremos caricatura e pediremos para os alunos descreverem o que estão vendo, quem está sendo representado nessa imagem e então qual seria a mensagem da caricatura.</p> <p>O segundo momento, seria exibido o mapa de distribuição de terras. Pediríamos novamente para que lesse os números e divisões que há no mapa. Perguntaremos o que isso significa? Isso nos remete ao nosso passado? Ao início da colônia? Como?</p>

<p>Leitura dialogada da segunda parte do Texto (anexo 4)“ A sociedade e a economia açucareira” dos estagiário Aline e Luís (2013): 20 minutos</p>	<p>Projetar Mapas (anexo 3) que tratam sobre a interiorização da Colonia através do tempo e culturas. Pediremos para que os alunos tentem descrever as diferenças que há entre os mapas.</p> <p>Voltaremos ao mapa 1 que demonstra a exploração do pau Brasil e e o início da cultura da Cana.</p> <p>Pediremos para que os alunos se voluntariem na leitura do texto. Interrupções serão feitas para perguntas o que eles compreendem de determinados trechos e para questionar junto aos alunos: Como Portugal planejou a produção de cana na colonia? Quem é a primeira mão de obra escrava? Por que recorrem a mão de obra africana? O monopólio Comercial dá certo?</p>
<p>Apresentar vídeo (12 minutos)</p>	<p>Apresentaremos previamente sobre o que se trata o vídeo.</p>
<p>Após o vídeos, perguntar aos alunos e escrever no quadro: (10 min.)</p>	<p>Vocês poderiam me dizer quais as principais diferenças entre o Trabalho escravo do Período Colonial para o Trabalho Análogo (semelhante, parecido) à escravo na atualidade?</p> <p>Mesmo que atualmente seja ilegal forçar um trabalhador à condições semelhantes a de um escravo no Brasil, ainda existe ocorrência dessa prática não é mesmo? Por que? Isso significa que concordamos com a continuidade dessa modalidade de trabalho? Vocês concordam?</p> <p>Então porque Portugal dentre outros países, exploraram a mão de obra de escrava? Que sociedade era essa que concordava em escravizar o “outro”?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Legal x ilegal • étnico x social • captura x aliciamento (são enganados) • desenraizamento (o ato de fazer perder as características de origem, Diáspora negra) x na maioria das vezes acontece no próprio país, no próprio Estado). • Trabalhos de características braçais, exaustivos. • cerceamento da liberdade x idem • violência x violência • lucro x lucro
<p>Entrega e leitura do tratado (Anexo 5) de paz de escravos do Engenho de Santana (1789):(30 minutos)</p>	<p>1º momento: Apresentaremos através da navegação do site http://www.historiaunirio.com.br/numem/detetiv/esdopassado/ as pistas referente a localização do</p>

	<p>engenho, os trechos que Stuart Schwartz traz informações a cerca do cotidiano do engenho.</p> <p>2]º momento: Pediremos para que leiam em silêncio o tratado.</p> <p>Após leitura em silêncio perguntaremos afinal o que era esse tratado de paz, quais eram as reivindicações dos escravos e, aproveitaremos para questionar sobre o espaço de negociação que negros encontravam para amenizar a condição de escravo coisa.</p> <p>Pediremos para que relacionem as reivindicações que os escravos fizeram com o que já aprenderam e viram sobre trabalho análogo à escravidão.</p>

Anexo 5.1



Anexo 5.2

Anexo 3: Mapa da ocupação







Anexo 5.3

Anexo 4

UFSC – Colégio de Aplicação
História – Prof. Fernando Leocino da Silva
Estagiários: Aline e Luís Guilherme

Texto 3

SOCIEDADE E ECONOMIA AÇUCAREIRA

Nos primeiros anos da colonização, a Coroa portuguesa e os comerciantes estavam mais interessados nas relações com os povos africanos e com os povos do Oriente, principalmente da Índia, de onde traziam mercadorias que eram fontes de altos lucros. Mas, diante da ameaça de outros europeus ao território, o governo português elaborou uma política de ocupação e colonização do Brasil, concedendo grandes extensões de terras a nobres lusitanos que em troca deveriam se dedicar à proteção das terras e à produção do açúcar, seguindo a experiência bem-sucedida das ilhas atlânticas dos Açores e da Madeira, e de São Tomé. Assim, foi a partir da década de 1530 que começou de fato a colonização do Brasil pela Coroa portuguesa.

A base dessa colonização, que se estendeu por cerca de trezentos anos, era a exportação de mercadorias produzidas pelo trabalho escravo. O açúcar foi a primeira delas, mantendo-se importante na economia brasileira do século XVI ao século XIX.

A produção de açúcar

Foram muitos os motivos que levaram a Coroa portuguesa a tomar a decisão de produzir açúcar na América Portuguesa. De um lado, havia em certas regiões do Brasil **condições naturais favoráveis**, ao desenvolvimento da lavoura canavieira: clima quente, chuvas, solo de massapê no litoral do nordeste. De outro, havia a **experiência portuguesa anterior** com o cultivo bem-sucedido de cana de açúcar. Além disso, a metrópole poderia obter grandes **lucros** com a produção do açúcar, porque era um produto que tinha grande aceitação na Europa. Faltava aos portugueses o capital e uma eficiente infra-estrutura de distribuição, o que foi resolvido com uma parceria com os holandeses, que já fretavam o açúcar produzido por Portugal nas ilhas do Atlântico.

A **grande propriedade agrícola (latifúndio), monocultura, escravocrata e exportadora** – designada pela expressão inglesa *plantation* – constitui a forma básica da colonização portuguesa no Brasil, até a descoberta e exploração de metais preciosos, a partir do final do século XVII. No entanto, alguns historiadores têm observado que a vida de grande parte da população colonial não se limitava às grandes propriedades rurais exportadoras. Além dos latifúndios do açúcar, dos produtores de tabaco, dos comerciantes portuários envolvidos na exportação para a metrópole e dos mineradores, havia na colônia considerável parcela de pecuaristas (carne-seca e couro) ou de pequenos proprietários produzindo gêneros alimentícios (mandioca, milho, feijão, arroz,) para o consumo do mercado interno. Essa produção de alimentos era essencial para a população da colônia e relativiza o peso e a importância da *plantation* escravista para a economia colonial.

Na etapa inicial da empresa açucareira, o colonizador utilizou-se do trabalho escravo do indígena, considerando que havia encontrado solução relativamente barata e suficiente para atender a necessidade de mão-de-obra. Entretanto, a partir do início do século XVII, ocorreu uma grande redução da população indígena em consequência das guerras dos colonos contra os índios e das sucessivas epidemias que os vitimavam. Isso, aliados a outros fatores que veremos a seguir, fez o colono português buscar formas alternativas de trabalho. Optou-se pela escravidão africana, prática com a qual Portugal já possuía experiência, originando um

lucrativo tráfico de escravos entre as costas da África, a Bahia, Pernambuco e o Rio de Janeiro.

Predomínio da escravidão africana

Como escreveu o historiador Stuart Schwartz, os africanos sem dúvida não era mais "predispostos" ao cativeiro do que índios, ou qualquer outro povo retirado de sua terra natal e submetido ao trabalho forçado e, assim como os indígenas, empreenderam suas resistências ao trabalho escravo de variadas formas. No entanto, além dessas explicações, destacamos também, a interpretação do historiador Fernando Novais, segundo a qual a preferência pela escravização dos africanos foi principalmente motivada pelos altos lucros gerados pelo tráfico negreiro, o que confirma a importância econômica dessa atividade na engrenagem do sistema colonial da América Portuguesa.

A mão-de-obra africana representou a base das atividades econômicas no Brasil colonial, como a produção de açúcar e a mineração. Entretanto, além de trabalhar nos engenhos e nas minas, os africanos também foram utilizados em outros cultivos agrícolas, na criação de animais, no transporte, nos serviços domésticos e no comércio.

A "Brecha Camponesa"

O setor agrícola dividia-se em um setor escravista dominante produtor de cana-de-açúcar, e um setor produtor de alimentos, que abastecia os trabalhadores. Neste último, os escravos podiam receber lotes em usufruto concedidos pelo grande proprietário. A produção realizada nesses lotes garantia não apenas uma melhor alimentação aos escravos e às suas famílias, como também diminuía o custo de manutenção destes por parte dos senhores. Por vezes, os escravos conseguiam também vender os excedentes, o que permitia em alguns casos a constituição de um pecúlio que poderia servir, em longo prazo, para a compra de alforrias. O cultivo dessas terras era feito aos domingos e dias santos, ao que tudo indica, essa prática foi comum no período colonial, especialmente no nordeste açucareiro. Esse costume ficou conhecido como "brecha camponesa".

O engenho

Nos primeiros séculos da colonização, parcela considerável da população colonial concentrava-se no campo, em torno das grandes propriedades rurais, ligadas a produção agrícola e pecuária. Na maioria das vezes essas unidades produtivas se tornavam, também, núcleo social, administrativo e cultural, como foi o caso de muitos engenhos.

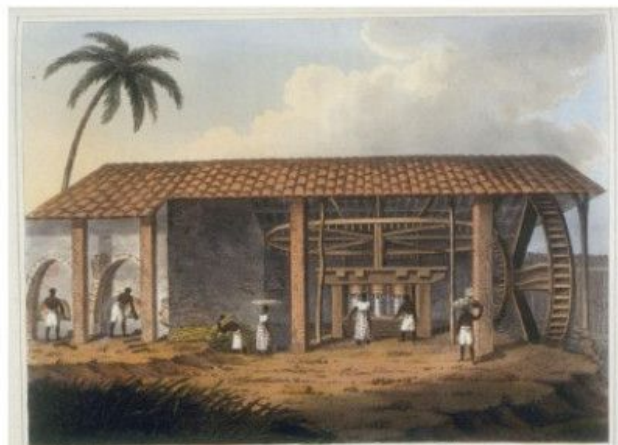
O engenho compreendia as plantações de cana, a casa da moenda, a casa-grande (residência do senhor de engenho), a capela, a senzala (destinada ao abrigo dos escravos), os currais, as matas e as inúmeras instalações necessárias à fabricação do açúcar, como:

- **Casa da fornalha:** local de cozimento do caldo (com o cozimento o caldo era transformado em melaço);
- **Tendal das forjas:** local onde o melaço era esfriado e condensado;
- **Casa de purgar:** local onde o melaço era clareado;
- **Galpões e pátios:** locais onde os "pães-de-açúcar" eram quebrados, reduzidos a pó e secados;
- **Casa dos cobres:** locais de armazenagem dos vasilhames.

Nos engenhos, além do açúcar, também eram produzidos a rapadura e a cachaça, que juntamente com o tabaco, eram os principais produtos trocados na aquisição de escravos. No engenho, também havia trabalhadores livre e assalariados. Estes eram, geralmente,

conhecedores de procedimentos especializados indispensáveis ao processo de produção do açúcar ou de habilidades artesanais desconhecidas pelos negros. Como por exemplo: o mestre de açúcar, ferreiros, pedreiros, tacheiros, etc. No entanto, aos poucos, tais técnicas foram sendo dominadas, subdivididas e executadas por trabalhadores menos hábeis, com menor remuneração, ou por escravos.

Observe a imagem abaixo e veja como o autor representou o engenho e o trabalho escravo. Ela foi produzida por Henry Koster (Portugal, c.1793 — Recife, 1820), também conhecido como Henrique da Costa, que foi um empresário e pintor português. Filho de pais ingleses, veio ao Brasil em 1809, por motivos de saúde, e se tornou senhor de engenho e plantador de cana-de-açúcar. Suas obras artísticas tinham como tema a retratação dos engenhos no Brasil Colonial. Explorou vários locais do país, viagens estas que deram origem ao livro *Travels in Brazil*.



A Sugar Mill, Brazil, 1816. Henry Koster, O engenho de açúcar pernambucano do século XIX.

Referências:

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Negras imagens: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil*. São Paulo: Edusp: Estação Ciência, 1996.
LINHARES, Maria Yedda; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Terra prometida: uma história da questão agrária no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
SCHWARTZ, Stuart. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Anexo 5.4

Anexo 5

Tratado proposto a Manuel da Silva Ferreira pelos seus escravos durante o tempo em que se rebelaram (por volta de 1789):

“Meu Senhor, nós queremos paz e não queremos guerra; se meu senhor também quiser nossa paz há de ser nessa conformidade, se quiser estar pelo que nós quisermos a saber. Em cada semana nos há de dar os dias de sexta-feira e de sábado para trabalharmos para nós não tirando um destes dias por causa de dia santo. Para podermos viver nos há de dar rede, tarrafa e canoas. Não nos há de obrigar a fazer camboas, nem a mariscar, e quando quiser fazer camboas e mariscar mande os seus pretos Minas. Faça uma barca grande para quando for para Bahia nós metermos as nossas cargas para não pagarmos fretes.(...) A tarefa de cana há de ser de cinco mãos, e não de seis, e a dez canas em cada feixe.(...) Os atuais feitores não os queremos, faça a eleição de outros com a nossa aprovação.(...) Os marinheiros que andam na lancha além de camisa de baeta que se lhe dá, hão de ter gibão de baeta, e todo vestuário necessário. O canavial do Jabirú o iremos aproveitar por esta vez, e depois há de ficar para pasto porque não podemos andar tirando canas por entre mangues. Poderemos plantar nosso arroz onde quisermos, e em qualquer brejo, sem que para isso peçamos licença, e poderemos cada um tirar jacarandás ou qualquer pau sem damos parte para isso. A estar por todos os artigos acima, e conceder-nos estar sempre de posse da ferramenta, estamos prontos para o servirmos como dantes, porque não queremos se- guir os maus costumes dos mais Engenhos. Poderemos brincar, folgar, e cantar em todos os tempos que quisermos sem que nos impeça e nem seja preciso licença.”

Retirado de:

DE ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Centro de Estudos Afro-Orientais, 2006.

Anexo 6.0

Disciplina: História

Professor: Fernando Leocino da Silva

Estagiárias: Elisa Borges e Valéria Gontarczyk

Alunos (as): Alison Janna da Silva e Elis do Valle Ribeiro

Série: 9ºB

Data: 22/05/15

Ficha de Identificação e Descrição do Documento

Em dupla, observe a imagem/foto que foi entregue a vocês. Troque ideias com seu (a) colega e responda as questões a seguir. Não se preocupem com respostas certas ou erradas. Você pode marcar mais de uma alternativa.

1- Descrição da Imagem

Tipo de imagem

() desenho () pintura (X) fotografia

Quantas pessoas estão representadas nessa imagem

(X) 1 pessoa () 2 a 3 pessoas () Mais de 3 pessoas

Essa imagem representa

() Uma atividade pública (X) Uma atividade privada

A ação representada ocorre em que tipo de espaço

() Espaço rural (X) Espaço urbano

A ação representada ocorre em que temporalidade

(X) No presente atual () Há mais de 50 anos () Há mais de 100 anos () Há mais de 1000 anos () Há mais de 2000 anos

Qual a ação principal está representada na imagem

(X) Uma situação de trabalho () Uma situação de lazer

Se você respondeu na questão anterior, que a ação principal é de trabalho. Qual o tipo de trabalho você acha que está representado?

Trabalho Escravo Trabalho Livre

2- Analisando as respostas anteriores, vocês conseguem definir o que está ocorrendo na imagem/foto? Descreva a cena, apresentando o cenário, os objetos e as ações das pessoas representadas.

Há uma pessoa negra costurando em uma sala onde existem mais mesas e máquinas de costura.

3- A partir da resposta acima, descrevam o que vocês imaginam que está acontecendo.

E uma pessoa trabalhando em um trabalho que pode ser livre e escravo.

4- A partir das respostas acima, atribua um título para a sua imagem.

Costurando. 2009

Colégio de Aplicação - UFSC

Disciplina: História

Professor: Fernando Leocino da Silva

Estagiárias: Elisa Borges e Valéria Gontarczyk

Alunos (as): Emanda C., Amardo T. e Beatriz Tenega.

Série: 9ºB

Data: 22/05/15

Ficha de Identificação e Descrição do Documento

Em dupla, observe a imagem/foto que foi entregue a vocês. Troque ideias com seu (a) colega e responda as questões a seguir. Não se preocupem com respostas certas ou erradas. Você pode marcar mais de uma alternativa.

1- Descrição da Imagem

Tipo de imagem

() desenho () pintura (X) fotografia

Quantas pessoas estão representadas nessa imagem

() 1 pessoa () 2 a 3 pessoas (X) Mais de 3 pessoas

Essa imagem representa

() Uma atividade pública (X) Uma atividade privada

A ação representada ocorre em que tipo de espaço

(X) Espaço rural () Espaço urbano

A ação representada ocorre em que temporalidade

() No presente atual (X) Há mais de 50 anos () Há mais de 100 anos () Há mais de 1000 anos () Há mais de 2000 anos

Qual a ação principal está representada na imagem

(X) Uma situação de trabalho () Uma situação de lazer

Se você respondeu na questão anterior, que a ação principal é de trabalho. Qual o tipo de trabalho você acha que está representado?

Trabalho Escravo () Trabalho Livre

2- Analisando as respostas anteriores, vocês conseguem definir o que está ocorrendo na imagem/foto? Descreva a cena, apresentando o cenário, os objetos e as ações das pessoas representadas.

A imagem mostra escravos trabalhando numa plantação que parece ser de fumo. Eles estão espalhados pelo local colhendo as plantas.

3- A partir da resposta acima, descrevam o que vocês imaginam que está acontecendo.

Os escravos parecem que estão colhendo a planta.

4- A partir das respostas acima, atribua um título para a sua imagem.

Ha' 50 anos atrás.

Disciplina: História

Professor: Fernando Leocino da Silva

Estagiárias: Elisa Borges e Valéria Gontarczyk

Alunos (as): Carolina Bellor, Lumma Sturch, Danielly Vieira

Série: 9ºB

Data: 21/2/05



Ficha de Identificação e Descrição do Documento

Em dupla, observe a imagem/foto que foi entregue a vocês. Troque ideias com seu (a) colega e responda as questões a seguir. Não se preocupem com respostas certas ou erradas. Você pode marcar mais de uma alternativa.

1- Descrição da Imagem

Tipo de imagem

() desenho () pintura (x) fotografia

Quantas pessoas estão representadas nessa imagem

() 1 pessoa () 2 a 3 pessoas (x) Mais de 3 pessoas

Essa imagem representa

() Uma atividade pública (x) Uma atividade privada

A ação representada ocorre em que tipo de espaço

(x) Espaço rural () Espaço urbano

A ação representada ocorre em que temporalidade

() No presente atual () Há mais de 50 anos (x) Há mais de 100 anos () Há mais de 1000 anos () Há mais de 2000 anos

Qual a ação principal está representada na imagem

(x) Uma situação de trabalho () Uma situação de lazer



Se você respondeu na questão anterior, que a ação principal é de trabalho. Qual o tipo de trabalho você acha que está representado?

Trabalho Escravo () Trabalho Livre

2- Analisando as respostas anteriores, vocês conseguem definir o que está ocorrendo na imagem/foto? Descreva a cena, apresentando o cenário, os objetos e as ações das pessoas representadas.

Está apresentando uma mina, com aparentemente
escravos trabalhando e um capataz observando
o trabalho.

3- A partir da resposta acima, descrevam o que vocês imaginam que está acontecendo.

Imaginamos que são escravos negros
trabalhando em uma mina (os dias de baixo).
Na parte de cima, estão os chefes dos escravos
levando mais escravos para a mina.

4- A partir das respostas acima, atribuem um título para a sua imagem.

Mineração! / Escravidão! / Trabalho escravo!
Mineração e Escravidão: Trabalho escravo



Disciplina: História

Professor: Fernando Leocino da Silva

Estagiárias: Elisa Borges e Valéria Gontarczyk

Alunos (as): João Pedro e Daniel

Série: 9ºB

Data: 22/05/2015

Ficha de Identificação e Descrição do Documento

Em dupla, observe a imagem/foto que foi entregue a vocês. Troque ideias com seu (a) colega e responda as questões a seguir. Não se preocupem com respostas certas ou erradas. Você pode marcar mais de uma alternativa.

1- Descrição da Imagem

Tipo de imagem

() desenho () pintura fotografia

Quantas pessoas estão representadas nessa imagem

() 1 pessoa 2 a 3 pessoas () Mais de 3 pessoas

Essa imagem representa

() Uma atividade pública Uma atividade privada

A ação representada ocorre em que tipo de espaço

Espaço rural () Espaço urbano

A ação representada ocorre em que temporalidade

() No presente atual Há mais de 50 anos Há mais de 100 anos () Há mais de 1000 anos () Há mais de 2000 anos

Qual a ação principal está representada na imagem

Uma situação de trabalho () Uma situação de lazer

Se você respondeu na questão anterior, que a ação principal é de trabalho. Qual o tipo de trabalho você acha que está representado?

Trabalho Escravo Trabalho Livre

2- Analisando as respostas anteriores, vocês conseguem definir o que está ocorrendo na imagem/foto? Descreva a cena, apresentando o cenário, os objetos e as ações das pessoas representadas.

Tem dois homens, colhendo algo do pé de alguma planta.

3- A partir da resposta acima, descrevam o que vocês imaginam que está acontecendo.

Eles estão trabalhando em uma plantação de algo e não estão pagando por isso. São trabalhadores escravos, sem roupas adequadas para o trabalho.

4- A partir das respostas acima, atribua um título para a sua imagem.

Colheita da Escravidão

Disciplina: História

Professor: Fernando Leocino da Silva

Estagiárias: Elisa Borges e Valéria Gontarczyk

Alunos (as): Jessica Silva e Rubenilton Mianello

Série: 9ºB

Data: 22/5/15

Ficha de Identificação e Descrição do Documento

Em dupla, observe a imagem/foto que foi entregue a vocês. Troque ideias com seu (a) colega e responda as questões a seguir. Não se preocupem com respostas certas ou erradas. Você pode marcar mais de uma alternativa.

1- Descrição da Imagem

Tipo de imagem

() desenho () pintura fotografia

Quantas pessoas estão representadas nessa imagem

1 pessoa () 2 a 3 pessoas () Mais de 3 pessoas

Essa imagem representa

Uma atividade pública () Uma atividade privada

A ação representada ocorre em que tipo de espaço

Espaço rural () Espaço urbano

A ação representada ocorre em que temporalidade

No presente atual () Há mais de 50 anos () Há mais de 100 anos () Há mais de 1000 anos () Há mais de 2000 anos

Qual a ação principal está representada na imagem

Uma situação de trabalho () Uma situação de lazer

Se você respondeu na questão anterior, que a ação principal é de trabalho. Qual o tipo de trabalho você acha que está representado?

Trabalho Escravo Trabalho Livre

2- Analisando as respostas anteriores, vocês conseguem definir o que está ocorrendo na imagem/foto? Descreva a cena, apresentando o cenário, os objetos e as ações das pessoas representadas.

Um homem trabalhando, ele está suando a camisa que foi atingida pelo fogo. Está em ambiente de ar livre e com um fogo próximo.

3- A partir da resposta acima, descrevam o que vocês imaginam que está acontecendo.

Eu já costuro a roupa e suando do parte atingida pelo fogo.

4- A partir das respostas acima, atribuem um título para a sua imagem.

O trabalho manual

Disciplina: **História**

Professor: **Fernando Leocino da Silva**

Estagiárias: **Elisa Borges e Valéria Gontarczyk**

Alunos (as): João Gabriel m e Mathus Augusto

Série: **9ºB**

Data: 22/05/2019

Ficha de Identificação e Descrição do Documento

Em dupla, observe a imagem/foto que foi entregue a vocês. Troque ideias com seu (a) colega e responda as questões a seguir. Não se preocupem com respostas certas ou erradas. Você pode marcar mais de uma alternativa.

1- Descrição da Imagem

Tipo de imagem

() desenho () pintura (x) fotografia

Quantas pessoas estão representadas nessa imagem

() 1 pessoa (x) 2 a 3 pessoas () Mais de 3 pessoas

Essa imagem representa

() Uma atividade pública (x) Uma atividade privada

A ação representada ocorre em que tipo de espaço

(x) Espaço rural () Espaço urbano

A ação representada ocorre em que temporalidade

() No presente atual (x) Há mais de 50 anos () Há mais de 100 anos () Há mais de 1000 anos () Há mais de 2000 anos

Qual a ação principal está representada na imagem

(x) Uma situação de trabalho () Uma situação de lazer

Se você respondeu na questão anterior, que a ação principal é de trabalho. Qual o tipo de trabalho você acha que está representado?

Trabalho Escravo Trabalho Livre

2- Analisando as respostas anteriores, vocês conseguem definir o que está ocorrendo na imagem/foto? Descreva a cena, apresentando o cenário, os objetos e as ações das pessoas representadas.

Elas estão pegando minério do rio, com uma peneira e levando para algum lugar. A fotografia se retrata no interior, elas utilizam peneiras e bacia para ~~utilizar~~ armazenar os minérios.

3- A partir da resposta acima, descrevam o que vocês imaginam que está acontecendo.

Uma situação de trabalho escravo, levando os minérios para algum lugar, para ganhar dinheiro em cima deles.

4- A partir das respostas acima, atribua um título para a sua imagem.

Mineração ilegal, isso que acontece a 50 mil reais.

Disciplina: História

Professor: Fernando Leocino da Silva

Estagiárias: Elisa Borges e Valéria Gontarczyk

Alunos (as): Luom

Série: 9ºB

Data: _____

Ficha de Identificação e Descrição do Documento

Em dupla, observe a imagem/foto que foi entregue a vocês. Troque ideias com seu (a) colega e responda as questões a seguir. Não se preocupem com respostas certas ou erradas. Você pode marcar mais de uma alternativa.

1- Descrição da Imagem

Tipo de imagem

() desenho () pintura fotografia

Quantas pessoas estão representadas nessa imagem

() 1 pessoa () 2 a 3 pessoas Mais de 3 pessoas

Essa imagem representa

() Uma atividade pública () Uma atividade privada

A ação representada ocorre em que tipo de espaço

Espaço rural Espaço urbano

A ação representada ocorre em que temporalidade

No presente atual Há mais de 50 anos () Há mais de 100 anos () Há mais de 1000 anos () Há mais de 2000 anos

Qual a ação principal está representada na imagem

Uma situação de trabalho () Uma situação de lazer

Se você respondeu na questão anterior, que a ação principal é de trabalho. Qual o tipo de trabalho você acha que está representado?

Trabalho Escravo () Trabalho Livre

2- Analisando as respostas anteriores, vocês conseguem definir o que está ocorrendo na imagem/foto? Descreva a cena, apresentando o cenário, os objetos e as ações das pessoas representadas.

Sim, são ~~homens~~ pessoas que estão sendo escravizados, e eles estão construindo cegos.

3- A partir da resposta acima, descrevam o que vocês imaginam que está acontecendo.

Eu imagino que são homens que não tem oportunidades de vida e por isso estão trabalhando em uma construção de alguma coisa mais estão trabalhando de uma maneira e estão sendo

4- A partir das respostas acima, atribuem um título para a sua imagem. *escravizados*

trabalho pesado e escravidão

Disciplina: **História**

Professor: **Fernando Leocino da Silva**

Estagiárias: **Elisa Borges e Valéria Gontarczyk**

Alunos (as): Maxia Luísa e Ana Paula

Série: **9ºB**

Data: 22/05/15

Ficha de Identificação e Descrição do Documento

Em dupla, observe a imagem/foto que foi entregue a vocês. Troque ideias com seu (a) colega e responda as questões a seguir. Não se preocupem com respostas certas ou erradas. Você pode marcar mais de uma alternativa.

1- Descrição da Imagem

Tipo de imagem

desenho pintura fotografia

Quantas pessoas estão representadas nessa imagem

1 pessoa 2 a 3 pessoas Mais de 3 pessoas

Essa imagem representa

Uma atividade pública Uma atividade privada

A ação representada ocorre em que tipo de espaço

Espaço rural Espaço urbano

A ação representada ocorre em que temporalidade

No presente atual Há mais de 50 anos Há mais de 100 anos Há mais de 1000 anos Há mais de 2000 anos

Qual a ação principal está representada na imagem

Uma situação de trabalho Uma situação de lazer

trabalho você acha que está representado?

Trabalho Escravo Trabalho Livre

2- Analisando as respostas anteriores, vocês conseguem definir o que está ocorrendo na imagem/foto? Descreva a cena, apresentando o cenário, os objetos e as ações das pessoas representadas.

Sim, a imagem no nosso ponto de vista retrata uma construção de algum edifício, aparentemente os trabalhadores estão com equipamentos de segurança (capacete, cinto que auxilia no trabalho).

3- A partir da resposta acima, descrevam o que vocês imaginam que está acontecendo.

A partir da imagem vemos trabalhadores construindo um edifício.

4- A partir das respostas acima, atribua um título para a sua imagem.

"A construção civil no presente atual"

Disciplina: História

Professor: Fernando Leocino da Silva

Estagiárias: Elisa Borges e Valéria Gontarczyk

Alunos (as): Marina Martins Pesce e Cassiano H. Brasil

Série: 9ºB

Data: 22/05/2015

Ficha de Identificação e Descrição do Documento

Em dupla, observe a imagem/foto que foi entregue a vocês. Troque ideias com seu (a) colega e responda as questões a seguir. Não se preocupem com respostas certas ou erradas. Você pode marcar mais de uma alternativa.

1- Descrição da Imagem

Tipo de imagem

() desenho () pintura (X) fotografia

Quantas pessoas estão representadas nessa imagem

() 1 pessoa (X) 2 a 3 pessoas () Mais de 3 pessoas

Essa imagem representa

() Uma atividade pública (X) Uma atividade privada

A ação representada ocorre em que tipo de espaço

(X) Espaço rural () Espaço urbano

A ação representada ocorre em que temporalidade

(X) No presente atual () Há mais de 50 anos () Há mais de 100 anos () Há mais de 1000 anos () Há mais de 2000 anos

Qual a ação principal está representada na imagem

(X) Uma situação de trabalho () Uma situação de lazer

Colégio de Aplicação - UFSC

Disciplina: História

Professor: Fernando Leocino da Silva

Estagiárias: Elisa Borges e Valéria Gontarczyk

Alunos (as): Rodrigo e Luiz Fernando

Série: 9ºB

Data: 22/05/15

Ficha de Identificação e Descrição do Documento

Em dupla, observe a imagem/foto que foi entregue a vocês. Troque ideias com seu (a) colega e responda as questões a seguir. Não se preocupem com respostas certas ou erradas. Você pode marcar mais de uma alternativa.

1- Descrição da Imagem

Tipo de imagem

() desenho () pintura fotografia

Quantas pessoas estão representadas nessa imagem

() 1 pessoa () 2 a 3 pessoas Mais de 3 pessoas

Essa imagem representa

() Uma atividade pública Uma atividade privada

A ação representada ocorre em que tipo de espaço

Espaço rural () Espaço urbano

A ação representada ocorre em que temporalidade

() No presente atual () Há mais de 50 anos Há mais de 100 anos () Há mais de 1000 anos () Há mais de 2000 anos

Qual a ação principal está representada na imagem

Uma situação de trabalho () Uma situação de lazer

Se você respondeu na questão anterior, que a ação principal é de trabalho. Qual o tipo de trabalho você acha que está representado?

Trabalho Escravo () Trabalho Livre

2- Analisando as respostas anteriores, vocês conseguem definir o que está ocorrendo na imagem/foto? Descreva a cena, apresentando o cenário, os objetos e as ações das pessoas representadas.

A muitos escravos ~~trabalhando~~ trabalhando para o patrão, eles estão no meio rural trabalhando com a terra. É possível observar até crianças trabalhando. E eles estão utilizando objetos básicos, como enxada e cestos de palha.

3- A partir da resposta acima, descrevam o que vocês imaginam que está acontecendo.

eles são escravos que estão sendo forçados a trabalhar. ~~há~~ há homens controlando eles com armas de fogo.

4- A partir das respostas acima, atribuem um título para a sua imagem.

• ESCRAVOS NO MEIO RURAL.

Disciplina: História

Professor: Fernando Leocino da Silva

Estagiárias: Elisa Borges e Valéria Gontarczyk

Alunos (as): Sonderson e Gustavo

Série: 9ºB

Data: 22/05/15

Ficha de Identificação e Descrição do Documento

Em dupla, observe a imagem/foto que foi entregue a vocês. Troque ideias com seu (a) colega e responda as questões a seguir. Não se preocupem com respostas certas ou erradas. Você pode marcar mais de uma alternativa.

1- Descrição da Imagem

Tipo de imagem

() desenho (x) pintura () fotografia

Quantas pessoas estão representadas nessa imagem

() 1 pessoa () 2 a 3 pessoas (x) Mais de 3 pessoas

Essa imagem representa

() Uma atividade pública (x) Uma atividade privada

A ação representada ocorre em que tipo de espaço

() Espaço rural (x) Espaço urbano

A ação representada ocorre em que temporalidade

() No presente atual () Há mais de 50 anos () Há mais de 100 anos (x) Há mais de 1000 anos () Há mais de 2000 anos

Qual a ação principal está representada na imagem

() Uma situação de trabalho (x) Uma situação de lazer

Se você respondeu na questão anterior, que a ação principal é de trabalho. Qual o tipo de trabalho você acha que está representado?

Trabalho Escravo Trabalho Livre

2- Analisando as respostas anteriores, vocês conseguem definir o que está ocorrendo na imagem/foto? Descreva a cena, apresentando o cenário, os objetos e as ações das pessoas representadas.

Os dois maiores homens estão enchendo as copas com água e vinho, o último homem que está no direito de imagem está com comida.

3- A partir da resposta acima, descrevam o que vocês imaginam que está acontecendo.

Uma festa para os nobres daquela época, com escravos, comida, vinho e água.

4- A partir das respostas acima, atribuem um título para a sua imagem.

A festa branca.

Anexo 7.0

Colégio de Aplicação – UFSC

Disciplina: História

Professor: Fernando Leocino da Silva

Professoras estagiárias: Elisa Borges e Valéria Gontarczyk

Aluno: Alisson Fabra da Silva

Turma: 9º ano B

Resenha sobre a notícia "Fiscais flagram trabalho escravo na produção de tabaco em Santa Catarina"

Encontrei a notícia "Fiscais flagram trabalho escravo na produção de tabaco em Santa Catarina", ela fala que uma operação de fiscalização encontrou cinco pessoas trabalhando sob condições análogas a escravidão em uma propriedade que produzia tabaco para a multinacional Alliance One. Entre as pessoas resgatadas estava um menor de 17 anos.

Em minha opinião, não houve falhas ao usarem o conceito de trabalho análogo a escravidão, pois os trabalhadores viviam em condições precárias, tais como: carteira de trabalho não registrada, não recebiam salário ao trabalhar na fazenda que foram resgatados (trabalhavam em mais de uma fazenda), trabalhavam em troca de moradia (sendo que as mesmas estavam em condições precárias), responsáveis por seus instrumentos domésticos (como colchões, fogão e outros móveis e eletrodomésticos que não eram fornecidos), não tinham instrumentos de segurança para o trabalho (que os deixava expostos a pegar doenças a partir dos agrotóxicos, radiação solar e animais peçonhentos).

A notícia não cita sobre jornada de trabalho exaustiva, mas fala que as vítimas trabalhavam em mais de uma fazenda de tabaco, o que nos deixa pensar que eles trabalhavam muito. Pensando na PL 432/2013, o caso dessa notícia deixaria de ser trabalho análogo a escravidão, pois o que o torna esse tipo de trabalho é justamente a jornada de trabalho exaustiva e condições de trabalho degradante, então em minha opinião, essa proposta de lei não deve ser aceita porque os casos de trabalho análogo a escravidão aumentariam pois não teriam argumentos para comprovar que seria um trabalho desse tipo.

Referência:

WROBLESKI, Stefano. Fiscais flagram trabalho escravo na produção de tabaco em Santa Catarina. Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br>> Acesso em: 14/06/2015

nome: Amanda Camargo de Moura.

Dia: 14/06/2015

Turma: 9º ano B.

//

Trabalho de História sobre Trabalho Análogo à Escravidão

A metício que encontrei fala sobre a fabricação ilegal de roupas da marca ZARA e sua parceira AHA (em SP) envolvendo trabalho análogo à escravidão.

Este conceito foi bem utilizado, pois pelo o que dizem na metício varios direitos dos trabalhadores foram quebrados, como por exemplo: "direito ao salario mínimo, fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender suas necessidades vitais básicas e as de sua família". Esta norma é quebrada, pois muitas das vezes a cada peça que o trabalhador faz, ganha R\$ 2,00 e os chefes desentam tudo o que eles compraram, (desde equipamentos de segurança que deveriam ser fornecidos pela empresa até coisas/materiais para uso proprio) do "salario" no final do mês,

criando uma divisão que nem deveria existir. Todos os trabalhadores também tinham que pedir autorização para ir a qualquer lugar, (seja no médico ou na esquina) tinham condições de trabalho degradantes e jornadas de trabalho exaustivas, além de ter trabalho infantil envolvido no meio, etc.

Segundo a Lei 432/2013 os itens jornadas exaustivas de trabalho e condições de trabalho degradantes não são considerados como características de trabalho análogo à escravidão, sendo assim não são necessários para condenar uma empresa por exemplo, mas no caso de ZARA mesmo se esta lei for aprovada/considerada, ainda pode ser considerado trabalho análogo à escravidão pois tem outros itens a serem considerados.

Minha opinião: Acho que deveriam ser mais rígidos e investigar mais estes tipos de casos para acabar de vez com o trabalho análogo à escravidão.

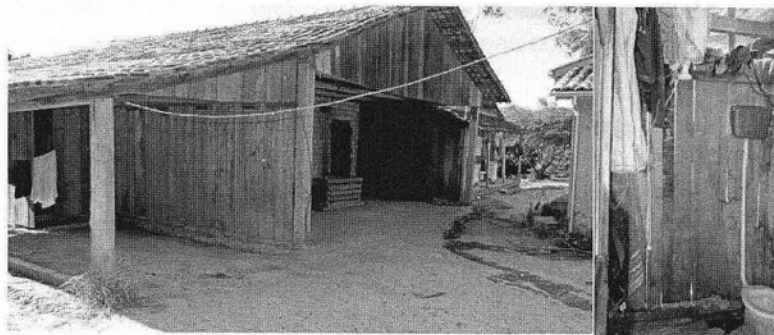
Fonte: <http://reporterbrasil.org.br/2011/08/reparos-da-zara-sao-fabricados-com-mao-de-obra-escrava/>

SOMOS SERES HUMANOS E NÃO MERECEMOS ISSO –

ANA PAULA CABRAL 9ºB

Foram resgatadas cinco pessoas (entre elas um adolescente de 17 anos) em uma fazenda que fica no município de Grão Pará em Santa Catarina, trabalhando no meio rural, setor primário da economia: agricultura, colhendo folhas de tabaco em condições análogas às de escravo. Esses trabalhadores atuavam em mais de uma fazenda da região, e pelo fato de não possuírem carteira de trabalho assinada, não possuem nenhum direito trabalhista, eles trabalhavam em troca de moradia.

Porém o alojamento à qual viviam foi encontrado em condições degradantes. Ele foi adaptado pelos próprios empregados que tiveram que levar todos os pertences, o alojamento era de madeira, haviam buracos no teto, não os protegia da chuva ou frio e até mesmo o banheiro das vítimas da Alliance One estava sujo e tinha frestas nas paredes.



Os agricultores trabalhavam na “produção de tabaco, a empresa mantinha um contrato com o produtor de compra antecipada de 70 mil pés de tabaco. Eles trabalhavam para a multinacional Alliance One, que em seu site informa atuar em mais de 90 países, foi responsabilizada. A fiscalização constatou ainda problemas na produção de China Brasil Tabacos, Philip Morris, Souza Cruz e Universal Leaf – também indústrias de fumo –, que foram responsabilizadas por outras infrações contra 89 trabalhadores no estado.” “Segundo o Sinditabaco, o Brasil foi, em 2013, o maior exportador de tabaco no mundo e 42% da produção

vai para os países da União Europeia. Naquele ano, o Brasil também foi o segundo maior produtor mundial, atrás somente da China. De toda a produção, 96% é plantada na região sul do país, que alcançou 347 mil hectares plantados na última safra – destes, 29% estão em Santa Catarina.”

Foi constatado que era trabalho análogo ao escravo por causa das condições degradante de trabalho. Talvez se não houvesse a PL 432/2013 esse caso não seria caracterizado dessa mesma forma, sendo assim essas pessoas não teriam sido “salvas”, pois por terem tais condições, corriam riscos. Ficavam expostos a agrotóxicos, à radiação solar, ataques de animais peçonhentos, a doença da folha verde do tabaco, uma intoxicação provocada pela absorção da nicotina através da pele, entre outros. Tudo isso porque o empregador não lhes concedeu os equipamentos de proteção individual adequados.

A terceirização também tem estimulado o bastante o trabalho escravo. Grandes empresas ao terceirizar, estão tirando o direito e os benefícios do trabalhador, buscando diminuir os seus custos e economizar os seus recursos, mas assim causando ao trabalhador a perda de seus direitos trabalhistas e boas condições de trabalho.

Concluo que o trabalho análogo ao escravo é um fato que acontece em nossa sociedade, mas em muitas vezes nem desconfiamos que ocorre bem perto de nós. E a falta de informação e de conhecimento sobre este assunto acaba fazendo com que muitas pessoas desconheçam o trabalho escravo nos tempos atuais, sendo assim, muitas vezes deixando de denunciar certos casos e ajudar os trabalhadores presos ao trabalho análogo ao escravo. E em muitas vezes o trabalhador acaba aceitando qualquer oferta de trabalho degradante pra suprir suas necessidades, e/ou também por cair em uma conversa de um gato (indivíduo que convence o trabalhador) que faz uma falsa promessa e quando o trabalhador chega no local encontra uma realidade totalmente diferente do prometido.

Notícia retirada de: <http://reporterbrasil.org.br/2014/12/fiscais-flagram-trabalho-escravo-na-producao-de-tabaco-em-santa-catarina/>



Colégio de Aplicação - UFSC

Aluna: Beatriz Sereza Pereira

Data: 16/06/2015

Série: 3ª série Turma: B

TEXTO CRÍTICO

A notícia escolhida foi retirada do site g1.globo.com/SC em 30/10/2014. Fala sobre 17 homens que trabalhavam em uma lavoura de batatas, em Caciúma.

O conceito de trabalho análogo a escravidão foi usado pela notícia através de informações da condição degradante do trabalho exercido, pois não tinham equipamentos adequados, não eram fornecidos chapéus e aparelhos para a retirada do vegetal. Já nos alojamentos não existiam condições de higiene, fumaça e gás estavam expostos no mesmo ambiente que espumas, que secavam como carnes. E, o acondicionamento de alimentos inadequados.

Uma jornada exaustiva, em que o período de trabalho era das 07h às 19h, recebiam 20 reais por 300 kg de batatas colhidas, e isso era ainda descontado para o pagamento do aluguel da casa.

Referente a PL 432/2013 o caso desta notícia não seria configurado como trabalho análogo a escravidão, caso os itens jornada exaustiva e condição de trabalho degradante fossem retirados.

credeal

Trabalho escravo ou análogo a escravo?

Desde o final do século XIX, a escravidão foi abolida de todo o mundo. Será? Vários casos de trabalhadores sendo forçados a permanecerem em um emprego cuja renda é de péssima qualidade, a situação precária, e os patrões não oferecem o necessário para sua sobrevivência estão sendo registrados pelo Brasil afora. Acha que é mentira? Veja a seguir o caso de quatro mulheres estrangeiras, forçadas a trabalharem a força sobre péssimas condições, aqui mesmo, em Florianópolis:

“Segundo a Polícia Federal, as peruanas foram contratadas para os serviços de limpeza, cozinheira e cuidadoras de um casal de idosos que vive acamado e, embora com direito a comida e moradia, eram submetidas à jornadas exaustivas de trabalho, sem folga semanal e das 7h às 22 horas, sem direito a férias e com a liberdade restrita. As cuidadoras ficavam à disposição da família contratante durante as 24 horas do dia.”

“O salário das peruanas era depositado direto na conta de familiares no Peru. Elas recebiam, em mãos, apenas R\$ 100,00 pelos domingos trabalhados. A polícia apurou que elas vieram com passagem de volta comprada pelos empregadores, mas tinham que permanecer na casa por períodos longos, e somente poderiam voltar para o Peru quando indicassem outra trabalhadora para substituí-las, no caso de desistência do trabalho.”

Como visto nos trechos acima, as mulheres peruanas estavam sendo exploradas por um casal de chilenos, sem a opção de volta para casa ou troca de empregos. Isso é um exemplo de trabalho escravo? Não. Como também visto acima, as mulheres eram remuneradas por seu trabalho. Isso leva a ser dito como “Trabalho análogo a escravidão”, que é quando o trabalhador é explorado, não por não receber, mas pelas condições degradantes de seu ambiente.

Em outras palavras, o trabalhador análogo sofre basicamente o mesmo que os antigos escravos nesse mundo, porém, recebem sua baixa remuneração. Por esse motivo é feita a comparação entre “Trabalho escravo” e “Trabalho análogo a escravidão”, sendo nenhum dos dois uma atitude positiva.

Acho de extrema relevância destacar que o ambiente onde o ato estava sendo exercido era no setor urbano, e não no rural, onde a maioria das pessoas pensa acontecer, e que realmente acontece. Outro fato interessante a destacar é o horário de trabalho. As Peruanas não trabalhavam 24h diretamente, porém ficavam todo esse tempo a disposição de seus patrões, o que também é diferente do normal, de 16h.

Incrível como em pleno século XXI o ser humano ainda desce seu nível para fazer o mal a própria raça, sem se importar com ninguém, apenas consigo mesmo. A reportagem acima só consegue nos chamar mais a atenção de como as pessoas são exploradas bem abaixo de nossos olhos. Enquanto as pessoas estão acobertas pelo preconceito e a falta de sentido em suas vidas, algumas delas estão sofrendo na mão de seus iguais, então acho que o melhor a fazer é abrir os olhos e dar de cara com a realidade, pois se continuarmos a nos esgueirar pela escuridão, já sabemos onde o mundo vai acabar.

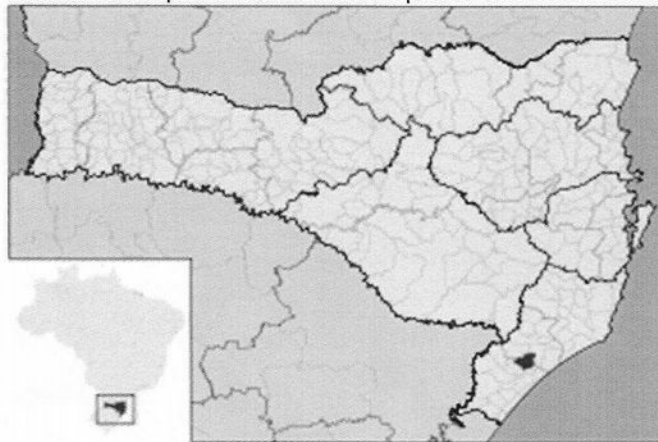
Referencias:

- http://www.tudosobrefloripa.com.br/index.php/desc_noticias/peruanas_mantidas_em_trabalho_escravo_em_florianopolis_ganham_liberdade

Trabalho por: Carolina Belloc Janke – 9 ano B

Trabalho análogo escravo em Santa Catarina

O Ministério Público do Trabalho em Santa Catarina identificou 12 pessoas que estavam vivendo em condições análogas a escravidão. Todas essas 12 pessoas vieram do Paraná com a promessa feita por terceiros que iriam trabalhar e receber salários de até 1.400 reais, com a ajuda para pagar aluguel. Estas 12 pessoas foram alojadas em uma mina desativada no Sul catarinense na cidade de Forquilha (SC). Ademir Alves relata que a empresa terceirizada iria levá-los para uma casa, mas não foi isso que aconteceu, Ademir também relata que não havia chuveiro para eles tomarem banho.



Mapa de onde está situado o município de Forquilha em Santa Catarina

Os trabalhadores trabalhavam sob condições subhumanas a pelo menos 1 mês, os quartos onde os trabalhadores ficavam eram improvisados, sem armários e sem camas, os trabalhadores dormiam em colchões no chão.



Foto de onde os trabalhadores dormiam

Os trabalhadores dizem que tem jornada de trabalho superior a de 12 horas Temos também situações de retenção de documentos. Todos esses fatos estão sendo apurados para confirmar que se trata de trabalho escravo”, informou o procurador Luciano Leivas.

Também existiam outras casas onde trabalhadores estavam alojados, dentro dessas outras casas haviam 9 trabalhadores dentro deles 1 criança. “Estivemos no ambiente e constatamos as condições degradantes, configurando o trabalho escravo contemporâneo. A exploração da pessoa em sua pobreza vai contra toda a estrutura do direito do trabalhador”, disse a fiscal do trabalho Lilian Carlota Rezende. As empresas terceirizadas que participaram no transporte dos trabalhadores até as “casas” que iram ficar foram: DI Carga e Descarga. O trabalho que os trabalhadores exerciam eram ligados a empresa JBS Foods, uma empresa de frango.



Local onde os trabalhadores viviam

Com isso concluímos que o estado de Santa Catarina também há grandes proporções de trabalho análogo escravo, e com a falta de informações passada a população sobre o trabalho análogo escravo poucas pessoas sabem sobre este tipo de escravidão assim não chegando a mão da mídia toda hora e nem na mão do Ministério do Trabalho de SC, pois as pessoas sem informações acabam por não denunciar tal trabalho escravo. Também percebo que os trabalhadores que aceitam estes trabalhos com “grandes” pagamentos são necessitados de dinheiro, e também sem informações acabam por cair na converça do gato (Indivíduo que convence o trabalhador para trabalhar em um certo local). Também concluo que cada vez mais as pessoas tem que se informarem sobre este tipo de trabalho escravo para assim poderem denunciar mais e também ajudar mais pessoas a não caírem neste golpe.

Noticia retirada de: <http://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2015/caso-de-trabalho-escravo-e-confirmado-em-forquilha/>

e

<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/02/mpt-identifica-12-trabalhadores-em-situacao-analoga-escravidao-em-sc.html>

Trabalho Análogo ao Escravo da Vale

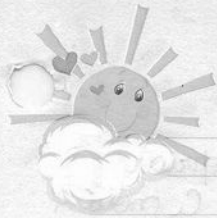
Um trabalho análogo á escravidão foi descoberto em Itabirito, na Região central de Minas Gerais, pela empresa Vale, uma mineradora. A empresa cometeu várias irregularidades, alguns exemplos são péssimas condições de trabalho e terceirização ilícita. Pelo que a notícia mostra não houve nenhuma falha no uso do conceito, a empresa submetia trabalhadores ao trabalho escravo.

São aproximadamente 300 trabalhadores terceirizados em más condições de trabalho. Eles não podiam nem usar o banheiro do trabalho, porque a empresa nunca mandava ninguém limpá-lo. Por isso essas pessoas tinham que fazer suas necessidades no mato. Eles também tinham jornada excessiva de trabalho, a empresa Ouro Verde (que terceirizava) fez promessas enganosas, os trabalhadores teriam bônus no salário, mas para ganhar o bônus teriam que trabalhar no dia de folga e horas a mais. No entanto mesmo os trabalhadores fazendo essas horas a mais eles não ganhavam o extra e quando foi reclamado os alguns foram despedidos. Os trabalhadores ainda disseram que a Vale já tinha outros funcionários não terceirizados e que deveriam contratar outros.

Com a PL 342/2013 essa notícia ainda seria taxada como trabalho análogo ao escravo, mas não teriam tantas denúncias quanto agora, a empresa só seria acusada por terceirização ilegal e falsas promessas aos trabalhadores. Mas as condições degradantes do banheiro ou a jornada exaustiva não seriam denunciadas.

A empresa negou todas as acusações que recebeu, e falou que tratou todos os funcionários, tanto os terceirizados quanto os regulares igualmente e que nenhum trabalhador teria uma condição de trabalho análogo ao escravo, com más condições de trabalho ou excesso de horas trabalhando. A empresa pagou á todos os que fizeram os horarios a mais o salário que não haviam recebido da empresa, porque segundo ela houve problemas com o relógio de ponto.

fonte: g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/03/fiscais-constatam-trabalho-analogo-escravidao-em-mina-da-vale



Colégio de Aplicação - UFSC

Matéria: História

Professor: Fernando Decimo

Estagiárias: Elisa e Valéria

Turma: 9º ano B

Nome: Elis do Valle Ribeiro

Trabalho análogo ao escravo

No Espírito Santo, um empresário foi denunciado por manter 86 pessoas a trabalho análogo ao escravo em uma fazenda no norte do estado (o caso foi em 2014). Grande parte dos trabalhadores era de Bahia e foram levados de ônibus ou van para o local.

Eram levados para uma fazenda de café e o prometido era de R\$ 3,50 por vara, mas só chegaram a receber R\$ 4,00 apenas uma vez. Chegando a fazenda, concentraram os empresários que disse que seria de R\$ 10,00 dos valores pelos custos do ônibus.

Foram obrigados um alojamento com quartos sem ventilação, esgoto a céu aberto, sem cozinha e o botijão de gás era quebrado.

A jornada de trabalho começava às 5h e ia até as 14h. Suas cartilhas de trabalho não eram assinadas e não recebiam contribuições previdenciárias.

Mesmo depois de 14 horas de inspeção, o empresário não fez nenhuma mudança e não providenciou o registro dos funcionários. Ele responde na justiça por levar os trabalhadores para outro local sem condições de retornar.

Além de ganhar muito pouco só para ir com uma dos trabalhadores e não dar salário para eles, o empresário (pelo que a matéria mostrou), não está respondendo muito na justiça, sendo que



titibra

10 . 06 . 15

Indaba - 9-B

"Fiscais constatao Trabalho análogo à escravidão em mina da Vale"

Motociclistas contratados trabalham em situação degradante, diz SRTF. Vale e empresa terceirizada negam as denúncias dos fiscais.

O conceito que foi usado é a condição precária que eles trabalham como um supervisor falou "São cerca de 300 trabalhadores que trabalham em péssimas condições. Para não ter uma ideia, os banheiros que eles usam nunca foram limpos." As condições eram ruins e ainda os responsáveis da empresa negam. A empresa já cometeu 32 irregularidades e as condições degradantes se já atingiram, a notícia seria configurada de acordo com a PL 432/2013 pelo fato da empresa deixar os trabalhadores em estado ruim e não reconhecer o erro que fazem.

Fonte do notícia:

g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/03/fiscais-constatam-trabalho-analogo-escravidao-em-minas-do-vale.html

tilibra

Colegio de aplicação / CED / UFSC

Disciplina: História

professor: Fernando Secundo / Estagiárias: Lisa e Valéria

aluno: João Gabriel Moraes dos Santos - 9º B

Atividade: Trabalho análogo a escravidão.

"MP+ identifica 12 trabalhadores em situação análoga à escravidão em SC"

notícia retirada de G1 Santa Catarina - atualizado em 25/10/2015 às 06 horas 05 minutos.

fonte: [http://g1.globo.com/SC/Santa-Catarina/noticia/2015/12/](http://g1.globo.com/SC/Santa-Catarina/noticia/2015/12/MP+identifica-12-trabalhadores-em-situacao-analog-a-escravidao-em-SC.html)

MP+identifica-12-trabalhadores-em-situacao-analog-a-escravidao-em-SC.html.

A reportagem que eu escolhi fala sobre o trabalho análogo a escravidão no Sul de Santa Catarina, em Jarquilha, foram identificadas 12 pessoas trabalhando em condições "escrava" pelo (MP+SC). Essas pessoas vieram do Paraná para trabalhar de aviação em situações bem diferentes do que o prometido. Eles foram contratados por uma empresa terceirizada que os prometeu salário de 1.400 reais mais auxílio para pagar o aluguel. Chegando lá, ~~o que~~ foi bem diferente do prometido, eles ficaram alojados em uma mina.

NICOBOCO

desativada, sem as minimas
condições de trabalho e sem ao
menos um chuveiro para tomar
banho. Além disso, tinham que dormir
em quartos improvisados e em colchões
no chão. Além das pessimas condições
de alojamento eles tinham jornadas
de trabalho muito exaustivas, de 12 horas.

As empresas informem que exigiu de
todos os prestadores de serviços
o cumprimento de todas as normas
trabalhistas e que vem fazendo mudanças
em relação com os terceirizados e enquanto
os alojados na mina desativada, eles falavam
que não sabiam que eram utilizadas
como residência e muito menos que haviam
crianças alojadas no local.



Critica: O fato que esses "patrões" estão
esquecendo que essas pessoas tem famílias
e direito de ter uma moradia confortável,
é uma triste realidade, o homem e capaz de
explorar o outro mais fragil apenas para
lucrar. Se eles pagarem salários adequados
ao seu empregados e fizese tudo na lei,
talvez ele estivesse mais lucrado e esses
funcionários felizes. ab etnalgib mel sap

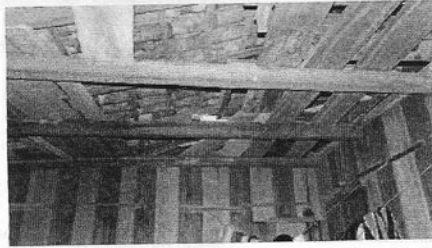
NICOBOCO

Luana 9'B

Principal insumo da indústria de cigarros é produzido com diversas irregularidades trabalhistas. Agricultores escravizados produziam para a multinacional Alliance One. Uma operação de fiscalização em Santa Catarina encontrou cinco pessoas, entre elas um adolescente de 17 anos, trabalhando em condições análogas às de escravos em uma propriedade que produzia tabaco para a multinacional Alliance One. A empresa, que em seu site informa atuar em mais de 90 países, foi responsabilizada.

A fiscalização constatou ainda problemas na produção de China Brasil Tabacos, Philip Morris, Souza Cruz e Universal Leaf – também indústrias de fumo –, que foram responsabilizadas por outras infrações contra 89 trabalhadores no estado.

As cinco vítimas escravizadas realizavam a colheita de folhas de tabaco em uma fazenda no município de Grão Pará, no sudeste de Santa Catarina. Elas trabalhavam em mais de uma fazenda da região, mas não tinham a carteira registrada com nenhuma delas. Na propriedade onde houve o resgate, os agricultores não recebiam qualquer salário: no “acordo” com o patrão, trabalhavam em troca de moradia, que estava em condições degradantes.



Com buracos no teto, alojamento não protegia trabalhadores da chuva ou frio

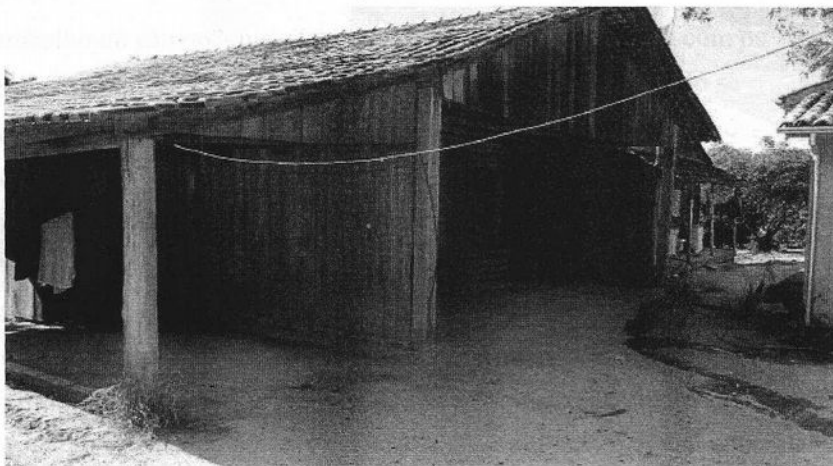
Desde então, os fiscais passaram a orientar a indústria e os produtores sobre a legislação trabalhista. “Mas, quando o produtor pediu ajuda com contadores e técnicos em saúde, por exemplo, a indústria se fechou”, resumiu a auditora, explicando que as empresas contribuíram pouco com os produtores para a melhoria das condições de trabalho. “Começamos a notificar as empresas no início de 2014, informando que a autuação seria solidária, mas a indústria insistiu que não teria responsabilidade” sobre as condições de trabalho dos agricultores. As fiscalizações se estenderam por diversas propriedades. Foram encontrados 89 trabalhadores que produziam para Souza Cruz, Philip Morris, Universal Leaf e China Brasil Tabacos, além da Alliance One, sofrendo com risco de contaminação por agrotóxicos, falta de instalações sanitárias nas frentes de trabalho, instalações elétricas inadequadas e a não formalização dos contratos com carteira de trabalho assinada.

Em nota, a Philip Morris disse que “implementa junto aos produtores que fornecem tabaco à empresa um programa educativo para melhoria das condições de trabalho e erradicação do trabalho infantil no campo”. A Alliance One e a China Brasil Tabacos disseram que não vão se pronunciar sobre o assunto. Procurada, a Souza Cruz declarou em nota que “sempre primou pela cooperação com os órgãos governamentais visando a constante melhoria das condições de

Já na frente de trabalho, o empregador foi autuado pela falta de instalações sanitárias e de equipamentos de proteção individual adequados. De boné, bermuda e chinelo, os trabalhadores ficavam expostos, por exemplo, a agrotóxicos, à radiação solar e a ataques de animais peçonhentos. A doença da folha verde do tabaco, uma intoxicação provocada pela absorção da nicotina através da pele, é outro risco a que esses trabalhadores estavam submetidos.

O quadro levou a fiscalização a caracterizar que o trabalho estava em condições análogas às de escravo. A Alliance One foi responsabilizada solidariamente. A empresa mantinha um contrato com o produtor de compra antecipada de 70 mil pés de tabaco. “Você tem um contrato de compromisso de venda onde a indústria dá os insumos e a orientação técnica. Não é um simples compromisso de venda. A Norma Regulamentadora 31 diz que são solidários pelo cumprimento aqueles que se congregam para a produção. É, então, uma reunião de forças para a produção”, explicou a auditora fiscal do trabalho Lilian Carlota Rezende, que participou da operação.

No estado, as fiscalizações no setor ocorrem há anos. Em um acordo firmado em 2011 entre o Ministério Público do Trabalho (MPT) de Santa Catarina, onze indústrias de tabaco e representantes dos trabalhadores, as empresas se colocaram responsáveis pelas condições no meio ambiente de trabalho. Elas compram de milhares de pequenos produtores que, nos últimos anos, viram aumentar a produtividade com novas técnicas de cultivo e tiveram reduzida a participação de familiares dos produtores no plantio. “Em nossas primeiras visitas às fazendas, em 2011, constatamos que havia, sim, contratação de mão de obra [em fazendas da agricultura familiar]”, disse Lilian. Só em Santa Catarina são 47 mil pequenos produtores que fornecem fumo para o setor, de acordo com o Sinditabaco.



De madeira, alojamento improvisado das vítimas estava em condições degradantes e possuía frestas nas paredes e buracos no teto. Fotos: MTE

O local, denominado de “paiol” pelo empregador, foi adaptado pelos próprios empregados, que tiveram que levar todos os pertences. Mesmo camas, colchões, fogão e outros móveis e eletrodomésticos não eram oferecidos pelo patrão. Os cômodos, construídos com madeira, estavam sujos. No teto e nas paredes, frestas e buracos eram frequentes.



Banheiro do alojamento das vítimas da Alliance One estava sujo e tinha frestas na parede

trabalho no campo”, mas que a relação jurídica da empresa com os produtores é “única e exclusivamente comercial, não cabendo se exigir da referida empresa a fiscalização de eventuais contratações realizadas por seus parceiros comerciais”. Ninguém da Universal Leaf foi encontrado para se pronunciar.

Tamanho da indústria

Segundo o Sinditabaco, o Brasil foi, em 2013, o maior exportador de tabaco no mundo e 42% da produção vai para os países da União Europeia. Naquele ano, o Brasil também foi o segundo maior produtor mundial, atrás somente da China. De toda a produção, 96% é plantada na região sul do país, que alcançou 347 mil hectares plantados na última safra – destes, 29% estão em Santa Catarina.

** Matéria atualizada às 17h55 do dia 24 de dezembro de 2014 para inclusão do posicionamento da Souza Cruz.*

de: Luam

Trabalho escravo em Santa Catarina!

A notícia mostra que foram pegos pessoas trabalhando em uma tabacaria em Santa Catarina, mais de forma inadequada e escravo como esse foi pegos em de menor idade trabalhando no local, que está em más condições.

No local de trabalho não estava nada limpo, e os trabalhadores que estavam passando dificuldades, pois eles mesmos que fizeram um barraco com lanchinho e para guardar suas coisas.

Essa empresa que fabrica cigarros é uma multinacional e com esse trabalho escravo ela está lucrando bem mais, mas de uma forma errada.

Na minha opinião a notícia é muito boa, pois ela explica porque as pessoas e como as pessoas estão sendo exploradas, pois não se trata de estar em trabalho escravo não se trata de estar em escravidão ou de estar sendo mandado e sim de ser usada como um objeto

Texto Crítico

Sobre

Trabalho Análogo à Escravidão

Nome: Luiz Fernando de Moraes

Série: 9 ano B

Data: 13/06/2015



Crítica para a Notícia.

Peguei uma notícia que aconteceu no dia onze de novembro de 2010 que conta que o Ministério Público do Trabalho, junto com o Ministério do Trabalho e Emprego e a Polícia Federal, resgatou quinze trabalhadores sendo dois deles mulheres de uma propriedade onde faziam colheita de erva-mate.

Os trabalhadores estavam submetidos a jornadas de trabalho extenuantes, de mais de 10 horas e sequer dispunham de estrutura básica, como banheiro, fornecimento de água, alimentação ou alojamento. "A gente só folgava meio dia por semana", afirmou um dos trabalhadores, João Carlos de Oliveira, que disse aceitar a situação "porque precisava muito do dinheiro".

Mesmo trabalhando das seis horas da manhã até às 18h, sem domingo e feriado, ele conseguia pouco mais de R\$ 1 mil por mês. Outro trabalhador, Gilberto Borges, disse que o proprietário da terra onde colhiam erva-mate, pagava R\$ 2 por arroba (15 quilos) de erva-mate colhida e não dava mais nada: nem ferramenta, nem comida, nem remédio.

Sem carteira assinada, trazidos da cidade de Ponte Serrada (SC) até uma propriedade que ficava a 20 km de Xanxerê (SC), eles dormiam amontoados em beliches, em duas peças de uma casa velha com 30 apenas metros quadrados e tomavam banho no rio.

O conceito de trabalho análogo á escravidão foi mostrado muito bem, pois contou a situação dos trabalhadores e os crimes que o dono da propriedade de erva-mate cometeu como já dito anteriormente.

A partir do debate na sala sobre a PL 432/2013, se essa PL ser aprovada e não conta-se com os itens: jornada exaustiva de trabalho e condição de trabalho degradante; o dono da propriedade de erva-mate chamado Danilo Faccio não seria preso pois segundo a PL as informações listadas na notícia não seria considerada trabalho análogo á escravidão.

LINK DA NOTÍCIA: mpt.jusbrasil.com.br/noticias/2463372/acao-conjunta-flagra-trabalho-analogo-ao-escravo-no-oeste-de-santa-catarina.

Minha Opinião

Sobre o

Assunto

A assinatura da Lei Áurea, em 1888, não representou o fim do direito de propriedade de uma pessoa sobre a outra, colocando fim à possibilidade de possuir legalmente um escravo. Ainda persistem situações que mantêm o trabalhador sem possibilidade de se desligar de seus patrões, um escravo sem essa denominação.

E, o trabalho escravo não é apenas um problema trabalhista. Trabalho escravo é um crime de violação de direitos humanos. Normalmente, quem se utiliza dessa prática também é flagrado por outros crimes e contravenções. Dessa forma, o trabalho escravo torna-se um tema que liga diversas áreas e por todas deve ser combatido.

No Brasil o trabalho escravo envolve produtores e empresas de todo tipo e todo lugar, em vários cantos do Brasil. Casos de escravidão são noticiados toda semana pela mídia.

É absolutamente comum abrir um jornal e encontrar algo assim: "Sempre que vejo um trabalhador cego ou mutilado pergunto quanto o patrão lhe pagou pelo dano e eles têm me respondido assim: 'um olho perdido - R\$ 60,00. Uma mão perdida - R\$ 100,00'. E assim por diante. Estranho é que o corpo com partes perdidas tem preço, mas se a perda for total não vale nada", afirma um integrante da equipe de fiscalização do Ministério do Trabalho e Emprego.

A situação é grave e precisa ser enfrentada de forma corajosa. Um enorme desafio que se coloca para a nação: construir um modelo de desenvolvimento sustentável, que equilibre o desenvolvimento econômico, social e ambiental.

Uma situação que exige urgência para ser resolvida, afinal até quando será assim?

Colégio de Aplicação/UFSC

Luzma Storch, 9ºB

História - Trabalho análogo ao escravo

Notícia: "O trabalho análogo à escravidão na Vale do Rio Doce"

disponível em: www.vermelho.org.br/noticia/259685-10

Essa reportagem fala sobre motoristas que trabalhavam excessivamente para uma empresa, sem nenhuma condição decente.

Isso é um absurdo. Não consigo acreditar que o ser humano seja capaz de fazer algo desse tipo. Chega a ser ridículo esse desejo por dinheiro/lucro. Pode ser que seja bom ser rico, e tudo mais... Mas usar as outras pessoas para alcançar isso, é um pensamento muito primitivo para uma sociedade tão avançada.

Na notícia diz que esses trabalhadores faziam uma jornada de trabalho além do permitido, e mal tinham uma pausa. Eram obrigados a fazerem suas necessidades na estrada, por causa da imundície dos banheiros no lugar de parada. Não podiam tomar banho ou trocar de roupa no fim do expediente. Teve um caso de um motorista que dirigiu por 23 horas com apenas 40 minutos de intervalo (!!!). Outro trabalhou do dia 14 de dezembro a 11 de janeiro

sem dias livres (nem no natal e ano novo).
Esses chefes dessas pessoas não têm
sentimentos? Acham que as pessoas são apenas
objetos? Não consigo aceitar que esses
casos ainda existam depois de tudo o
que já foi mostrado no jornal, nas
revistas, na TV, e o que foi estudado
na escola.

A tecnologia pode ter evoluído, mas
as pessoas (como um todo) ainda precisam
evoluir, e muito.



Aluna: Maria Eduarda Fernandes - 9º B

Colégio de Aplicação - UFSC

Disciplina: História

Professor: Fernando

Presença do trabalho escravo

A notícia que eu peguei fala sobre o Ministério do trabalho que flagra mais trabalhadores em condições de escravidão em Goiás. Foram pegos ~~em~~ cinco trabalhadores e foram resgatados de uma plantação de fumo, cujos são, escravidão rural. Estavam presos a dois meses em moradia precária e sem vínculos empregatícios.

Os cinco trabalhadores naturais de Ubatuba e um deles menor de idade deveriam ficar mais um mês presos na plantação de fumo.

Além das condições sub-humanas de moradia, eles não tinham equipamentos de proteção, vínculos ~~empregatícios~~ empregatícios, registro na carteira de trabalho, recibos de salários, entre outros.

O dono da lavoura foi multado (R\$ 100.000,00) e responderá na justiça, mas o caso só ganhou bastante repercussão por causa do jovem menor de idade.

Crítica:

O conceito usado para apontar o que é o trabalho análogo a escravidão foi bem baixo, só mostrou o que é o da escravidão (moradia precária, sem vínculos

ECKÖRED

tilibra



empoucatício, entre outros). Se ~~meu~~ meu metro a unidade, a o análogo? Se precisa ter isso pra ser considerado escravidão?

A notícia não mostra nada sobre a jornada de trabalho exaustiva, então acho que não tinha isso lá, por ser também uma plantação de fumo, as vezes não tem o que fazer.

É acredito que se não tivesse as condições precárias na minha notícia não seria considerado trabalho escravo, talvez por causa do nome, mas não seriam feitos daqui a um mês da data de publicação da notícia, então acho que não pode ser considerado

[Faint, illegible handwriting in the middle section of the page]

[Faint, illegible handwriting at the bottom of the main text area]



7
Projeto de Aplicação - UFSC
História - Fernando Lucino
Estagiárias - Elisa e Valéria
Mariana Luisa Fernandes - 9º B

Texto crítico

Reportagem: "Fiscais flagram trabalho
escravo na produção de tabaco em
Santa Catarina" por Stefano Wroblewski | 23/12/14
Fonte: repositorio.brasil.org.br

A reportagem se trata de uma operação
de fiscalização em Santa Catarina, que
localizou flagrante de trabalho análogo
escravo. Os trabalhadores trabalharam em uma
propriedade que produzia tabaco para
uma multinacional.

A reportagem não trabalha muito
com o conceito de trabalho análogo à
escravidão, pois cita várias palavras
apenas uma única vez na reportagem.
Nessa única vez diz "O quadro levou a
fiscalização a caracterizar que o trabalho
estava em condições análogas às de escravo".
O título apresenta como "trabalho escravo"
e que se trata como uma maneira de atrair
mais leitores.

O conceito usado na reportagem
foi apenas os elementos que devem ser
considerados pelos fiscais de trabalho

de classificar aquele trabalho análogo de escravidão ou não.

No meu ponto de vista o autor deveria ter explicado o conceito de trabalho análogo à escravidão ao leitor, pelo fato de o assunto ser desconhecido por grande parte da população.

As condições de trabalho as meu ver foi o grande foco da reportagem. A pior condição de alojamento das vítimas, que era feita de madeira, com buracos e frestas na parede e no teto.

Os trabalhadores trabalhavam em mais de uma fazenda na região e não tinham a carteira assinada em nenhuma delas. "Na propriedade onde houve o resgate, os agricultores não recebiam qualquer salário", trabalhavam em troca de moradia, não possuíam equipamentos de segurança para o trabalho, ficavam expostos à radiação solar e a doenças como a da folha verde e a absorção da nicotina através da pele. O alojamento foi adaptado pelos empregados que tiveram que levar seus móveis e utensílios domésticos.

Foram resgatadas 5 vítimas, entre elas uma adolescente de 17 anos, realizam a colheita de folhas de tabaco em uma fazenda no município de Grão de Pará/SC.

Percebe-se que viviam em condições

subsídios de moradia, também a condição financeira dos trabalhadores com certeza não era muito boa - para se encontrarem lá ainda antes de serem resgatados.

A reportagem não diz nada sobre a formação exaustiva de trabalho, diz que "o empregador foi atado pela falta de instalações sanitárias e dos equipamentos de proteção individual adequados".

Pensando na PL 432/2013 o caso seria configurado como trabalho análogo ao escravo pois possui um elemento que seria a forma de circumscrição de liberdade, reter os documentos do Trabalhador, apenas, pois, o outro elemento seria a condição degradante de trabalho que seria retirada pela PL 432/2013.

À meu ver, a matéria poderia ter buscado explicar o trabalho análogo ao escravo e os elementos que caracterizam o trabalho em condições análogas à escravidão que possibilitam o dizer a entender e entender aquilo de outra forma, criticando mais, sabendo até assim classificar um trabalho análogo à escravidão, possibilitando uma possível denúncia.

Universidade Federal de Santa
Catarina

Colégio de Aplicação

Disciplina: História

Professor: Fernando Leocino da Silva

Estagiárias: Elisa Borges e Valéria
Gontarczyk

Aluna: Marina Martins Pesce

Turma: 9º ano B

Data de Entrega: 16/06/2018

RESENHA

História
História

HISTÓRIA

Jolie

tilibra



"Troca de Favores" Mal Sucedida

A matéria publicada por Stefano Wroblewski no dia 23 de dezembro do ano passado (2014), trata-se de um caso de analogia a escravidão que ocorreu no sudeste de Santa Catarina, mais especificamente em uma fazenda no município de Grão Pará.

As cinco vítimas, entre elas um adolescente com 17 anos, trabalhavam com a produção de tabaco — em uma fazenda que encaminhava o produto colhido para outros lugares, gerando lucro para a multinacional Alliance One — quando a fiscalização chegou.


Além desta fazenda, as cinco pessoas trabalhavam em outras, tudo isso sem sequer uma carteira de trabalho e nem salário.

Os trabalhadores concordavam com jornadas exaustivas de trabalho para, em troca, terem uma moradia improvisada pelo patrão.

Este é mais um caso onde empresas tercerizadas são encarregadas de contrair

Jolie

tilibra



tar trabalhadores. Ao meu ponto de vista, isso se deve porque o custo de mão-de-obra fica bem mais leve se os trabalhadores não possuírem salários adequados e suas condições salubres forem negligenciadas. Neste caso, nem salário eles recebiam.

Quanto a construção da matéria em si, os termos estão corretos, o conceito foi usado corretamente, sendo assim, o leitor que obtiver a matéria em mão fará um bom uso de suas informações pois elas estão neutras na medida do possível.

Como citado antes, as condições dos trabalhadores eram péssimas, o local cedido para moradia fora adaptado pelas vítimas, "mesmo camas, colchoes, fogão e outros móveis e eletrodomésticos não eram oferecidos pelo patrão", as paredes, o teto e o piso não estavam dentre



tilibra

Jolie

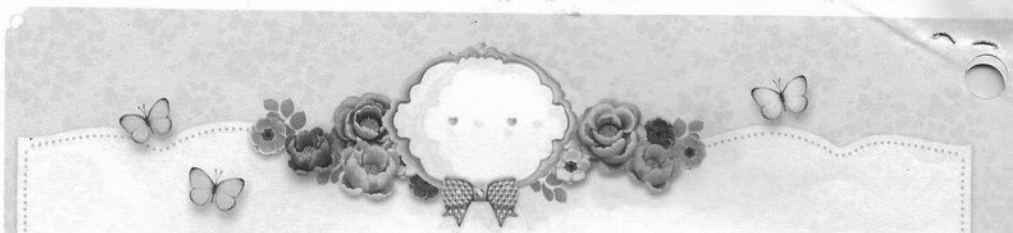
as melhores condições e o banheiro fora improvisado pelos empregados. Além disso as vestimentas para a execução do trabalho não eram adequadas, "de boné, bermuda e chinelo, os trabalhadores ficavam expostos, por exemplo, a agrotóxicos, à radiação solar e ataques de animais peçonhentos" ou até mesmo a doença da folha verde do tabaco ("uma intoxicação provocada pela absorção da nicotina através da pele").

Se pensarmos na PL 432/2013, este caso seria configurando, ainda sim, como trabalho análogo à escravidão pelo seguinte motivo: Os empregados trabalhariam sem receber salário e com uma moradia inadequada, sem contar nas vestimentas incabíveis para a execução deste trabalho.

Por esse motivo, mesmo descartando suas jornadas ~~excessivas~~ exaustivas de trabalho e condições de trabalho degradantes, os trabalhado-

Jolie

tilibra



Continuariam sendo vítimas do trabalho análogo à escravidão. Este, é quem atinge inúmeros trabalhadores que o aceitam muitas vezes por não terem outra alternativa, ou por serem enganados.

Fonte:

Matéria retirada em www.reporterbrasil.org.br/2014/12/fiscais-flagram-trabalho-escravo-na-producao-de-tabaco-em-santa-catarina



tilibra

Jolie

Mateus Ellen Behr

9^a B

11

Data: 14/06/2019

Trabalho de História

Eu achei um caso que ocorreu no
este de Santa Catarina onde foram
resgatados 19 trabalhadores entre eles
2 eram mulheres essas pessoas faziam
a colheita de urva-mate em um meio
rural já que colhem plantas no setor
da agricultura, essas pessoas tinham uma
jornada de trabalho de 10 horas e
segura tinham como um a lanchinha não
tinha água para beber, alimentação e nem
alopamento.

Isso é muito desumano, foi citado sem
a jornada de trabalho como meta a cima, não
foi apresentado o conceito. Isso que
fazem com as pessoas é ridículo
elas tentam mudar de vida para melhor
mas continuam na mesma e pioram
tudo.

Trabalho De História.

Operações conjuntas da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego de Santa Catarina (SRTE/SC) com o Ministério Público do Trabalho (MPT) libertaram mais de 165 trabalhadores de duas propriedades em Santa Catarina. Uma delas pertence ao ex-governador Henrique Heller Vello de Godoy, que governou a administração estadual de 1982 a 1983, pelo já extinto Partido Democrático Social (PDS) - criado a partir de ex-integrantes da Arena e que depois veio a originar o Partido da Frente Liberal (PFL) hoje reunido como Democratas (DEM). Na segunda fazenda fiscalizada, 12 pessoas que trabalhavam na colheita deerva-mate (duas delas jovens com menos de 18 anos de idade), estavam alojadas literalmente num chiqueiro.

Frase escrita na parede revela sentimento de um dos trabalhadores libertados.

"Detenção"

"Estive preso por 33 dias", esta frase foi escrita por um dos 153 trabalhadores libertados em condições análogas à escravidão na propriedade da São Luís Juruti, pertencente ao ex-governador Henrique Vello de Godoy. A operação foi realizada em meados de abril, a lista de irregularidades encontradas no local se estende desde restrição de

equipamentos de proteção individual para aplicação de agrotóxicos ali a restrição de liberdade. mas (R\$15792) anula de

Desde 2004, grupos de fiscalização do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) vem realizando inspeções na propriedade. Nas vezes anteriores, foram comprovadas diversas irregularidades, mas a situação nesta última fiscalização do MTE atingiu níveis mais extremos.

Os relatos, que trabalhavam na colheita de madeira, relataram aos fiscais que tinham sua liberdade restringida, já que não podiam pagar as passagens de volta para os municípios de origem porque não recebiam salário há mais de dois meses. Os trabalhadores foram aliciados em Santana do Livramento (RS), Vacaria (RS) e Três de Maio (RS) com a promessa de receber mais de R\$15 por recipiente de madeira de futa colhida. Contudo, ao chegar no local foram informados, que só receberiam um salário mínimo por mês. Até a data da fiscalização (13 de abril), nenhum trabalhador tinha recebido os salários de fevereiro e de março de 2010 nem nenhum tipo de adiantamento.

Além do descumprimento de diversas normas da legislação trabalhista no que se refere à saúde e segurança no trabalho (SST) o

O empregador recebe as Cartelas de Trabalho e da Previdência de alguns empregados. Os documentos só apareceram após a presença da PF no local. A maioria dos trabalhadores não possuía registro em carteira, nove deles não tinham nem documentos.

De acordo com essa notícia podemos afirmar que existem empresários que acham que são impunes às leis e que cometem crimes contra o direito da liberdade e a dignidade do trabalhador, não respeitando as leis e descumprindo todas as normas do Tratado Internacional da Organização do Trabalho, precisamos estar atentos a essas notícias e cobrar dos nossos representantes do Congresso que façam cumprir as leis e que os empresários possam ser punidos e não responder em liberdade como aconteceu nesse caso em Santa Catarina.

Fonte: www.reporterbrasil.com.br/08/06/10.

Nome: Matheus Izida.

Data: 16/06

Turno: 9º B

Colégio de Aplicação - UFSC

Aluna: Rubika 9º B

16106115

O acontecimento foi em Santa Catarina, localizada em Farquilha, no Sul Catarinense.

Trabalhadores do Paraná com propostas de melhores condições de trabalho e salário, quando chegaram viram a realidade, viram morar em uma mina desativada com condições de vida precárias. Entre eles homens, mulheres e até mesmo crianças foram para Farquilha. A empresa que os trouxe era terceirizada, onde prometeram casa e salário alto. Mas na entrevista feita com essas pessoas, elas falam que nem chuveiro o local tem. Não tem como viver desse maneira, nem parentes de tem por perto. Viveram cerca de quase um mês nessa situação, até a chegada do MPT e os fiscais ao local. E sem contar que tinham que trabalhar por 12 horas em espaço rural.

As empresas que estavam envolvidas mostram seu ponto

de vista, não sei como têm coragem de falar algo depois de tudo revelado, mas eles ainda têm a grande cara de pau de dizer que "háve uma mudança com ttercerizados". E ainda fala que não sabia que havia crianças junto.

A notícia foi publicada no dia 25/02/2015. É uma situação que não dá para acreditar que ainda existe, eles se aproveitam de pessoas pobres que não têm muito conhecimento. A facilidade de conseguir dinheiro escrevendo é muito

O trabalho análogo escravo sempre vai existir em várias partes do mundo, porque já virou negócio, e muito grande.

Com isso vi que quando as pessoas falam "não existe mais escravidão" elas alham de para o passado onde os negros eram presos e maltratados. Agora claro que mudou um pouco, muitos negros fazem a cabeça das pessoas.

O problema é que muitos não entendem isso como escravidão, muitos têm essa vida e preferem ficar quietos.

dom	seg	ter	qua	qui	sex	sáb
dia.						

- Rodrigo José Gomes Duarte, 9 ano B
- Colégio de Aplicação da UFSC
-
-
-

- Na minha notícia "No PA, mais de
- 100 pessoas são repórter de trabalhos
- excertos", conto sobre o resgate de 12
- pessoas que trabalhavam em condições
- análogas à escravidão dentro de 1,8
- municípios paraenses. A maioria trabalha
- com a pecuária mas em áreas de
- constituição civil, indústrias madeireiras, agrícolas
- e comércio.
- Alguns fatores comprovam a situação
- de trabalho escravo, como um grupo de
- homens que foram encontrados as margens
- da Rodovia Transamazônica. Eles viviam
- em barracões não com um sono no teto
- Eles dormiam em rede ou em taboas
- de madeira, pedaços de terra fofa. Não
- tinham muito comida, não tinham assistência
- médica e trabalhavam por muitas horas
- em um só dia.
- Eles eram presos com direção ao
- ~~para~~ para o e apreensão do conteúdo de
- trabalho. Em um caso o trabalhador
- dava mais de 23 mil, o preço do
- apreitecho, que o empregado premi-
- ou o depois "lê-lo no conto".
- No Pará, o Ministério Público Federal
- tem 295 investigações em andamento
- sobre o crime de trabalho análogo ao

dom	seg	ter	qua	qui	sex	sáb
obs.						

- erro de acerto com a reportagem.
- É uma situação triste, porém
- valorizam mais uma codição de gods,
- do que um homem. São capazes de
- muitos pensar a morte não poro
- aumentos o furo. Talvez se eles
- pagarem junto o trabalho e renda
- de mais, se não tinha que se preceer
- po com a lei.

FONTE DA REPORTAGEM:

- g1.globo.com/ipo/poro/noticia/2015/05/mo-por
- main-de-100-pessoas-no-receptor-de-trabalho
- erro.html

Nome :Sanderson José da Luz Junior

09/06/2015

9ºano B

Notícia:

Principal insumo da indústria de cigarros é produzido com diversas irregularidades trabalhistas. Agricultores escravizados produziam para a multinacional Alliance One

Uma operação de fiscalização em Santa Catarina encontrou cinco pessoas, entre elas um adolescente de 17 anos, trabalhando em condições análogas às de escravos em uma propriedade que produzia tabaco para a multinacional Alliance One. A empresa, que em seu site informa atuar em mais de 90 países, foi responsabilizada. A fiscalização constatou ainda problemas na produção de China Brasil Tabacos, Philip Morris, Souza Cruz e Universal Leaf – também indústrias de fumo –, que foram responsabilizadas por outras infrações contra 89 trabalhadores no estado.

As cinco vítimas escravizadas realizavam a colheita de folhas de tabaco em uma fazenda no município de Grão Pará, no sudeste de Santa Catarina. Elas trabalhavam em mais de uma fazenda da região, mas não tinham a carteira registrada com nenhuma delas. Na propriedade onde houve o resgate, os agricultores não recebiam qualquer salário: no “acordo” com o patrão, trabalhavam em troca de moradia, que estava em condições degradantes.

Texto Critico:

Critica

Até mesmo hoje em dia mesmo após 127 anos após o Brasil abolir a escravidão podemos encontrar casos de escravidão em lugares onde jamais se pensaria encontrar como mostra a noticia na pagina anterior.

A escravidão é algo que ruim para a pessoa que trabalha em análogo a escravidão, ou seja trabalha em algo que hoje em dia é considerado escravidão mais é totalmente diferente da escravidão que pensamos. O que vem a nossa mente ao escutar a palavra escravidão é a forma da época da colonização.

Mesmo hoje em dia é algo que faz parte da vida de muitas pessoas não somente no brasil mais sim no mundo. É algo que me deixa triste só de pensar que as pessoas que estão vivendo nesse tipo de situação não tem nem os direitos básicos que são determinados por lei.

Anexo 8.0

Colégio de Aplicações - UFSC
Disciplina: História
Professoras: Valéria e Elisa
Turma: 9º B
Ana Paula Cabral e Mª Luísa Fernandes.

1-a) uma fonte escrita, um relato.

b) Moammar Gado Baququa; Bara, Sieria Lund.

c) 1854; 1988

d) Comodó; Revista Brasileira de História

2) Moammar foi enviado para os Estados Unidos para ser escravo, pois foi comprado, mas primeiramente passou por Pernambuco. Ele conta que passou fome, que o lugar era horrível, que ele vivia dentro de um porco, o sono e água lhes era negado, conta que muitos escravos morriam no percurso, se um deles se tornava rebelde era punido, sua carne era cortada com uma faca e que durante a viagem só chegaram a chegar duas vezes ao convés para que pudessem se lavar.

Análise de Imagem

1) O nome do pintor é Johann Moritz Rugendas, a obra foi produzida em 1835.

2- a) Do jeito como o Baquaque descreve no texto, a cena da imagem parece ser em um porto de um navio negro. b) Também há mulheres com crianças no colo, as pessoas estão vestidas ou descalças, algumas no chão, e outras sentadas na madeira, e estão acovardadas. Também tem três homens brancos carregando um negro, mas aparentemente desmaiado. E um homem pegando água por um buraco no teto. As pessoas estão com um aspecto de cansadas e tristes. Há mais homens do que mulheres. Tem homens com marcas que representam seu povo.

c) Escravos.

Relação entre texto e imagem

3- a) Contam como era a trajetória dos escravos vindos de suas terras para onde eram levados através do mar negro para trabalhar. O texto conta a trajetória de um escravo e a imagem retrata diversos escravos em um navio negro.

b) "O pão era tão baixo que não podíamos ficar em pé, éramos obrigados a nos agachar ou a sentar no chão"

c) O texto faz um relato mais detalhado sobre a trajetória de um escravo, já a imagem mostra apenas como era a rotina dos escravos dentro do navio negreiro.

d) Um queira contar mais detalhes, no texto é passada mais informação do que na imagem, que representa mais uma cena de algumas cenas que acontecerem na trajetória dos escravos.

e) Não, apesar de o texto ser contado pelo ponto de vista de um escravo que realmente viveu tudo aquilo que foi citado.

estava sempre sob vigilância e não podia sair do navio. Ele era obrigado a trabalhar muito duro e a comer pouco. Além disso, era tratado com muita crueldade pelos outros escravos e pelos marinheiros.

me souf servituz eon sup arrol cati que eang l' d
an ratneu a no narego com a setopieis comare, ig
"aãre"



Colegio Aplicação - UFSC
Alunos: João Pedro e Danielly
Data: 12/10/6 Série: 9º ano B.

Atividade

1.a) R: É uma parte de um relato. (Uma parte
escrita).

b) R: É um biografia de Mohemmah Garde
Baquagua, traduzida por Lara Silva Humold.

c) R: No ano de 1988

d) R: Foi publicada na Revista Brasileira de
História, São Paulo.

2.R: Porque ele tinha que viajar para a America
Portuguesa, onde seu destino era ser escravidão.
Ele descreve a viagem como um longo caminho
dito " [...] fomos acorrentados uns aos outros
e amarrados com cordas pelo pescoço e astim
arrastados para a beira-mar [...] ", descrevendo
essa fase percebemos que a viagem não estava
muito boa.



Cupcake



3.a) R: Os portugueses, dizem "compradores" ou "vendedores" destes escravos.

b) R: Ele usava para estes indivíduos que se colocavam no lugar dos escravos, para poder sentir a mesmas coisas que eles sentiam, no caso, seu sofrimento, saudades, dores etc...

4.a) R: "Haja apenas um lugar um lugar mais feliz que o do negro, e esse é o lugar é aquele onde os donos de escravos e seus laiaos muito provavelmente se encontrão algum dia quando, ai de mim será tarde demais, tarde demais!"

b) R: "A unica comida que tivemos durante a viagem foi milho velho cozido."

c) R: "Eu sofria muito por falta de água, queria, mas era negada na medida de nossas necessidades."

d) R: "Um quartinho por dia era tudo que nos permitiam e cada mais. Muitos escravos morreram no percurso."

5.R: "Desembarcamos a alguma milhas da cidade, na casa de um fazendeiro, que era



Cupcake

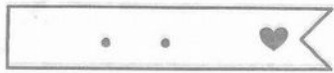


virada como uma espécie de mercado de artesanato.
O fazendeiro tinha uma grande quantidade de
artesanato e não demorou muito para que eu o
presenciasse empregando livremente meu nicho
como um rapaz. Isso, como causar-me uma
impressão profunda pois é claro, imaginei que
sem breve este seria o meu destino. Oh! Não tardou,
oi de mim, para que meus sonhos se realizassem.
[...]"



Cupcake

Luana 9ºB



Atividade

1) a) Um Relato histórico

b) Mahemmah Qardo Baquagua

c) 2010/10

d) Em um site, <http://historiaautocomhecimento.com.br>.

2) Ele resigava pois ele foi comprada e era um escravo ele tra abusada a ~~praxar~~ ~~praxar~~.

3) a) Ele se refere ~~apenas~~ ~~aos~~ aqueles que são a favor da escravidão.

b) Que passou pelo o que ele passou

4) a) Era grande, tinha muitas escravos.

b) Milha velha asido e água

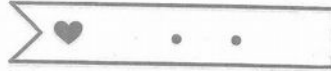
c) De eles se levantarem eles eram esfaqueados e a comida era de má qualidade

d) Não era permitida nada.

tilibra



Até mais



5) Eles ficaram sem comida o dia inteiro e foi um dos piores dias.

1) Johann Moritz Rugendas foi produzido em 1835

2) São escravos em um navio negreiro.

a) Em um navio de madeira e tem camas muito ruins para os escravos dormirem

b) tem mais homens e tem dois homens brancos e uma mulher com uma menina (ouanga)

c) Os escravos

3) a) ~~Os escravos estavam em um navio de madeira e tinham camas muito ruins para dormirem. Além disso, não tinham comida suficiente para sobreviver.~~

Sim pois mostra exatamente o que Baquagua estava falando

© Disney

tilibra



12.06.15



Geleias de aplicações / UFSC
Delimitação: Soderin e Rubelka P-B

Análise de Imagem
1) Johann Moritz Rugendas, via
produzida em 1835.

2) É utilizada em "jornala" ou em
lugares fechados, ela está somente
com um pano no patto in-
tinos, é uma ventrada naquela
espaga uns argentes, com uma
luz.

3) Onde eles mantem os sacros pre-
sos, uma rede, e eles dormem tudo
maior do outro separados, por
molinas, e alguns dormem no
chão.

4) Eles se tem um pano cobrindo,
grande maioria e homens, todos negros
e três pessoas brancas chegando
para levar o que manuseiam que
está ali.

5) Os escravos montados presos no porão,
e os outros três brancos tirando
uma escravidão que aparenta estar mor-
to e eles estão retirando ele.





31.08.21

31

a) Os dois possuem no período da escravidão

b) "Fomos arreemessados, nus, para o colégio, os homens apinhados de um lado e as mulheres de outro. Operação em tão baixo que não podíamos ficar em pé, e fomos obrigados a nos agachar ou sentar no chão.

c) A diferença é que os do relato nunca tinham visto pessoas brancas e a imagem mostra três pessoas brancas, já eram acostumados.

d) Sim, os dois relatam a mesma coisa, os escravos no parágrafo de memória mostra como eram tratados os escravos.

e) Sim, a do Malimambé pois conta exatamente o que ele viu ali no período da escravidão, aliás porque ele era escravo.



Rodrigo e Daniel 9 ano B
 Colégio de Aplicação da UFSC

Análise de Documentos:
 Mahommed Cabulo Baquaque

- 1-a) Uma fonte escrita (biografia)
 b) Mahommed Gordo Baquaque
 c) 1988
 d) São Paulo

2) Ele tem que seguir porque o destino dele não é ali, ele foi comprado e tem que ir para o lugar onde foi destinado para ele.

- 3) a) An pensar que opoiam a escravidão
 b) Ele negava que ele ficarem no porão de um navio negreiro para sentir no pele o que os escravos sentem.

4) a) "O Porão era tão baixo que não podíamos ficar de pé"... "Oh! A repugnância e a imundície daquele lugar haviam-se aunes vezes apogador do minha memória"...

b) "A ^{comida} Único que tivemos durante a viagem foi milho velho cozido... Sobríamos muito por falta de água, que nos era negada na medida de

nossas necessidades." "ficamos sem comida e sem bebida o dia inteiro."

c) "Muitos escravos morreram no percurso. Houve um pobre companheiro que ficou desapercebido pela sede que tentou apanhar a poça do homem que nos trazia água."

d) Só foi permitida se lavar duas vezes durante a viagem.

e) Quando ele chegou tinha um rapaz apanhando com um chicote e que não demoraria a ser ele.

Análise de Imagem

1) O pintor é Johann Moritz Rugendas a imagem foi produzida em 1835.

2) Na imagem pode-se mostrar vários escravos em um navio negreiro, que parece um local bem pequeno, mas que tem vários escravos. Parece também ter alguns senhores. Tem um escravo recebendo uma porção de água que talvez tenha que dividir com todos os outros. Uns escravos têm caras tristes outros parecem ter expressões de que nem se importam mais com o fato de se tornarem escravos. A maioria dos escravos são homens.

3) a) As dois temas abordam escravos em um navio negroiro.

b) "Fomos arremessados, nus, porão adentro, os homens apinhados de um lado, mulheres do outro. O porão era tão baixo que não podíamos ficar de pé, éramos obrigados a nos agachar ou a sentar no chão."

c) Da para ficar em pé na imagem, os homens estão junto das mulheres. Nem todos os escravos estavam ocorrentados na imagem.

d) Rugendas queria mostrar o navio negroiro por sua visão, ou por sua memória, já Baquagua queria mostrar os horrores do navio negroiro.

e) Não, cada fonte tem sua importância. A de Baquagua mostra o que um escravo pensa e vê diferenças no seu modo de vida com os brancos. A pintura de Rugendas mostra o que uma pessoa que não foi escravo pensa sobre eles.

1) a) "O porão era tão baixo que não podíamos ficar de pé..."

"A Única que tivemos durante a viagem foi muita água quente! / Só tínhamos muita poeira de água que nos ajudava no sentido de..."

2/27/21

c-1) Eram jogados ao mar ninos caso desobedecessem.

d-1) Não podiam ficar de pé.

e-1) muita dor e brutal violação de lares.

II
1- Johann Moritz Rugendas, 1853

2-1) Retratam de um navio negreiro cheio de mulheres, crianças e homens.

b-1) Muitos estão com medo mais outros estão calmos.

c-1) Africanos e alguns traficantes de escravos.

3-1) Sim, a imagem se trata de escravos assim como o relato.

b) A parte que ele discute os homens do porão de um barco negreiro, que ele fala que o porão era tão baixo que não podiam ficar de pé, que eles não podiam dormir direito e seu refugio não era como na imagem.

c) Em qual não tem muita diferença, só que na imagem eles podiam ficar de pé, tinham comida, e não era repleto de mulheres de um lado e homens do outro, e na imagem eles pareciam ter roupas e serem a serem.

d) Rugendas queria retratar como que é a vida em um porão negreiro e Bagequa queria retratar como que é a vida de um escravo.

tilibra



3) a) domo de escravos e seus laivos
b) Sugere que se coloquem no lugar de um escravo no porão de um navio negreiro, apenas por uma viagem, ele acredita que após isso suas opiniões e sentimentos relativos a escravidão se modificariam de algum modo.

4) a) "O porão era tão baixo que não podíamos ficar em pé (...)" "(...) imundície daquele lugar horrível nunca mais apagadas de minha memória." "Fui colocado no mais horrível de todos os lugares."
b) "A única comida que tivemos durante a viagem foi milho rebo cozido." "Sofriamos muito por falta de água, que nos era negada (...)" "Ficamos sem comida e sem bebida o dia inteiro."

c) "Fomos arreMESSADOS nus, porão adentro, os homens apinhados de um lado e as mulheres de outro." "Apenas duas vezes durante a viagem nos permitiram subir ao convés para que pudéssemos nos lavar." "Ficamos sem bebida e comida o dia inteiro."

d) "(...) o sono nos sendo negado devido ao confinamento de nossos corpos." "Um quartilho por dia era tudo que nos permitiram e nada mais." "Quando qualquer um de nós se tornava rebelde, sua carne era cortada com uma foice e o corte ungido com pimenta e vinagre para torná-lo pacífico (!)." "(...) deveríamos permanecer em silêncio absoluto, sem clamar algum, sob essas condições estaríamos em perigo."

PESQUISAR MAIS SOBRE ESSA MATÉRIA:


credeal



DATA

5) Apresentava o início ao narrar a cena, conta o tempo que sentiu ao ver um fazendeiro chicoteando um escravo.

[Faint, illegible handwriting on lined paper]

 PESQUISAR MAIS SOBRE ESSA MATÉRIA:

